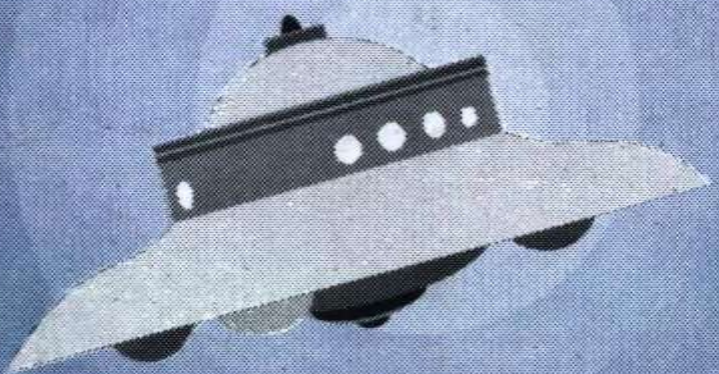
MINHA ODISSÉIA EM NAVES EXTRATERRENAS



Oscar Magocsi

FREITAS BASTOS

LIVROS QUE NÃO PODEM FALTAR EM SUA BIBLIOTECA

A VIDA NO PLANETA MARTE
(Obra psicografada por Hercílio Maes)
Ramatis

Esta obra de Ramatis, embora focalize a vida da humanidade de outro planeta, não é, conforme pode parecer, uma novela cinematográfica ou história de ficção. Ao contrário, a substância é de realidades absolutas, que impressionam e deslumbram. O seu extenso capítulo sobre os discos voadores contém uma série de revelações técnicas e científicas que, no futuro, serão reconhecidas.

PSICOBIOFÍSICA NOS PROBLEMAS HUMANOS
Henrique Rodrigues e Hilda Fontoura Nami

A Ciência, em qualquer ramo do conhecimento humano, não pode restringir-se a um pequeno grupo de privilegiados, um "Olimpo" de sábios deificados pela Humanidade, mas não compreendidos e isolados dela. Deve popularizar-se, chegar ao conhecimento da maioria, sobretudo as chamadas Ciências Humanas, a fim de que possa auxiliar o homem a viver melhor. Entre as investidas da inteligência, apresenta-se agora a Psicobiofísica, que penetra num campo ainda pouco explorado, utilizando-se de rigorosa metodologia e excelente instrumentação. Nos moldes dos mais exigentes critérios comprobatórios, demonstra a existência de outras dimensões do ser humano, faculdades e potencialidades, origem e destinação, constituição física e psíquica, e acima de tudo, conscientiza-o de sua indestrutibilidade. Este é o objetivo do presente livro. Fornecer informações precisas aos que se interessarem pelo conhecimento aprofundado de si mesmos e da natureza em que são inseridos.

MINHA ODISSÉIA EM NAVES EXTRATERRENAS

MINHA ODISSEIA EM NAVES EXTRATERRENAS

OSCAR MAGOCSI

MINHA ODISSÉIA EM NAVES EXTRATERRENAS

Tradução de
Ciro M. Barroso

LIVRARIA FREITAS BASTOS S.A.

R. 7 de Setembro, 127/129 - 20050-002 - Rio de Janeiro - RJ
R. Maria de Freitas, 110-A - 21351-010 - Rio de Janeiro - RJ
R. 15 de Novembro, 62/66 - 01013-000 - São Paulo - SP

MINHA ODISSÉIA EM NAVES EXTRATERRENAS (do original canadense "My Space Odyssey in UFOs")

Oscar Magocsi

Tradução: Ciro M. Barroso
Supervisão Gráfica: Hélio José da Silva
Capa: José Roberto de Oliveira
Revisão: Salvador Pittaro
Editoração Eletrônica: Roberto Alves José

Copyright (c) 1979 Oscar Magocsi
1ª edição: 1980, UFO Media Publication, Canadá
2ª edição: 1985, Quest Group Publications, Canadá
1ª edição em português: 1993, Freitas Bastos

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS — Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sob quaisquer formas ou meios, mecânicos ou eletrônicos, inclusive fotocópia, gravação ou outros sistemas de informações, sem autorização, por escrito, do Editor.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

823
M211m Magocsi, Oscar
[My Odyssey in UFOs, *Português*]
Minha odisséia em naves extraterrenas / Oscar Magocsi; tradução Ciro M. Barroso. — Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1993.
226 p.: il. ; 21 cm
Tradução de: My space odyssey in UFOs
I. Título

NOTA PARA O LEITOR

Se você era um dos sete peregrinos nessa Odisséia, ou se você teve experiências similares, ou mesmo outro tipo de encontros com naves extraterrenas, eu gostaria de saber algo a seu respeito, e conhecer sua estória.

Talvez suas aventuras e descobertas possam ser postas num outro livro, desde que eu venha a receber material com créditos suficientes seus ou de outros.

Um possível novo livro poderia ajudar a se descortinar mais luz ou mostrar outros aspectos importantes do grande mistério extraterreno.

Que a paz esteja com você, amigo

Oscar Magocsi

Por favor, escreva para:
Quest Group Publications
Box 215, Station Q.
Toronto, Ont. M4T 2M1 CANADA

NOTA DO TRADUTOR

Para muitos leitores este livro poderá sugerir, de imediato, uma obra de ficção científica. Entretanto, é chegado o momento de se avaliar as coisas na perspectiva inversa: as obras de ficção científica podem estar reproduzindo — em graus diferentes de aproximação — experiências verdadeiras vividas por pessoas de nosso tempo, ou antecipando vivências de um tempo futuro, das quais esta obra é um exemplo.

De um ponto de vista puramente lógico, ambas as hipóteses fazem sentido. Para se assegurar a veracidade das experiências de contato com extraterrenos, temos atualmente o trabalho de especialistas espalhados no mundo inteiro. No caso de Oscar Magocsi, suas experiências são corroboradas por sua biografia transparente (vide "Sobre o Autor"), por não ter fundado nenhuma seita ou companhia de exploração comercial para divulgar seus contatos, continuando a exercer sua profissão de técnico na rede de televisão CBC canadense, e por estar freqüentemente presente nos simpósios organizados pelos especialistas, a exemplo do Congresso Internacional de Ufologia de Frankfurt, em 1989, quando se entrevistou com a pesquisadora brasileira Irene Granchi.

PREFÁCIO

O fato de você ter este livro nas mãos não é nenhuma coincidência. E este não é simplesmente um livro a mais, e sim uma transmissão codificada dos Seres do Espaço para você. Estou convencido de que, na maior parte, eles assumiram a redação do livro através de mim. Há significados encobertos e indicações entremeadas de modo sutil dentro do arranjo geral, submersos em muitas passagens – especialmente nos três últimos estranhos e desconcertantes capítulos. A "decodificação" deles pode dar lugar a vislumbres dramáticos, e mesmo a sugestões pessoais num possível papel futuro que você venha a ter nos próximos desdobramentos dos eventos cósmicos. A leitura de certas partes pode desencadear uma resposta empática, colocando-o diretamente em contato com o circuito dos Seres do Espaço. Em qualquer caso, você está embarcando em um novo curso de descobertas; portanto, mantenha a mente aberta!
Boa sorte e boa viagem...

O Autor

ÍNDICE

Nota para o leitor		V
Nota do tradutor		VI
Prefácio		VII
Cap. 1	Avistamentos	1
Cap. 2	Indícios na cidade	16
Cap. 3	Contato	33
Cap. 4	Vôo de reconhecimento	48
Cap. 5	Vôo pelo mundo	61
Cap. 6	Espaço exterior	84
Cap. 7	Viagem cósmica	99
Cap. 8	Planeta estrangeiro	117
Cap. 9	A missão dos extras	142
Cap. 10	Inversão zero	166
Cap. 11	No reino paradoxal	183
Cap. 12	Transcendência	198
Apêndice do autor		218
Apêndice do editor canadense		222

ÍNDICE

Nota para o leitor		V
Nota do tradutor		VI
Prefácio		VII
Cap. 1	Avistamentos	1
Cap. 2	Indícios na cidade	16
Cap. 3	Contato	33
Cap. 4	Vôo de reconhecimento	48
Cap. 5	Vôo pelo mundo	61
Cap. 6	Espaço exterior	84
Cap. 7	Viagem cósmica	99
Cap. 8	Planeta estrangeiro	117
Cap. 9	A missão dos extras	142
Cap. 10	Inversão zero	166
Cap. 11	No reino paradoxal	183
Cap. 12	Transcendência	195
Apêndice do autor		218
Apêndice do editor canadense		222

Capítulo 1

AVISTAMENTOS

A seqüência de eventos apresentada neste capítulo ocorreu nas seguintes datas: 21/set./74 às 23.45; 22/set./74 às 23.30; 23/set./74 às 3.15. Os eventos que se seguiram resultaram nas mais fantásticas experiências, dando abertura a mundos inteiramente novos e grandiosas perspectivas cósmicas. Talvez possa parecer que eu estivesse por acaso no lugar certo na hora certa: todavia não posso deixar de pensar – terá sido simplesmente uma questão de sorte ou acaso fortuito?

Naquele memorável sábado, tendo deixado Toronto já bem para trás, seguia para o fim-de-semana em meu pedaço de terra perto do Rio Muskoka, em Huntsville, região de Ontário. Embora minha "propriedade de férias" não seja nada de que possa me gabar, tenho ainda grande afeição por seu despretensioso aspecto rudimentar. Ela é um acre e meio de colina pedregosa, coberta de modo liberal por pinheiros e abetos, cercada por bosques. Não consigo nem mesmo entrar de carro, tendo que estacionar em ângulo, bem junto à via pública empoeirada, e então subir bastante até uma clareira num platô rochoso. Lá eu tenho um galpão onde guardo meus

acessórios de acampamento e sacos-de-dormir, para pernoite. O local para fogueira fica alguns passos mais longe, junto à borda do platô rochoso, dando vista para a estrada poeirenta. O lugar domina uma vista panorâmica sobre o topo de árvores que se estende através do vale do rio até uma encosta de morro a um quilômetro e meio de distância. Daquele lugar favorito eu posso observar o Sol se pondo bem longe depois dos cumes longínquos, e ver um automóvel ocasional deslizando estrada poeirenta abaixo. Voltando-me posso ver a linha ascendente de árvores gigantes na colina íngreme, que quase envolve minha clareira no platô.

Alguns poucos anos antes, eu adquirira o pedaço de terra num impulso, porque instantaneamente me apaixonara por seu charme solene. Algumas pessoas o consideravam totalmente inútil para qualquer construção "civilizada" ou intenções paisagísticas, o que era verdade. Mas o pedaço inútil de *nonsense* romântico provou ser capaz de se tornar o mais útil em "escapar de tudo isso" para mim. Lá eu podia ver o tempo passar, profundamente contente com tarefas simples, como abrir picadas morro acima dentro do bosque, construir escadarias e amuradas para terraços mais altos sem nenhum motivo particular, ou trabalhar em maiores projetos similares de total desimportância. Construí ainda uma plataforma de madeira um pouco elevada, para servir como *deck* para sol durante o dia e para ser duplamente usada como "*deck* de observação" para me sentar nas noites claras e maravilhar-me diante do céu iluminado de estrelas.

Aquela noite memorável de setembro foi o começo de tudo. Eu estava sentado, tarde da noite, junto à fogueira. Encontrava-me meio perdido nos pensamentos, apenas meio entretido com as chamas bruxuleantes. A noite apresentava-se clara e fria, porém amigável. De vez em quando me

O Autor em seu terreno de Muskoka, em Huntsville, região de Ontário.

levantava a fim de apanhar uma outra tora de madeira para alimentar as chamas. De repente me senti como se estivesse sendo observado. Nenhuma alma ao alcance; já era bem depois da hora do sono. Ninguém por perto – assim eu acreditava – e contudo não era capaz de sacudir o sentimento de alguma atenção impessoal sendo focalizada em mim. Embora me tivesse sentado ali ou caminhado em volta muitas vezes antes, nunca experimentara nada como aquilo. Não era atemorizante; era, ao invés, uma sensação suave, persistente, como se eu estivesse sendo examinado não por alguém, mas por alguma coisa. Pus-me de pé e caminhei para longe do círculo do fogo. A sensação de estar sendo observado ainda persistia, quase como se alguma coisa estivesse tentando ler minha mente. Depois que meus olhos se acostumaram na escuridão em volta, lentamente fui capaz de distinguir os pontinhos de luz das estrelas acima. Então gelei e perdi a respiração de surpresa. Uma luz de fulgor laranja fraco pulsava diante de mim, vindo do alto, no ar. A luz parecia estar simplesmente pendurada ali, algumas dezenas de metros acima do bosque. Ela estava talvez até a quinhentos metros distante, no lado do cume oposto, sem fazer ruído. Então, a cor da luz misteriosa lentamente modificou-se para um verde-azulado-pálido, e de novo voltou ao laranja. Instantaneamente eu sabia que aquilo era a "alguma coisa" que me observava. Eu estava também convencido de que tinha que ser um dos assim chamados *ufos!* Simplesmente não havia nenhuma outra explicação sensata.

Postei-me tomado de espanto por um bom período, não ousando mover um músculo, evitando que o *ufo* se assustasse e fosse embora, em seguida apertando os olhos em vão, tentando captar algum detalhe. De alguma forma eu sabia positivamente que "aquilo" estava ciente do que ocorria em

mim. Embora soubesse que eu não poderia ser visto na escuridão, resolvi – o azar que fosse – levantar os braços e acenar um cumprimento para a luz. Para grande surpresa minha, o *ufo* piscou rapidamente umas vezes, como se reconhecesse meu gesto. Então começou a subir verticalmente, quase se perdendo de vista. Daí voltou a descer de novo, num movimento lento, como de folha caindo, parando no mesmo lugar. Não se demorou: depois de dois novos piscares, ele se projetou longe, muito rápido, num arco ascendente, logo desaparecendo na escuridão aveludada do céu cheio de estrelas.

Eu estava inteiramente tocado pela sensação do profundo mistério por trás daquela luz do *ufo*, de ela ter estado me "testando" em pessoa, e seu breve vôo de demonstração. Eu não achava que todos os piscares e manobras fossem meramente coincidências desconectadas. Decidi me manter em alerta por um tempo, esquadrinhando o céu por alguma luz que se movesse. A fogueira quase se apagou, mas eu perdera interesse nela. Estava mergulhado nos pensamentos, deslumbrado diante das estrelas, olhando absorto uma estrela cadente que subitamente parou e começou a se projetar para cima. Para cima? Bom Deus! Provavelmente seria uma outra demonstração de vôo do *ufo*, supus. Após isso, não houve mais nenhum avistamento incomum pelo tempo restante. Já era bem tarde quando, relutantemente, interrompi minha vigília. Então me preparei para a noite, envolto pelo meu saco-de-dormir. O apagar da consciência veio surpreendentemente rápido, apesar de meu estado ainda agitado. Meu sono foi bastante inquieto, porque não parei de sonhar com alguma coisa sem forma tentando se comunicar comigo, mas fui incapaz de captar algo mais que uma intenção persistente a mim dirigida.

– O Sol já estava alto quando acordei na manhã seguinte. Depois de um vigoroso café-da-manhã, preparado no fogão de campo, desci para mexer com alguns trabalhinhos de carpintaria e, posteriormente, cortar lenha para a próxima noite. Passar o tempo dessa forma nunca parecia ser um desperdício para mim. Ao contrário, era sempre uma maneira de satisfazer alguma necessidade profunda, revigorante, inspiradora. Para dizer a verdade, daquele ponto de vista vantajoso, era minha rotina urbana na distante Toronto que parecia tola e um desperdício. Algumas vezes eu fazia longas caminhadas nos bosques, descendo os diversos lugares cheios de sonho, ou subindo a crista enfileirada de árvores até o cume; em seguida, colina abaixo, até a vastidão da "terra aonde não vai ninguém". Esta é, na verdade, terra de outro alguém com muitos milhares de acres de abetos e pinheiros, plantados para serem árvores-do-natal, com algumas clareiras rochosas e umas poucas estradas para o transporte dos troncos. Durante as caminhadas aconteceu de eu encontrar três lugares bastante incomuns, com certa qualidade "mágica" em torno deles. Mágica no sentido de que deles emanavam, respectivamente, ou uma tranqüilidade calmante, ou uma força revigoradora, ou uma assustadora sobrenaturalidade, com perímetros de inclusão bem definidos.

O lugar "tranqüilo" está situado dentro de meu próprio pedaço de terra, num platô descoberto, uns cinco metros acima da estrada poeirenta, onde posso me entregar aos mais pacíficos devaneios por várias horas de cada vez. Logo após, sempre me sinto rejuvenescido e com um foco mais aguçado. O lugar de "força" está uns duzentos metros afastado numa clareira na "terra aonde não vai ninguém". Lá tenho a sensação, às vezes, como se potentes energias vindas

do solo fluíssem em torno de mim e através de mim, como uma espécie de recarga de todo meu sistema, proporcionando força substancial. Apenas uma vez detectei alguma coisa estranha fora do comum – um leve tremor veio do chão debaixo dos pés, seguido por uma série de palpitações suaves, que me fizeram ir embora intrigado e assustado.

O lugar "sobrenatural" também se encontra a uns duzentos metros de meu pedaço de terra, porém numa outra direção, completando um triângulo. O lugar está ao final da crista do morro, com boa visibilidade em todas as direções. Ficando-se ali sentado ao crepúsculo ou sob o luar, diversas modificações sutis parecem ocorrer em porções da majestosa paisagem ou mesmo no próprio ar. Essas modificações se mostram como diferentes colorações e configurações em certos momentos, enquanto que carregam estranhas vibrações sonoras, como se viessem de um outro mundo. Estranhas, quando ocorrem, o que não se dá sempre.

Embora me mantivesse ocupado com pequenos afazeres quase o dia todo, minha mente continuou fixando-se nos estranhos acontecimentos da noite anterior. Finalmente, eu estava me preparando para outra vigília noturna, na expectativa de ver algo mais da atividade *ufo*. Para minha grande decepção, no final da tarde começou a chover pesado, sem nenhuma promessa de estiagem próxima. Sentindo-me um pouco intranqüilo, entrei no carro e o dirigi até o povoado próximo de Huntsville. Lá passei o tempo folheando livros e revistas numa loja de variedades, e depois fui ver um *show* na sala de espetáculos do teatro local.

Era em torno das vinte e três horas quando saí da cidade, de volta para meu pedaço de terra. Embora tivesse parado de chover algum tempo antes, o ar estava bem úmido e o nevoeiro se deslocava em tufos através da estrada quase

deserta. Sendo tarde da noite de um domingo, todos os que têm chalés de fim-de-semana deviam ter-se retirado para a cidade. Já que eu não precisava retornar a Toronto até a noite de segunda, originariamente tinha planos de ficar apenas mais uma noite nos bosques. Embora com alguma sorte – o frio e a umidade agora cessavam – a estada não prometia ser agradável. Não haveria fogueira, certamente. Além disso, as perspectivas eram diminutas para algum avistamento *ufo,* com a baixa visibilidade.

Deixei a rodovia, entrando na estrada poeirenta cheia de curvas que vai dar em minha terra. Menos de um quilômetro depois da rodovia, a estrada desce por uma curva em agudo declive até a ponte de pista única sobre o Rio Muskoka. Diminuí a marcha até quase o arrasto antes da descida, tentando captar a vista do vale abaixo. Os tufos esfarrapados de névoa pareciam estar se dissipando. Subitamente escutei um estalido, e, em seguida, uma luz fantasmagórica e difusa esverdeada cobriu o chão, vindo de cima. Simultaneamente, o motor morreu. A luz foi ficando cada vez mais forte, como se sua fonte estivesse se aproximando vindo por trás, pelo ar. Assim que pus a cabeça para fora para ver melhor, uma simples rajada de vento limpou a névoa fina, e a fonte de luz surgiu nítida, quase silenciosamente. Era um objeto em forma de disco, com uma irradiação forte amarelo-verde em torno de uma luz azul pulsante no centro. Definitivamente, algum *ufo!* – concluí. Ele estava, talvez, a umas poucas dezenas de metros no alto, uma aparição difusa sem detalhes, e produzindo um som ronronante muito fraco, enquanto lentamente voava através do vale. Então parou no ar, flutuando acima do morro próximo, aproximadamente sobre o lugar onde se situava meu pedaço de terra. Bom Deus! – pensei. Aquilo iria descer lá? Pretendia fazer-me uma visita.

ou o quê? Enquanto flutuava, sua radiação tornou-se laranja e pulsante, como se estivesse tentando examinar alguma coisa ou alguém abaixo. Talvez eu devesse correr até lá para vê-lo de perto. Tentei a chave de ignição – mas o estúpido carro não dava partida. Muito ruim, mas talvez não fosse o caso de correr, afinal.

A tremenda onda de excitação que inicialmente tomara conta de mim estava agora regredindo rapidamente, até um estado de calma e distanciamento. Logo a irradiação laranja pulsante chegou quase a me embalar num estado de sonolência. Por sorte, os tufos ocasionais de névoa, que ainda passavam, obscureciam o disco flutuante de vez em quando, caso contrário eu poderia ter caído no sono.

O disco então modificou seu brilho, de volta para um esverdeado constante, em seguida movimentou-se, entrando e saindo de vista para além do morro, num arco descendente, como se fosse pousar na "terra aonde não vai ninguém"! No mesmo instante minha sonolência desapareceu de súbito, e senti uma excitação e uma curiosidade renovadas correndo pelo meu corpo. Tentei a chave de ignição de novo e dessa vez o carro deu partida, sem falhas. Deixei o motor funcionando, mas decidi ficar no lugar e esperar um pouco por novos acontecimentos. Nada ocorria, entretanto; então, desisti da vigília depois de dez minutos, pensando em me dirigir até o morro onde o *ufo* desaparecera, na esperança de uma vista frente a frente, se ele realmente tivesse pousado ali. Mas no momento em que decidi ir e investigar, outra parte de mim começou a levantar todo tipo de temores e objeções.

Comecei a refletir acerca de minhas estranhas reações. Primeiro, a desordenada sonolência, a despeito da excitante circunstância; depois, sua súbita desaparição, que coincidiu

com o disco modificando suas pulsações e pondo-se fora do alcance da vista. Em segundo lugar, o desencadeamento de sentimentos negativos muito fortes que tentavam atenuar minha curiosidade investigatória. Eram essas reações, de alguma forma, induzidas em mim pelo *ufo*, quer deliberadamente ou por acidente? Relembrando a sensação de ter sido observado e mentalmente testado na noite anterior, decidi que havia uma ordem bem definida nessas coisas, possivelmente com alguma razão bem definida por trás delas. Pois tudo aquilo, sem dúvida, dava impressão de tentativas de manipulação telepática, por fantástico que possa parecer. Bem, deduzi mentalmente, interferência de assombração ou não, ainda assim eu deveria ir ver as coisas por mim mesmo – viessem demônios ou sereias. Assim, embora me sentisse cada vez mais nervoso, minha teimosia inata foi vencedora enquanto dirigia ladeira abaixo, atravessando a ponte. Num desvio adiante, quase atropelei uma forma grande e escura que bloqueava a interseção. No mesmo instante fui momentaneamente cegado por um feixe único de farol laranja, que cobriu meus olhos, vindo da forma volumosa. Joguei o carro para o lado e parei – embora devesse ter parado de qualquer forma, pois o motor morrera de novo. O poderoso feixe de farol se apagou, deixando apenas uma pequena porção de meus faróis virada para fora da estrada, produzindo uma reflexão fracamente perceptível sobre o obstáculo escuro.

Até onde eu era capaz de distinguir, a massa volumosa parecia vagamente um motociclista salpicado de estrelas com um capacete bem extravagante e óculos de proteção telescópicos, sentado num tipo de carro para neve. No verão? Essa fora então minha primeira e quase automática impressão. Depois, quando meus olhos estavam mais bem acostumados à escuridão, dei uma segunda olhadela bem demorada

da. Dessa vez verifiquei que minha percepção fora um esboço insuficiente, e que minha mente involuntariamente tentara fazer uma interpretação em termos familiares, como alguém que imagina desenhos significativos num apanhado aleatório de manchas de uma velha parede. Isso tudo quanto a uma observação humana "objetiva".

Fui surpreendido por uma voz que veio do vulto volumoso, dirigindo-se a mim:

– Toda essa correria tem algum motivo?

– Bem, interprete como quiser, estou atrás de um *ufo* que acabou de sumir atrás do morro – retorqui, quase aborrecido. Ele nada tinha a ver com aquilo – ou tinha, talvez?

A resposta vinda do vulto foi num tom rico, vibrante, quase destituída de emoção. Havia algo de estranho, não-terreno, em seu som. Quase como se não fosse humano.

– Não será arriscado agir assim? Poderá haver algum perigo grave.

– Pode ser que seja, suponho, e é isso que meu melhor juízo continua me dizendo. Mas vou continuar a fazê-lo, não importa.

– Isso é ter muito sangue-frio. O senhor não sente medo?

– Bem, para lhe dizer a verdade, honestamente, estou com medo e nervoso. Contudo, sendo cabeça-quente e decidido, o que mais haverá para ser feito por um maníaco com grande auto-respeito como eu? – tagarelava ansiosamente, detestando-me a mim mesmo por fazê-lo. Eu certamente não tinha sido fisgado. – É como a curiosidade que matou o gato, aquela estória, o senhor me entende – ainda acrescentei.

– Não entendo o que o senhor quer dizer. O senhor usa palavras incomuns. O que percebo é que está determinado

a prosseguir e ver por si mesmo, não importando as possíveis conseqüências.

"Ele deve estar brincando comigo", pensei revoltado. "Ninguém fala desse modo – a não ser que seja um imbecil engraçadinho metido a esperto, ou um genuíno ufonauta extraterrestre, ou um robô desgraçado saído de um filme ruim, ou um centauro maluco num trenó último-tipo, ou seja o que for – ou o que – o quê?" Me esforçava para me impor mais alerta. Sonolência parecia se insinuar sobre mim sem aviso prévio. Pensei: "Tenho que observar bem essas coisas, e não devo olhar para o aparelho maluco como um transístor de rádio pendurado no peito desse sujeito, seja ele quem for, que parece emitir uma irradiação laranja bem fraca e pulsante".

Olhei em volta. Que iria dizer? Não importava, pensei. Me sentia cansado, querendo dormir. Que diabos, afinal, estaria eu fazendo ali; por que, ao invés, não ir dormir?

Então tentei me empertigar, dizendo desafiadoramente:

– Siga com suas conclusões, meu caro,* seja qual for o seu caso. Certo ou errado, gostaria de decidir por mim mesmo, e sem interferência indevida. A propósito, qual disse o senhor ser o seu nome?

– Siga em paz, meu caro *– veio a resposta, item por item, num tom comedido, ignorando meu insulto, pacientemente informativo. – Respeito seu espírito independente. Desejava apenas preveni-lo, porque muitas coisas estranhas têm acontecido por estes lugares. Já que vivo por aqui, estou bem informado. E a propósito, não disse qual o meu nome.

No meio de sua resposta minha sonolência, subitamente, se foi. Refleti, estivera apenas imaginando coisas um

* Jogo de palavras no original: *Piss on you vs. Peace on you.*

minuto antes e reagira fora de controle, me confundindo com complicações histéricas? Realmente, não importava. Talvez fosse mais sábio de minha parte não meter o nariz, pensei, já satisfeito por esta última idéia ter surgido de meu livre arbítrio. A não ser que ela fosse mais um sutil e telepático ardil para tapear meu juízo. Não era, concluí, pois me encontrava novamente em completo controle de minha pessoa.

– Acho melhor então seguir minha trilha, nessas circunstâncias – disse eu, finalmente. – Mas, sem dúvida, gostaria de aprender mais acerca de todo esse mistério *ufo!*

– O senhor aprenderá no devido tempo, estou certo.

– Quando, então?

– Logo que as condições sejam favoráveis. Não demorará muito, pode ficar tranqüilo. O senhor será então contatado...

Tentei digerir essas ambigüidades, mas parecia não haver nenhuma razão em pressionar em função de algo mais específico, o que incluía sua evasiva em dizer seu nome e a vaga referência acerca de "viver por aqui". A não ser que ele se prestasse a revelar algo sobre si mesmo ou sobre o que tinha conhecimento, não havia realmente nada mais a ser dito, concluí.

Eu ainda refletia, quando o vulto simplesmente desapareceu, tendo literalmente se confundido com a escuridão. Eu devia estar bastante preocupado com meus pensamentos, pois não fui capaz de reconstituir a maneira como partiu, e nem se seu veículo emitira algum ruído ou luz. Senti-me completamente exaurido em todos os sentidos. Toda a excitação do avistamento e o encontro, minha veemente resistência interior diante de uma imposição telepática real ou imaginária, minhas especulações inconclusas acerca do estranho num vulto, sem dúvida esgotaram minhas energias. Cheguei até a me sentir, extraordinariamente, com frio e

miserável. Era, sem dúvida, o momento de dar o dia por encerrado e ir para a cama. E foi o que fiz, mas não ali e em seguida. Uma vez que me sentia desconfortavelmente exposto em minha condição de enfraquecimento, considerei muito mais inteligente arrumar todas as coisas e dirigir de volta para a colméia humana de Toronto. Dei partida no motor que tinha morrido (eu sabia que ele funcionaria; e funcionou). Ia dirigir de volta para meu pedaço de terra; arrumei a bagagem e fechei tudo em dez minutos, e depois parti. O caminho de volta através dos bosques foi sem nenhuma eventualidade, e contudo não pude evitar o sentimento de algum vago perigo ameaçador. No momento em que entrei na rodovia principal, me senti bastante aliviado.

Fiz o caminho até Toronto num tempo excelente. Uma vez em casa, e após um banho relaxante, me postei no lado de fora no balcão para tomar um pouco de ar antes de me recolher. O dia já quase nascia, e ainda assim muitas luzes estavam acesas ao longo de toda a linha do horizonte sobre o centro da cidade. O ar da cidade tinha um cheiro um pouco viciado, o ruído esparso do tráfego alcançava até meu oitavo andar com bastante intensidade. Bem, sem dúvida que não se poderia comparar com os bosques, mas na floresta de concreto pelo menos eu me encontrava seguro, fora do alcance das manipulações mentais de seres desconhecidos e de ameaças furtivas dentro da escuridão. Ou assim pensava eu, até que meus olhos foram atraídos como se estivessem sendo guiados até um pequeno brilho laranja sobre o horizonte distante. "Ó, não?", murmurei. Sem nenhum engano, o brilho se mostrava caracteristicamente como um *ufo*. Talvez fosse até o mesmo que eu vira nos bosques anteriormente. Mas talvez não o mesmo, ou pelo menos não a mim conectado

de qualquer forma. Provavelmente, aquilo era apenas uma louca coincidência.

Para afastar uma inoportuna sensação de estar sendo pessoalmente observado de novo, num impulso levantei os braços e os sacudi na direção daquele *ufo* tão distante. Até que ponto pode-se ficar paranóico? Refleti acerca de meu gesto inútil. E então veio a surpresa chocante – a luz piscou duas vezes seguidas, provavelmente para mim. Depois disso, seu brilho se modificou para um verde uniforme, em seguida o *ufo* projetou-se pelo céu acima numa incrível velocidade, fez um giro impossível de noventa graus, e então, riscando o horizonte, finalmente se apagou de uma maneira tão abrupta como se jamais tivesse existido.

Por um tempo fiquei mirando em total estupefação o ponto onde desaparecera, especulando acerca de uma série de ramificações até mim. E sem poder chegar a nenhuma conclusão, é claro; não havia nada dentro de meu poder que eu pudesse fazer acerca de todos esses desconcertantes eventos, ou acerca de seus presumíveis desígnios a meu respeito – se é que existiam, amigáveis ou não. Então eu simplesmente dei de ombros à coisa toda até segunda ordem. Dar de ombros é minha escapatória preferida, o que certamente garante um sono tranqüilo.

E aí, finalmente, caí no sono. Todavia, a despeito de minha firme resolução de ter um bom descanso, jamais tive um sono tão perturbado...

Capítulo 2

INDÍCIOS NA CIDADE

A seqüência de eventos apresentada no presente capítulo ocorreu na seguinte data: 20/fev./75, das 19.00 às 19.30.

Passaram-se semanas após minhas memoráveis experiências *ufo*, sem nenhum novo acontecimento. Certa vez fui novamente para um fim-de-semana em Muskoka, na expectativa de maiores desdobramentos, mas em vão. Ainda assim, me diverti. Desfrutei de minha última fogueira da estação, antes da habitual despedida do inverno com suas estradas cobertas de neve; desfrutei das vigorosas caminhadas através dos bosques no ar áspero e frio, enquanto tentava mentalmente recriar os misteriosos eventos e dar-lhes algum sentido. Parecia que me tornara bastante obcecado por aquele enigma *ufo*.

De volta à cidade, comecei por fazer perguntas reservadas a amigos e companheiros de trabalho acerca do tópico *ufo*. Para minha surpresa, ninguém achou o assunto estranho – ou pensavam apenas que eu me entregava a uma conversa genérica. A maior parte das pessoas com quem falei já lera ou ouvira falar sobre o fenômeno. Elas achavam que os *ufos* realmente existiam e que eram de origem extrater-

restre. Mantinham até teorias largamente divergentes e muitas vezes estapafúrdias sobre eles. Então li diversos livros que encontrei sobre o assunto, os quais ofereciam, na maior parte, listagens de histórias de casos de numerosos avistamentos e uns poucos contatos que pertenciam aos arquivos das organizações de pesquisa. Mas as descrições e teorias não eram capazes de me dar respostas satisfatórias a três questões que eu tinha em mente: que são os *ufos*?, de onde vêm?, e por que estão aqui?

Enquanto continuava procurando por outras fontes de informação, soube de uma palestra sobre o assunto a ser proferida num certo lugar chamado *Fundação Psíquica*. Ao me dirigir à *Fundação*, constatei ser a palestra apenas um relatório bem encadeado das generalidades que eu já sabia, o que pude apreciar, embora o achasse destituído de qualquer coisa basicamente nova.

Após a palestra, fiquei por perto algum tempo para trocar idéias com outros sobre o assunto. Um jovem, de nome Steve, se aproximou de mim de um modo excitado, que me pareceu um tanto engraçado.

– Perdoe-me – disse ele.– Mas tenho o estranho pressentimento de que, de alguma forma, o senhor é conectado aos *ufos*.

– Está boa a colocação, mas o que lhe terá dado essa impressão?

– Bem, me senti fortemente atraído até o senhor; foi como se sentisse que havia muito mais no senhor do que ser apenas mais um curioso entre outros. E então minha impressão foi confirmada por um tipo de imagem simbólica que "vi" com o senhor. Este símbolo aparece às vezes, quando algo de significativo vindo deles está para ser aprendido.

– Qual foi esse sinal, ou antes, imagem simbólica, como você diz, que viu em mim?

– Não tenho certeza absoluta de tê-lo visto, mas ficou-me a impressão de que o vi por instantes. É um brilho laranja fraco, pulsante. Faz muitos anos, vi uma vez um *ufo* pairando no céu, que pulsava da mesma maneira. Ele fez o motor de meu carro parar (eu me dirigia então para Los Angeles), fez, inclusive, com que eu quase pegasse no sono. Na verdade, esse incidente me salvou a vida, pois alguns minutos depois um tremor de terra deslocou seções da rodovia e fez cair a ponte à minha frente!"

– Impressionante! – disse eu. Fiquei emocionado por encontrar alguém que experimentava efeitos similares da irradiação pulsante. Refleti se deveria contar-lhe a respeito de meus encontros. Decidi não o fazer; não por enquanto, de qualquer forma. – Você acha que o *ufo* estava ali para salvá-lo, pessoalmente.

– Não, esse aspecto foi só uma coincidência. Depois me foi dito que foram os *ufos* que precipitaram o terremoto em primeiro lugar. Eles o fizeram para contrabalançar vibrações, que se aproximavam, de um gigantesco terremoto que estava para acontecer por causas naturais na *Falha de Santo André*, e conseguiram evitar esse "*grandão*". Infelizmente, ao custo de algumas vidas e do estrago de algumas propriedades, mas esse foi o mal menor entre dois males. E, incidentalmente, eles salvaram uma boa quantidade de pessoas nos locais atingidos, desviando-as por meios telepáticos, ou detendo-as, assim como eu, próximo aos locais da catástrofe.

– Uau! – exclamei. – Essa é uma história e tanto. Mas que quer você dizer com "depois me foi dito"? Os *ufos* estão fazendo isso?

– Esta é, por si mesma, uma outra estória. Conforme lhe disse, algumas vezes "vejo" aquela irradiação pulsante quando algo de novo pode ser aprendido acerca dos *ufos*. Eu a tomo como um sinal pessoalmente dirigido a mim, às vezes de alguma importância, porque "eles" parecem ter-se dedicado a me guiar pessoalmente desde aquele episódio do terremoto.

– Que quer você dizer com "eles"? Quem são eles?

– Não sei. Algum poder invisível, alguns seres por trás dessas atividades *ufo*, que se chamam a si mesmos *Psíquicos*.

– Estranho nome. Talvez isso se refira a seu modo de operação?

– Talvez. De qualquer forma, o sinal de brilho pulsante pode vir algumas vezes em meus sonhos, ou então quando totalmente desperto e em momentos estranhos. Parece como se alguém estivesse sussurrando para eu escutar, mas não consigo entender. Há três semanas, foi como se esse sinal me guiasse para um painel de discussões sobre percepção extra-sensorial, onde algumas pessoas estavam recontando suas experiências pessoais nessa mesma linha. Falei, também, a respeito da minha com o *ufo*, perguntando se alguém tinha uma explicação. Então um dos componentes do grupo, chileno ou peruano, de nome Quentin, se levantou, e me contou o que realmente aconteceu naquela vez na Califórnia.

– E você acreditou nele?

– Inteiramente. Para mim fez muito sentido. Todas as peças do quebra-cabeça a respeito do incidente com o terremoto se encaixaram. O senhor compreende, fiz alguma pesquisa após o incidente, conversando com muitas pessoas que experimentaram o tremor.

– Esse Quentin, ele lhe contou mais alguma coisa?

– Não. Ele como que desapareceu após aquela discussão de percepção extra-sensorial. Tampouco, ninguém parece saber acerca dele. A maior parte das pessoas o achou bastante extraordinário, quase como se fosse alguém de um outro mundo. Uma garota presente na discussão, uma médium espiritualista, sentiu que Quentin era de um planeta muito distante, numa outra galáxia. Bem, eu não saberia dizer nada a respeito, mas tenho o palpite de que ele é definitivamente conectado aos *ufos*, assim como tenho de que o senhor pode também ser conectado.

Eu lhe assegurei que este não era o caso – embora eu começasse a refletir sobre isso por minha conta. Por alguma vaga razão evitei contar-lhe acerca de minha experiência pessoal no verão anterior. Talvez houvesse gente demais na proximidade para escutar, de modo que me esquivei de uma possível publicidade. Ou talvez eu não tenha levado a estória de Steve suficientemente a sério, embora a achasse um tanto fascinante. Além disso, outras pessoas começaram a se meter na conversa, e logo Steve estava ocupado falando com elas. Foi aí que me retirei, sem ter sido notado, conforme achava, por Steve e pelos outros.

Muito mais tarde, porém, fiquei, por horas, a pensar em suas palavras, achando que devia ter ficado e entrado mais fundo no assunto, mesmo não estando ele de acordo com os fatos crus e as explicações completas que eu buscava. Naquela noite sonhei com brilhos pulsantes laranja, mas nenhuma "mensagem" significativa foi passada, exceto por uma voz desincorporada que se auto-identificava como um *Psíquico* e que dizia que eu brevemente seria contatado e que prestasse atenção ao sinal. Achei interessante como meu subconsciente reagiu à estória de Steve acerca das vozes em sua cabeça, mas não achei que houvesse nada de substan-

cioso em meu sonho. Afinal de contas, temos às vezes sonhos muito mais estranhos do que isso.

Uma semana ou mais após o incidente "Steve", em fevereiro de 75, um novo e interessante desenvolvimento se deu. Numa noite, a caminho do cinema, um *poster*, numa esquina de rua, chamou minha atenção. Era a respeito de uma *Feira Psíquica*, a ser realizada no Hotel Sheraton naquela noite e durante os três dias seguintes. Do *poster* constava inclusive algo sobre ufologia, de modo que resolvi dar um pulo até a *Feira* na noite seguinte ou na outra.

No momento em que me voltava para a rua, tive a instantânea impressão de um fraco brilho laranja em torno do *poster*. "Que coisa estranha!", pensei, "devo estar vendo coisas, talvez esteja obcecado demais por esse tópico sobre *ufos*, e a estória de Steve deve ter me apanhado, também".

Sacudi a cabeça para desfazer a breve "alucinação", e então fiz sinal para um táxi que me levaria para ver o filme que eu cuidadosamente escolhera para aquela noite. Entretanto, durante a viagem, não pude evitar de pensar: seria minha "alucinação" talvez o sinal real para um iminente contato a que a voz desincorporada se referiu em meu sonho?

– Aqui estamos, senhor – o motorista me arrancou de meus pensamentos. Sua voz tinha uma tonalidade vibrante, que me soava vagamente familiar. Onde já a escutara?

Olhei. Estávamos na entrada principal do Hotel Sheraton, não no cinema.

– Mas eu lhe disse para me trazer aqui? – Eu estava perplexo. Teria sido engano meu, ou mais algum acontecimento estranho a caminho?

– O contato psíquico que o senhor desejava, certo?

Suas palavras, realmente me deixaram chocado. Por que teria ele usado aquela particular sentença, *Contato Psíqui-*

co? Provavelmente tudo aquilo não era apenas mais uma coincidência. Olhei atentamente o motorista. Bem, ele parecia mais um artista de cinema, com rosto de bronze, do que um simples motorista de táxi, com sua barba impressionante e olhos verdes penetrantes. Não me lembro de ter pago a ele, ou de estar saindo do táxi. Lembro-me apenas de me encontrar sentado na recepção do hotel, tentando sair do estupor momentâneo. Prometi a mim mesmo não mais me perder novamente em pensamentos, embora ao mesmo tempo tivesse uma forte idéia de que algo estranho realmente acontecia. Minha curiosidade estava definitivamente desperta. Desci as escadas até o andar da *Feira Psíquica*, no grande salão de convenções.

A *Feira* estava lotada. Havia quarenta e tantas barracas expondo ampla variedade de promoções psíquicas e coisas afins, com cartazes chamando a atenção e material de propaganda. Me dirigi imediatamente para a barraca de *ufos* em destaque, a qual estava instalada num canto, com suas diversas fotos ampliadas e um dispositivo móvel, como se fosse um observatório – chamado de *Furgão-Ufo*.

E agora? perguntei-me, vendo aquela meia-dúzia de pessoas curiosas em torno dos painéis de fotos. Então, quase como uma sugestão, alguém atraiu minha atenção para um rapaz louro, com olhos de um azul intenso, vestido num traje moderninho discreto, que despontou de trás do *furgão-ufo*. Ele parecia emitir um forte magnetismo no momento em que me olhou diretamente nos olhos, fazendo-me sinal para ir até o canto.

– Oi, tudo bem? – ele me falou num tom abaritonado, rico, vibrante. – Será que estou detectando algum interesse especial muito forte em *ufos*?

Sua voz, como tudo mais em torno dele, parecia perfeita. Talvez tudo perfeito demais, dizia-me meu espírito de suspeita. Havia algo de extraordinário no rapaz, que eu não conseguia precisar. Além do que parecia já havê-lo encontrado antes. Até sua voz soava vagamente familiar.

– Correto – confirmei, olhando para o medalhão em seu peito, que por instantes pareceu estar brilhando na cor laranja. Não dei importância, mas tive o palpite de que ele poderia ser o homem que eu tinha de ver. Na expectativa de uma indicação, observei seus olhos quando lhe falava: – Fui *impelido* a este lugar e talvez até o senhor em pessoa, como se fora guiado.

– Então é isso? – Ele deu um sorriso inescrutável. – Bem, obrigado por ter vindo.

– Tenho a impressão de que não tive muita escolha nisso, será que tive? – disse eu, talvez com um pouco de sarcasmo.

– O senhor sempre tem escolha. As estrelas apenas impelem, nunca compelem – conforme diz a astrologia. Bem, e sobre sua experiência com *ufos*, foi no verão passado?

Sua abordagem direta ao âmago do assunto me fez estremecer. Seria aquele o contato genuíno? Ou ele seria apenas o encarregado da barraca, apenas buscando um pretexto para me vender a assinatura da excêntrica revista e a participação no clube?

– Foi em setembro último que aconteceu – respondi, decidindo manter a conversa no nível do que era dito. – Encontros muito excitantes, porém misteriosos, nada informativos. De modo que gostaria que o senhor me falasse sobre essas coisas todas, se possível.

– Sem dúvida. Essa é a razão pela qual estou aqui. Que gostaria o senhor de saber, particularmente?

– A respeito de onde vêm esses *ufos*, por exemplo. E ainda, que são eles, e por que estão aqui?

– Em outras palavras, o senhor quer simplesmente saber tudo. Bem, são questões de alto nível. Eu lhe farei um rápido resumo, portanto. Em primeiro lugar, "eles" são seres extraterrenos de um universo paralelo, o qual está numa dimensão inteiramente diferente da sua. Partes dessa dimensão coexistem lado a lado ou até no mesmo espaço que sua dimensão; estas são normalmente invisíveis uma para a outra, vez que se manifestam em diferentes graus de vibração. Assim como a matéria sólida e as ondas de rádio são uma para a outra; embora na outra dimensão tudo seja tão completamente sólido quanto aqui. O senhor me acompanha até agora?

– Acho que sim, até agora – cocei a cabeça, tentando visualizar os conceitos quase inatingíveis.

– Ótimo – ele deixou escapar um rápido sorriso encorajador, e elegantemente se apoiou contra o *furgão-ufo*. – Agora, estes *ufos* são realmente cabines interdimensionais, aqui comumente chamados de "discos-voadores" por causa de seu formato. Eles são capazes de alterar seus graus vibratórios até descer ao grau dessa dimensão, solidificando-se assim e se tornando visíveis aqui. Ou, inversamente, desaparecendo invisíveis daqui. Isso produz os efeitos de *materialização* ou *desmaterialização*, ou até mesmo estados intermediários quando eles aparecem no radar, não sendo ainda visíveis – ou quando visíveis até certo ponto, mas não detectáveis no radar. Este efeito tem causado muita confusão entre os obsevadores neste mundo nos últimos trinta anos.

– O senhor quer dizer que eles podem simplesmente *pulsar*, aparecendo e sumindo a qualquer momento em qualquer lugar?

– Não não é tão fácil assim. Eles estão sujeitos a combinações favoráveis de diversas condições físicas em ambas as dimensões. Por uma questão de analogia, vamos chamá-las de condições magnéticas. Se as condições magnéticas coincidentes forem favoráveis, um trânsito interdimensional pode ser feito através de uma assim chamada *área de janela*. Existem doze de tais *áreas de janela* em torno da Terra – que são, na verdade, linhas de falha magnética que ocasionam uma abertura. Uma delas é a área do Triângulo das Bermudas, com suas fronteiras cambiantes e com um acidental efeito-túnel, onde involuntariamente trânsitos podem ocorrer para uma entre diversas outras dimensões. De qualquer forma, trânsitos intencionais de discos-voadores através dessas *janelas* são chamados de trânsitos *fechados;* por meio deles grandes naves-mães podem se materializar e daí continuar solidificadas nessa dimensão com gasto de energia relativamente pequeno. O trânsito de volta é mais fácil, uma vez que eles fazem a conversão de volta ao seu grau natural de vibração, mas isso é bem mais previsível e econômico se for feito através de uma *janela*.

– E os discos-voadores?

– Uma vez que a nave-mãe de grande alcance tenha transitado para essa dimensão, então as naves-patrulha, chamadas "discos-voadores", podem se projetar para fora e para dentro delas e percorrer todo este planeta à vontade. Eles o fazem quer *solidificados*, quer *invisíveis*, enquanto durarem suas reservas de energia, o que é comumente mais duradouro e mais fácil com suas massas menores. Nesse modo, o trânsito deles é chamado *não-fechado*. Os discos

navegam aqui por meio de intensos pontos magnéticos. Esses são intensas estruturas focais de emanações naturais ou artificiais que ocorrem em muitos lugares. Em Ontário existem algumas delas, como a da área de Huntsville.

– Ah! – exclamei, perguntando-me se suas últimas palavras eram mera coincidência. – Alguma razão especial para a menção a Huntsville?

– Não – sacudiu a cabeça inocentemente. – Apenas pensei que seria mais próximo de sua residência. O senhor disse ser de Huntsville, certo?

– Não disse tal coisa. Apenas tenho uma casa de veraneio naquela área, mas vivo em Toronto. – Deixei essa referência intrigante pendente naquele momento, porém resolvido a retomá-la mais tarde.

– O que está bem próximo. – Ele também mudou de assunto, retomando sua explicação. – Além de servir como indicadores para navegação, esses pontos de intenso magnetismo podem também servir como reenergizadores de menor potência em pequenas emergências; também para o armazenamento de dados, centro de mensagens, estação de monitoramento, e assim por diante.

– Uau! Todas essas funções num só lugar.

– Na verdade, não são pontos singulares, mas como um aglomerado de pontos magnéticos com características variáveis, agrupados em cerca de um quilômetro quadrado. A combinação de suas interações oscilantes pode ser utilizada para diversas funções.

Eu pensava nos três pontos *mágicos* em torno do terreno em Muskoka. Parecia que minha suposição, de que aqueles pontos eram bastante incomuns, tinha sido correta. Mas perguntei se eles eram naturais ou *artificiais*, ocultando

algum movimentado complexo debaixo deles. Pensei em perguntar sobre isso também mais tarde.

– Como o senhor está me acompanhando? – perguntou.

– Bastante bem, obrigado. Suas palavras aclararam muita coisa para mim, até agora. Mas ainda há algo que não entendo. Por que os relatos se diferenciam tanto em suas descrições de *ufos*?

– Devido ao número infinito de possibilidades no avistamento de um *ufo*. Pense nos diversos estágios de conversão em trânsito, nas condições variáveis de luz e meteorologia, nas atitudes e possíveis preocupações do observador. Esses são casos de avistamentos acidentais dentro da faixa de visibilidade. Agora, considere todas as pessoas sensitivas fora-de-regra ou aquelas bem-dotadas no sentido da percepção extra-sensorial, que são capazes de detectar algo que a olho nu não se pode ver. Ou considere algumas das tentativas deliberadas dos *ufos* de comunicação telepática, o que algumas pessoas podem receber ou quando na vigília ou nos sonhos; tentativas de testar certas mentes para o estabelecimento de ligações telepáticas. Ou considere os efeitos às vezes acidentais ou os efeitos colaterais induzidos, desde a sonolência até a amnésia. Ou pense nos avistamentos deliberadamente induzidos por parte dos discos, quando a visão pode ocorrer ou de forma psíquica ou na realidade concreta.

– Quer dizer então que é assim que as pessoas vêem ou são levadas a ver as diversas modalidades, formatos de *ufos*, e todos os tipos de criaturas alienígenas?

– Sim, correto.

– Por que os discos desejariam ser vistos, ou induzir deliberadamente ilusões?

– Ao se mostrarem, eles desejam lentamente infiltrar a verdade de sua real existência. Ao induzirem um avistamen-

to, eles desejam estudar as ilusões subjetivas diferentes que podem ser criadas somente pelo observador. É aí que as crenças populares, as idéias preconcebidas, temores irracionais e expectativas podem distorcer a realidade objetiva.

– Sim, mas como o senhor pode falar de realidade objetiva no caso de avistamentos induzidos?

– Bem, isso não é evidente por si mesmo? É como as pessoas se desentendendo entre si. Uma projeta uma coisa e a outra traduz vendo a sua forma. Ou considere o clássico exemplo de uma espiral de corda num lugar escuro; pode parecer uma cobra ou algum monstro numa primeira impressão. Na verdade, a indução dos avistamentos é uma maneira muito interessante de se estudar as reações e atitudes das pessoas. São testes psicológicos, de qualquer forma.

– Testes para quê?

– Na maior parte, experiências, eu acho, para análise estatística. E talvez para encontrar tipos adequados que sirvam como mensageiros intermediários para a outra dimensão. Isso pode preparar o terreno para um contato público oficial no futuro.

– Que seria um provável tipo adequado para servir como mensageiro?

– Alguém livre de ilusões, objetivo, independente; todavia, de mente aberta, com alta receptividade, adaptável, pleno de energia, aventuroso. – Ele desfiava a lista com uma eficiência suspeita, como se já o tivesse feito muitas vezes antes. Então, acrescentou: – Também alguém com uma combinação especial de vibrações.

– Me perdi desde o começo do raciocínio. Pode explicar esse conceito?

– Como queira. Em primeiro lugar, o sujeito deve ser capaz de peceber os fatos da forma como se apresentam. Em segundo, ser ainda assim capaz de detectar processos telepáticos e possíveis elementos ilusórios. Em terceiro, deve ser inventivo bastante para encontrar soluções próprias no processo, aventuroso o suficiente para arriscar um envolvimento com algo desconhecido.

– E a respeito daquela combinação especial de vibrações?

– Isso seria no caso de ser chamado para participar de uma viagem interdimensional. Não é qualquer um que é capaz de suportar a conversão de sua estrutura molecular para um grau vibratório mais alto. Não me pergunte quem tem as vibrações adequadas para uma fácil conversão. É uma longa estória, que tem algo a ver com a saúde geral, um tipo de consciência mais ampla que a média, higiene mental, percepção psíquica.

– Isso soa como uma incursão mística para uma quarta dimensão, ou o que seja, recomendável para iogues avançados.

– Nem tanto, e não nesse tipo de quarta dimensão. A viagem interdimensional a que eu me refiro deve ser feita integralmente na pessoa, e não apenas na mente. Entretanto, uma pessoa adequada estaria próximo de um tipo praticante de ioga, isto é, razoavelmente bem disciplinada tanto no corpo quanto na mente.

– Bem, então por que não pegar um tipo assim?

– Porque uma pessoa adequada deverá ser também alguém pertencente ao mundo cotidiano, bem-informada, que esteja em toda parte. É por isso que descobrir uma não é tão fácil. Pense nisso, encontrar alguém com vibrações adequadas poderia ser limitado a se deixar a detecção aos

sensores dos *ufos*, mas são necessários muito mais testes para se verificar como a pessoa responde dentro das condições reais.

– Tudo isso parece muito intrigante. Sem dúvida, eu gostaria de aprender mais a respeito dessas coisas, porém através da experiência direta.

– Isso poderá ocorrer, também, porém no devido tempo. Esteja apenas certo de estar no lugar certo na hora certa.

– É mais fácil falar do que fazer.

– Realmente, não. Até agora o senhor tem se saído muito bem em estar no lugar certo na hora certa. Como agora, por exemplo.

Olhei-o cuidadosamente. Como poderia ele saber de tudo aquilo? Estaria encenando? Tive vontade de aprofundar o assunto, mas decidi não fazê-lo. Preferi ir até o cerne da questão.

– E a respeito da possibilidade de uma experiência real direta? – perguntei. – Onde e quando?

– Bem, por que não se deter mais em seu terreno em Huntsville? Os discos estão bastante ativos naquela área, especialmente no verão. – Então ele tomou de algo parecido com uma caderneta e fez breve consulta. – Estatisticamente vai estar melhor naquela região em julho próximo... digamos, entre os dias 26 e 30, para ser mais preciso.

– Obrigado por sua sugestão. Estarei lá, com certeza. Estou impressionado com seu conhecimento prático. Eu me pergunto, onde o senhor terá obtido toda essa informação e qual sua validade?

– Bem, digamos apenas que tenho minhas fontes. E quanto à apresentação de credenciais: não opero dessa forma. O senhor acredite como quiser. – Ele olhou o relógio. – Acho que é melhor ir agora; meu tempo está se acabando.

– Muito obrigado por tudo. Acredito que essa conversa tenha sido de grande ajuda, o senhor... como disse ser o seu nome?

– Não tem por que agradecer, meu amigo. Aliás, eu não disse qual o meu nome. Nos encontramos um dia desses, e agora, desculpe-me...

E ele se foi, antes que eu pudesse sequer piscar os olhos, deixando-me boquiaberto e preocupado com muitas questões não respondidas ainda na mente. Não que eu não tivesse informações suficientes para digerir; apenas lamentei sua súbita despedida, e, para mim, demasiado antecipada. Além disso, eu tinha que descobrir se ele era um elo real com os *ufos*, ou alguém indiretamente ligado, ou apenas fruto de uma coincidência. Mas ele certamente me deu bastante conteúdo para pensar, e decidi estar em Huntsville nos dias de julho que indicara.

Alguém me tocou o cotovelo e disse:

– Aonde ele foi?

Voltei-me. Era Steve, o sujeito do incidente no terremoto da Califórnia.

– Por quem você pergunta?

– Quentin, o sujeito com quem o senhor conversava.

– Então ele era o Quentin que lhe contou acerca da verdadeira causa por trás da sua experiência no terremoto?

– Esse mesmo. Mas não me diga que o senhor não sabia quem ele era. Para onde ele foi?

– Honestamente, não sei. Apenas disse que seu tempo se esgotara, e foi embora.

– Engraçado, então o senhor era a pessoa que ele mencionou...

– Eu era o quê?

– Deparei com ele há meia hora, mas ele não tinha tempo para conversa, pois deveria ter um encontro com alguém antes de voltar correndo para o Peru, à noite.

– Achei que ele era apenas um balconista tomando conta dessa barraca de *ufos*.

– Não há essa conexão. Pensei que o senhor soubesse mais a respeito. Aposto que a próxima coisa que vou ouvir é que o senhor nunca o viu antes, e seu encontro foi apenas acidental...

Me perguntei se fora apenas acidental. Infelizmente tive que me manter alheio a Steve, novamente, embora muito me desgostasse tratá-lo daquela forma. Mas me convenci de que seria um tanto prematuro começar a tagarelar acerca de minhas conclusões malformadas nesse quebra-cabeça. Além disso, quanto a contar tudo, era melhor que eu deixasse para Quentin, que parecia mais bem qualificado para a tarefa.

Capítulo 3

CONTATO

A seqüência de eventos apresentada neste capítulo ocorreu na seguinte data: 29/jul./75. A nave pousa na clareira à 0.30 e parte às 2.00.

Naquele verão de 75 fiz arranjos para tirar duas semanas de férias, começando com o final de julho. Planejei passar a maior parte do tempo em meu pedaço de terra em Muskoka, na esperança de algum encontro revelador com um *ufo*. Assim, logo após o casamento de um amigo, ao final da tarde de domingo 27 de julho, eu estava a caminho, me dirigindo a Huntsville.

Cheguei ao meu pedaço de terra no pôr-do-sol, quando a maior parte dos que ficam nos chalés apenas o fim-de-semana, já tinha voltado para Toronto. Havia tempo bastante, antes que escurecesse, para descarregar meus acessórios de acampamento e apanhar lenha suficiente para a vigília noturna. Eu estava firmemente determinado a me manter de pé a noite toda, até as horas mágicas da manhã. Então ainda poderia dormir até o meio-dia, e ir até alguma praia perto se o dia esquentasse demais. Era bom estar de volta à Natureza após um longo inverno e com a metade do verão já vencida. Por uma ou outra razão não conseguira fazê-lo

desde o último outono, exceto por uma curta visita, sem surpresas, em maio.

Já escurecera e as estrelas brilhavam intensamente quando finalmente acendi minha fogueira. A noite estava seca, mas não muito quente.

Tive que usar meu pulôver de mangas para me sentar no banquinho junto ao fogo, com a madeira empilhada ao alcance das mãos. Mentalmente, recordei toda a cadeia de estranhos eventos que me tinham levado até aquele ponto, fazendo com que confiasse nas palavras de um estranho acerca de mais alguma experiência com *ufos* que estivesse por vir. Ainda me questionava sobre tudo aquilo. Desde então não vira Quentin, ou Steve. Não tivera nenhum novo encontro dramático, tão-pouco, nem mesmo sonhos ou palpites. Nos últimos meses todo o assunto *ufo* caíra na insignificância, como se de alguma forma fosse irreal. Contudo, eu continuava a ter prazer em estar sentado junto ao fogo da mesma forma como fizera muitas vezes antes. Em torno das 2.30, entretanto, senti que o cansaço cada vez mais tomava conta de mim. Como não havia nenhum *ufo* por perto, nem mesmo nenhum sinal sensível, decidi me recolher para dormir.

No dia seguinte, após o pôr-do-sol, caminhei até o cume onde está o lugar mágico "sobrenatural" do crepúsculo. Não mais do que cinco minutos após ter ali chegado, uma onda de excitação me pegou de repente. Soube simplesmente, de maneira positiva, que teria uma experiência *ufo* naquela noite!

Não tenho nenhuma noção para explicar como me veio essa forte convicção. Num momento me sentia agradavelmente vazio; no seguinte soube que "eles" estavam a caminho em seu trânsito para esta dimensão, e que numa hora

O Autor mostra o local de pouso do disco na clareira da floresta.

qualquer naquela noite eu seria visitado por um *ufo*. Não havia sequer um brilho pulsante em minha mente, e contudo eu sabia que eles estavam se aproximando e que haveria apenas mais umas poucas horas antes do momento real de sua presença.

Caminhei de volta, lentamente, para meu terreno e acendi a fogueira. A parte da vigília estava terminada, tudo agora era questão de esperar.

Foi um pouco antes da meia-noite que comecei a sentir que o *ufo* já estava bem perto. Alguns minutos depois, pensei ter visto brevemente uma fraca pulsação de brilho laranja. Se a visão fora no céu ou em minha mente, eu não estava certo. Mas estava certo de que o sinal era dirigido a mim, como uma forma de me deixar ciente. Uma estranha idéia me tomou: se aquele era o primeiro sinal deliberado deles, então como eu soubera horas antes de sua vinda? Seria possível que me tivesse tornado mais e mais sensitivo, não mais um mero sujeito telepático passivo, mas uma mente ativa capaz de "farejar" o caminho adiante? Ou teria meu lugar "sobrenatural" do crepúsculo algo a ver com aquilo, de alguma forma desencadeando minha percepção? Tudo era muito intrigante, especialmente com novo ângulo adicional.

Parei de alimentar a fogueira e me afastei, dando as costas para ela, a fim de investigar a vasta abertura de céu acima. Logo percebi a formação se aproximando com sua luz laranja em pisca-pisca, num curso em ziguezague. Não se comportava como um avião, além de não haver nenhum ruído de motor. Ela desaparecia a todo instante, mas continuava convergindo até o meu morro. Por dois minutos inteiros ela sumiu da vista; e então materializou-se magicamente, vindo do nada, a menos de algumas dezenas de metros

de mim e próximo ao nível do topo das árvores, brilhando laranja, o formato de um disco.

Subi até meu *deck* de observação, a uma boa distância da fogueira que lentamente se apagava. Desse ponto vantajoso eu tinha uma visão completa de todo o vale. Além disso, eu estava inteiramente envolto pela escuridão, o que me fazia invisível a qualquer observador mais afastado uns poucos metros. Então levantei os braços e os sacudi na direção do brilho imóvel, distante, do disco.

O brilho piscou duas vezes, como se estivesse reconhecendo meu sinal de estar ciente dele. Embora tivesse alguma expectativa da resposta do brilho, ainda foi surpresa para mim que o *ufo* pudesse me ver na escuridão a distância.

Agora o *ufo* começava a pulsar lentamente, e senti que eu estava sendo investigado até a essência de minha mente. Isso continuaria por cerca de dez minutos, enquanto as pulsações cíclicas quase me levaram à agradável sonolência de um transe hipnótico. Para constatar se minha consciência ainda estava funcionando, desci o caminho até a fogueira em brasa, momentaneamente, e em seguida subi de volta até a plataforma. Bem, funcionou, mas não sei se isso provou alguma coisa.

Logo após meu exercício, o disco parou suas pulsações, mudou a cor para um esverdeado uniforme e começou a se mover para o meu lado. Ascendendo, passou flutuando lentamente quase sobre minha cabeça, com um fraco ronronar, dirigindo-se para algum ponto depois do cume, na direção da "terra aonde não vai ninguém"! Meus olhos continuaram a segui-lo, tentando distinguir detalhes. Mas tudo o que podia ver era o brilho enevoado de uma forma oval, que se tornou circular ao passar acima da minha cabeça. Eu era incapaz de detectar sua fonte de iluminação: o disco inteiro

era apenas uma grande bolha de irradiação luminosa verde e amarela. Apenas o núcleo central de sua base, como o orifício numa rosca, pulsava com uma certa luz azul.

Após ter ele desaparecido de vista além do cume, fiquei mais alguns minutos na escuridão, para o caso de seu retorno. Mas de alguma forma eu sabia que não o faria, pois por certo teria descido na "terra aonde não vai ninguém", possivelmente esperando ali por minha iniciativa. Mesmo pressentindo uma leve inclinação naquela direção, como se estivesse telepaticamente induzido, eu estava, de qualquer forma, pronto para ir e ver por mim mesmo.

Apaguei o fogo, peguei minha lanterna e me dirigi a pé pela estrada de lenhador, que ia até a "terra aonde não vai ninguém". A noite estava silenciosa, os poucos chalés com acesso por aquele lado estavam escuros. Ninguém parecia estar acordado. Possivelmente, só eu vira o *ufo*.

Gastei dez bons minutos de caminhada para alcançar os limites do local onde o *ufo* poderia ter descido. Numa curva familiar, cheguei até uma grande clareira, perto do meu lugar mágico de "força".

E lá estava! Que momento dramático! Não mais do que a vinte metros de mim, e a pouco mais de um metro do chão, um disco-voador real pairava no ar. Deduzi que tivesse aproximadamente nove metros de diâmetro e três de "espessura". Ele estava banhado numa luminescência difusa, verde-azulada, brilhando suave, que irradiava de toda sua superfície e não de apenas alguns pontos de luz. Viam-se duas marcas escuras ovais como se fossem escotilhas, que pareciam um par de olhos. Em seu topo existia um domo em forma de bolha, como uma torre, e na parte de baixo havia protuberâncias na forma de esferas, que sugeriam um trem de aterrissagem.

Lá estava eu petrificado, sem dar mais nenhum passo, junto a um aglomerado de árvores na escuridão. Encontrava-me muito excitado, mas também bastante nervoso, com temores indefinidos. Com que emocionante e magnífica visão eu deparava! Era a prova viva da vida inteligente extraterrestre. Pois eu não tinha nenhuma dúvida de que o disco-voador era do espaço exterior. Possivelmente, mesmo de uma outra dimensão, conforme afirmara Quentin, mas certamente não de uma origem terrena.

No mesmo instante, como se estivesse querendo provar tal ponto, o disco começou a desaparecer, sem se mover de sua posição. Em seguida *presto!* – ele não estava mais lá, deixando o som peculiar de um suspiro, na medida em que o ar tomava seu lugar. Iluminei com minha lanterna o lugar, mas nada encontrei. O disco se tornara inteiramente invisível... Então, momentos após, um brilho muito fraco veio do espaço vazio, solidificando-se lenta e novamente na forma do disco-voador. Foi bastante dramático! Com tudo isso, confirmava-se aquela estória de desaparecer desta dimensão e reaparecer de novo.

O disco baixou suavemente até o solo, numa posição de verdadeira aterrissagem. E assim lá ficou pousado, imóvel, sem emitir som – como eu, que também me postara a distância, paralisado e sem respirar. Ninguém saiu do disco; ele ali se assentou pacientemente, como se esperasse por mim. De alguma maneira eu sabia que de fato esperava por mim, mas eu não conseguia me mover. Estava apavorado demais para me aproximar. Recordando-me de certas especulações que lera sobre motivações sinistras alienígenas, minha mente começou a ficar saturada. Eu achava que, se o disco quisesse, poderia ter tentado me atrair hipnoticamente para si. Mas não havia indicações neste sentido; parecia que

meu movimento teria que ser feito por livre e espontânea vontade. Pois, sem que me movesse, não haveria nenhuma outra forma de aprender mais. Isso era tudo. Finalmente, decidi assumir o risco: com suor frio me cobrindo por inteiro, caminhei até ele!

Após certa hesitação, cutuquei seu casco com a lanterna protegida com borracha. O casco dava a impressão mais de fibra de vidro do que de metal, embora desprendesse algum calor, como a capota de um automóvel num dia quente. Em seguida, pressionei meu maço de cigarros no casco, por alguns segundos, para descobrir a temperatura da superfície. O maço ficou mais quente, mas não queimou; ainda assim, não me inclinava a tocá-lo com a mão descoberta.

Considerei que o tamanho real do disco era de cerca de sete metros e meio de diâmetro, três metros do topo ao chão, além de uns outros dois metros talvez para o domo superior. Achei que sua cor real seria cinza-claro. Andei em sua volta algumas vezes, procurando alguma porta, ou indicação de abertura. Não havia nenhuma. Igualmente afastadas em torno da circunferência, havia três escotilhas de formato oval. Eu não conseguia olhar através delas, pois ficavam acima do nível de meus olhos, enquanto o disco estava assentado sobre três protuberâncias, como esferas, que situavam seu fundo a quase um metro do solo rochoso. Não haveria marcas deixadas pelo trem de aterrissagem sobre a rocha; até então eu não notara nenhuma marca de queimadura. Havia, entretanto, o cheiro bem definido de ozônio, como se alguma descarga de coroa de alta voltagem estivesse sendo produzida pelo casco do disco. Talvez fosse mais inteligente não tocar.

A essa altura eu já estava consideravelmente mais calmo, embora ainda preso ao nervosismo. Satisfeito com meu

acurado exame do exterior, recuei uns dez metros, na expectativa de algum novo desenvolvimento – se é que ocorreria. Em menos de um minuto ele ocorreu e foi bastante dramático! Uma rachadura longa, horizontal, de um metro, apareceu e se alargou numa fenda, como se fosse uma boca fechada, bem debaixo da linha das escotilhas e entre duas delas. Em seguida, a fenda começou a se alargar verticalmente, como se uma boca gigante se abrisse. Finalmente, tomou a forma de uma passagem aberta, do tamanho de um homem, enquanto uma pequena rampa de acesso era baixada até o solo. Uma luz amarela suave se derramava do interior, convidativamente.

Quase saí correndo tomado de pânico momentâneo. Todavia, procurei me conter e decidi encarar os alienígenas que saíssem do disco. Ou então eu jamais os veria. Essa não era uma aventura para corações fracos, pensei. Então, me recompus para meu primeiro encontro com alienígenas, e esperei... Compreendi, finalmente, que alienígenas não viriam para fora. Não havia, tão-pouco, impressões ou sugestões telepáticas. O disco continuava ali, pousado, de forma neutra. Seriam os ocupantes incapacitados? Ou seriam alguma forma de vida imóvel? Teria que haver alguém lá dentro; de outra forma, quem teria feito toda a sinalização, os testes telepáticos anteriores, sem mencionar a pilotagem do aparelho, seu gradual desaparecimento, a abertura da porta? Me sentia um tanto confuso. Me acerquei da passagem de entrada a fim de espiar para dentro. Porém de nada adiantou, pois uma divisão por trás da porta me impedia de ver seu interior. Obviamente, eu teria que assumir novo risco, e um risco tremendo dessa vez: já que ninguém saía, eu teria que entrar e ver por mim mesmo. Contudo, só Deus saberia que espécie de monstros alienígenas poderiam estar

esperando. Além disso, e se houvesse alguma radiação, ar tóxico ou substâncias nocivas? Bem, só existia um modo de descobrir...

Reuni toda minha coragem e, com uma respiração pro funda, subi a rampa. Daí, pus os pés sobre a plataforma no interior da passagem de entrada, para descobrir que não havia nenhuma divisão. Era apenas uma cortina de luz amarela, que criara a ilusão de uma parede desde o chão naquele ângulo. O perímetro da plataforma estava ilumina do, mas o interior era todo escuridão. Tentei minha lanterna – não funcionou. Hesitei por um momento, então dei dois passos até a área não iluminada. Meu peso sobre o solo deve ter ativado sensores embutidos, pois uma luz brilhante azul-esverdeada, se acendeu em minha volta, iluminando a maior parte do interior do disco.

À primeira vista, tudo parecia incompreensivelmente estranho. Mas eu já não tinha mais tempo para olhar, pois um ligeiro ruído me fez virar rápido: era a passagem de entrada se fechando. Imediatamente entrei em pânico; era incrível que eu não tivesse um ataque cardíaco! Por Deus, eu estava cativo. A fenda foi se fechando até a parede ficar sem nenhuma marca de abertura, o que fez que eu a fitasse paralisado.

Então, tentei me acalmar. Talvez fosse apenas mais outra peça automática em funcionamento – uma vez que o ocupante estivesse dentro, a porta se fechava sozinha. Me postei novamente sobre a plataforma e esperei. Nada. Notei então, uma coluna de luz branca se projetando para baixo verticalmente, desde o teto, um pouco para a esquerda. Tive o palpite de que poderia ser o ativador da abertura da porta. Aí atravessei minha lanterna protegida com borracha atra-

vés do feixe de luz, e o dispositivo correspondia – a porta começou a se abrir.

Apenas para ter certeza, andei para o exterior noturno momentaneamente, e de volta novamente, fazendo com que a porta se fechasse. Repeti o procedimento a fim de tranqüilizar a mente. Então, comecei a procurar por algum sistema de coordenação manual para a abertura da porta, no caso de que algo desse errado com a luz. Eu nunca confiara em dispositivos inteiramente automáticos, e me sentiria mais seguro caso encontrasse algum controle manual. Ligeiramente para a direita, onde deveria ser a porta, encontrei na parede uma reentrância do tamanho de uma mão fechada. Enfiei-lhe a lanterna e a porta se abriu de novo. Ela devia ser algo similar a um ativador dotado de molas, que era melhor do que uma alavanca manual. Me perguntei então quem, ou o que, tinha feito a porta se abrir da primeira vez, quando ainda me encontrava do lado de fora, pois eu tivera a impressão de que o disco não conduzia nenhuma criatura.

Me sentindo muito mais calmo, voltei-me para o interior, para um exame cuidadoso. De início meu olhar foi atraído para um globo com um metro de diâmetro, pendurado à altura dos olhos. Ele estava suspenso no centro do disco, numa tubulação vertical transparente que conectava a escotilha dentro de um domo no teto a uma outra escotilha identicamente formada no solo.

O material sintético no solo era de cor cinza-pérola e configuração de favos de mel, como se fosse um conglomerado de células de bateria. Três seções curvas de bancos, que pareciam esculturas de esquimó em pedra-sabão, cercavam o tubo vertical. Havia um trilho circular de material como osso que rodeava o tubo, conveniente para alguém sentado no banco se segurar. Muito útil, num vôo turbulento, para o

tipo humano ou qualquer criatura que tivesse braço. Pelo menos o interior do disco era desenhado para o transporte de algum tipo de criatura. Isso parecia confortador, mesmo não havendo ninguém ali no momento, talvez os ocupantes estivessem em outro lugar, devendo voltar logo, embora de alguma forma essa linha de pensamento não fizesse sentido em vista dos eventos que me levaram para ali.

Tudo levava a apenas uma possibilidade – o disco era um veículo-robô, uma sonda não-tripulada, ou talvez "tripulada" por algum tipo de computador programado – ou sob controle remoto de alguma inteligência invisível, quem sabe através de um sistema computadorizado embutido. Entretanto, não encontrei nada que pudesse, mesmo vagamente, se parecer com um sistema de computador. A não ser que estivesse embutido de uma maneira inteiramente alienígena, inconcebível para meu padrão terreno de possíveis tecnologias. Não havia nenhum instrumento eletrônico ou outra aparelhagem à vista. Portanto, teria que haver um tipo absolutamente diferente de tecnologia por trás de tudo aquilo – se fosse tecnologia de alguma forma!

Esse pensamento me fez estremecer, enquanto eu escrutinava a enorme bola "suspensa" na tubulação de plástico vertical. Dentro do próprio globo havia miríades de luzes piscando em entrelaçados espiralados de nuvens multicoloridas, como se concebido por algum artista mostrando um modelo visual tridimensional de uma supermente em funcionamento, o qual eu não tinha dúvida que fosse – ou uma inteligência viva ou o mais estranho dos computadores.

Tentei passar minha lanterna através da coluna de luz que parecia uma tubulação plástica. Encontrei a resistência macia, porém firme, de uma proteção flexível, que não deixava penetrar além daquele ponto. Aparentemente, aquele

era um campo de força que atuava como uma tubulação de proteção. E dentro dela, talvez, a coluna de luz era o que mantinha o globo suspenso ao nível de meus olhos. Notei "linhas de fluxo" verticais bem fracas, ou traços de fluxo de energia atravessando a coluna. Ao me virar, minha mão esquerda acidentalmente encostou no campo de força. Para alívio meu, não houve efeito adverso, apenas o toque de uma resistência sedosa, porém firme.

Olhei para o teto em forma de suave domo – havia uma espiral de uma parede a outra que estava centrada na tubulação como um gigantesco elemento de aquecimento, feita com material que parecia ouro brilhante. Outro dispositivo de energia, pensei, talvez em conjunção com o tubo vertical que mantinha centrado o globo. Ou vice-versa, quem poderia dizer?

Voltei a atenção para a parede circular. O espaço vazio para a passagem de entrada inteiramente fechada era flanqueado dos dois lados por enormes seções bojudas semicurvas, desde o chão até o teto – talvez tanques de armazenamento ou armários para os quais eu não via portas. Cada seção bojuda era seguida de uma escotilha, a terceira escotilha estando na seção oposta de parede. Elas estavam espaçadas igualmente, sendo ligeiramente ovaladas e quase com um metro de diâmetro. Em seguida havia duas pilastras elevadas de "instrumentos" que sobressaíam de espaços vazios de parede – um à minha direita e outro à minha esquerda, cada qual flanqueado por uma enorme tela de um metro e oitenta por um metro e vinte com um tipo de sofá sob elas.

Isso fez que meu exame da parede ficasse completo... A bem da verdade, com isso ficava completo meu primeiro exame preliminar de todo o interior, até aquele momento.

Subitamente, senti a exaustão causada por minha tensão nervosa, que começava a pesar sobre mim. Refleti se deveria me dedicar a uma observação ainda mais detalhada ou simplesmente... Então, a espiral do teto brilhou até um intenso matiz de laranja, e começou a pulsar lentamente. O pânico tomou conta de mim outra vez – senti que uma mudança drástica se daria no *status quo*, a qual eu não tinha certeza de desejar experimentar. A coluna se energizara também – havia forte fluxo descendente de algumas correntes através dela. "Talvez seja melhor dar o fora", pensei antes que aquela coisa esquisita decolasse comigo, ou me fizesse uma lavagem cerebral, ou me desintegrasse, ou sabe lá-o-quê. O medo triunfou sobre o espírito de aventura – num pulo, ativei o abridor da porta – e ele funcionou! Atirei-me pela rampa, recuando até a beirada da clareira como um alce amedrontado. Ou antes, como um coelho estúpido – mas não podia evitar de reagir assim. Pensei que seria terrivelmente engraçado se algum observador oculto me confundisse, naquele momento, com um alienígena assustado a fim de devorá-lo, ou algo assim. Mas nada havia lá fora (ou tinha corrido e sumido), exceto a escuridão e os arbustos. Parei e me virei.

O disco brilhou laranja, pulsando por um curto período. Então recolheu a rampa e selou a porta. Aí mudou sua coloração para um azul-esverdeado constante e começou a se erguer do chão. Ele se elevou lentamente cada vez mais até algumas dezenas de metros. Perguntei-me qual seria sua força de propulsão. Algum dispositivo antigravitacional? Pois não detectei exaustão de chamas, ar comprimido, nem mesmo som, exceto por um leve zumbido.

Então o disco piscou duas vezes e se deslocou para longe rapidamente, num arco ascendente, logo desaparecendo de vista.

Meu encontro parecia ter terminado. Contudo, ali fiquei parado por um bom tempo, no bosque completamente escuro, cheio de assombro e admiração, alívio e pesar, orgulho por minha audaciosa aventura, mas vergonha de minha covarde fuga. Além disso, me sentia terrivelmente cansado, esgotado.

Capítulo 4

VÔO DE RECONHECIMENTO

A seqüência de eventos apresentada no presente capítulo ocorreu nas seguintes datas: 30/jul./75, a nave pousa às 23.30; 31/jul./75, vôo sobre Toronto, Canadá, à 1.30, que foi o prelúdio para o vôo pelo mundo (Capítulo 5).

Após o encontro, dormi profundamente naquela noite, levantando-me quase ao meio-dia. O sono foi um bom remédio para meus nervos abalados, mas, mesmo depois de acordado por horas, eu ainda tinha aquela sensação de "borboletas no estômago". Parecia que custaria algum tempo até voltar à normalidade. Aquele primeiro contato em terra com um disco teve tremendo impacto em mim, o que não é de admirar, pois, até hoje, foi talvez o mais excitante e amedrontador encontro de toda minha vida!

O dia estava muito quente, de modo que dirigi os trinta quilômetros até o belo lago Mary, onde passei a tarde entrando e saindo da água, espreguiçando-me na praia pública. Era um dia glorioso de verão; cheio de gente fazendo piquenique, os botes indo e vindo, crianças brincando a gritar na água rasa. Maravilhosamente tranqüilizante, e também muito próprio para divagação.

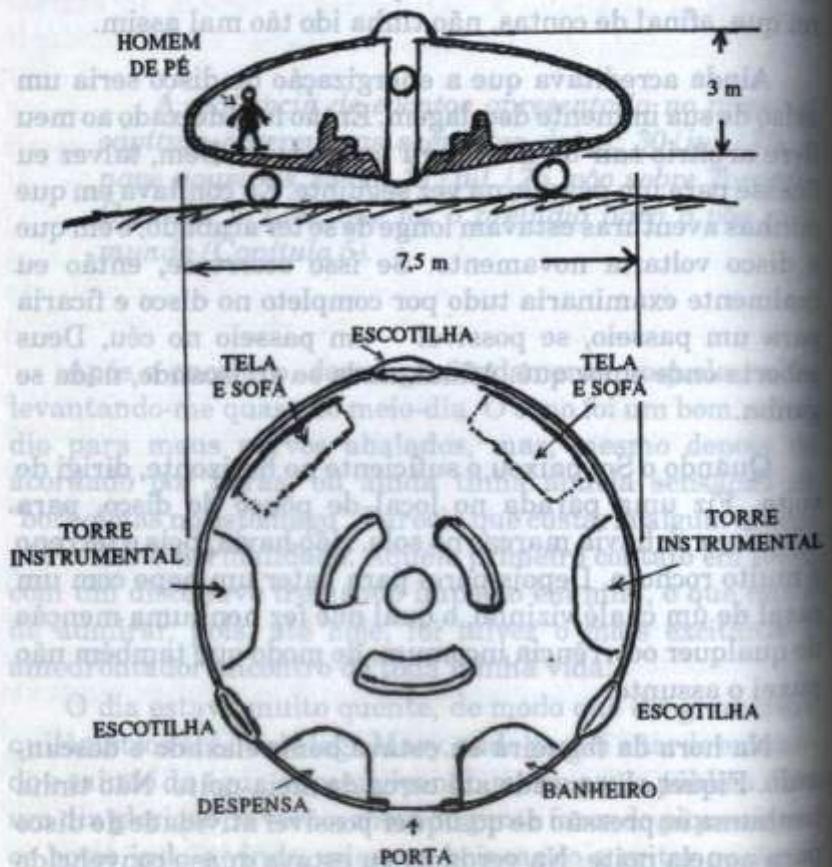
É claro que minha mente continuava girando por causa dos eventos dramáticos da noite. Analisando meu comportamento, "perdoei-me" por ter pulado fora do disco, assustado. Só se pode exigir de um homem um pouco de cada vez. Eu devia ter chegado muito próximo do fim de minha capacidade de resistência, quando a súbita mudança de condições dentro do disco deslocou meu equilíbrio emocional. Considerei que, afinal de contas, não tinha ido tão mal assim.

Ainda acreditava que a energização do disco seria um aviso de sua iminente decolagem. Então fora deixado ao meu livre arbítrio sair ou ficar para um passeio. Bem, talvez eu ficasse para um passeio na vez seguinte. Eu confiava em que minhas aventuras estavam longe de se ter acabado, e em que o disco voltaria novamente. Se isso ocorresse, então eu realmente examinaria tudo por completo no disco e ficaria para um passeio, se possível – um passeio no céu, Deus saberia onde e por quê. Afinal, nada se arriscando, nada se ganha.

Quando o Sol baixou o suficiente no horizonte, dirigi de volta. Fiz uma parada no local de pouso do disco, para examinar se havia marcas no solo. Não havia, pois o terreno é muito rochoso. Depois parei para bater um papo com um casal de um chalé vizinho, o qual não fez nenhuma menção de qualquer ocorrência incomum, de modo que também não puxei o assunto.

Na hora da fogueira eu estava bem relaxado e descansado. Fiquei ali sentado até cerca de meia-noite. Não tinha nenhuma impressão de qualquer possível atividade de disco para aquela noite. Na verdade, eu estava quase convencido de que não haveria aparições. Se essa idéia era produzida por mim, ou induzida desde os discos, não poderia saber.

NAVE PATRULHA
(DISCO VOADOR)



Após ter apagado o fogo, saí para uma caminhada ao longo da estrada poeirenta, na noite escura e silenciosa. Tudo era quietude nos bosques. Nada igualmente se movimentava no céu cheio de estrelas. Eu estava feliz e satisfeio. Tudo estava bem.

O dia seguinte foi muito mais frio. Passei o tempo zanzando em minha terra, e depois dirigi até Bracebridge, para comprar algumas coisas na loja de ferragem. O impacto dramático de meu encontro e seus efeitos secundários estavam fora de meu sistema. Eu voltara a ser por dentro e por fora mais um veranista queimado pelo sol.

Após o pôr-do-sol, caminhei de meu pedaço de terra até o final do cume, para me sentar um pouco em meu lugar "de crepúsculo". Refletia se a nave apareceria mais tarde, naquela noite, ou não. Curiosamente, eu não tinha nenhuma idéia a respeito. Então, um estranho pensamento começou a tomar forma em minha mente, e de uma só vez um incrível pressentimento me tomou! E se todas aquelas coisas simplesmente não acontecessem a mim de forma imprevisível, mas antes, se fosse eu quem, de alguma forma, as fizesse acontecer. Fiquei bastante excitado. E se meus anseios subconscientes ou minhas expectativas mais firmes estivessem desencadeando o sinal procedente da nave, de que ela estava vindo? Igualmente, talvez meu estado de espírito fosse o fator que desse forma à natureza e ao caráter de meus encontros anteriores. Não que fosse eu a causa real deles – talvez eu apenas estivesse projetando meu desejo subconsciente naquelas vezes, para dar início a alguma nova seqüência, ou para terminá-la. Como acontecera na energização do disco para subseqüente decolagem; já que eu estava cansado demais e pronto para me retirar, simplesmente ajudei na

formulação de toda a dramática mudança a fim de ter uma desculpa para sair.

Meneeci a cabeça. De onde tirara aquela estranha idéia? Não era capaz de dizê-lo. Mas sem dúvida que era um ponto de vista extraordinariamente interessante. Especialmente, se funcionasse. Em caso positivo, então tudo que eu tinha a fazer era convocar a nave, para que viesse, por meio da projeção de minha disposição para uma nova aventura! Com isso, ela viria, caso houvesse alguma verdade em minha imaginosa teoria.

"Chamando a nave. Chamando a nave. Por favor, venha de noite. Estou pronto e esperando." Pensei fortemente nessa "mensagem", algumas vezes. Olhei meu relógio – eram 22.25. Embora fosse um pouco cedo para não ser notado por alguém, o disco poderia evitar isso, tomando sua forma invisível. "Te encontrarei dentro de uma hora no mesmo local de pouso. Concluindo e encerrando."

Achei graça ao me levantar para deixar o cume. Parecia uma brincadeira! Ou talvez não fosse, e eu devesse ser mais observador de meus próprios pensamentos e sua possível influência nos acontecimentos da vida em geral e nos acontecimentos com as naves em particular.

Preparei uma rápida refeição em meu fogão de campo, comi, guardei as coisas, e pus pé na estrada até o ponto de um encontro por mim mesmo imaginado.

Cheguei ao local com uns poucos minutos sobrando antes de a hora ter acabado. Havia um tronco de árvore conveniente para me sentar perto da clareira, onde eu esperava que o disco viesse logo a pousar. Acomodei-me para espera na escuridão, pregando um olho no céu da noite.

Não demorou muito, percebi um rápido brilho laranja ao longe bastante alto. Fiquei alerta e agradavelmente excita-

do. Logo veio um breve brilho laranja de muito mais perto. Então ele vinha, afinal! Aparentemente minha teoria funcionara, de modo que minha idéia maluca, de alguma forma, tinha que estar certa. É claro que era possível que a intenção telepática da nave tivesse desencadeado anteriormente a idéia por mim concebida de que poderia convocá-la. Estaria eu vendo aquilo numa perspectiva mais apropriada? De uma forma ou de outra, havia ali uma bem-definida comunicação telepática, a qual estava provada, fora de qualquer dúvida, pela aparição da nave na hora certa.

Um brilho fraco começou a aparecer na clareira; depois foi se intensificando, até que se materializou inteiramente num disco pairando acima do solo, que em seguida desceu ao chão, vindo a se assentar na superfície rochosa.

Após um ou dois minutos, caminhei até ele. Sua porta se abriu lentamente e a rampa foi baixada. Respirei fundo e entrei. Se houvesse alguém ali dessa vez, logo descobriria. Mas não havia ninguém. A luz esmaecida do interior vinha das paredes e do teto uniformemente, sem nenhuma fonte separada distinta. Achei tudo exatamente como de minha primeira visita. A porta se fechou atrás de mim, mas dessa vez não me alarmei.

Comecei a estudar as coisas de um modo mais completo. Em primeiro lugar dei a volta até a escotilha do lado oposto, para examinar as duas telas laterais de cerca de um metro e vinte por um metro e oitenta. Elas eram superfícies em branco, meio opacas, de substância macia que dava uma impressão vítrea, construídas na parede. Sua função, impossível saber até então – elas sugeriam telas para imagens. Colocados um a um debaixo de cada tela, os sofás poderiam servir para quase todo tipo de criaturas. Cheguei à mesma conclusão acerca das seções curvas de bancos ao redor da

coluna central. Nada sugeria desenhos ou utilização humanóide. O formato e a disposição geral poderiam ter sido imaginados por seres físicos, de certa forma e para eles. Com isso deixei de lado qualquer especulação infrutífera a respeito.

Em seguida me dediquei a uma das duas enormes formações bojudas junto à entrada. Após tocá-la com as mãos, ela se abriu parcialmente para o lado, fazendo surgir uma passagem vertical de boa altura para um humano. Ela revelou uma espécie de local para armazenamento, de cerca de um metro por um metro e meio. Algumas partes sugeriam armários, que tentei abrir, os quais continham diversos objetos volumosos de uso desconhecido. Os objetos estavam envoltos por plásticos sem nenhuma junção. Um dos armários se abriu com a pressão de meu dedo, pois, estranhamente, não havia nenhuma fechadura, nenhuma parte mecânica em evidência. Meu processo foi mais parecido com forçar as pestanas de uma pessoa a se abrirem, sugerindo, de maneira desconfortável, algo orgânico em substância e função, assim como todo o restante do disco, até então.

O local para armazenamento seria possivelmente também como uma combinação de despensa e copa para preparo de alimentos. Armazenados acima de um balcão, em escaninhos, banhados por uma suave luz violeta, havia diversos tabletes e cubos de várias cores. Peguei um deles, que se parecia com um cubo de gelo, experimentando-o com a língua – ele começou a se derreter, trazendo uma lembrança de água. Apanhei um maior, azul-escuro, para dar uma cautelosa mordida. Era comestível, com um gosto ameno, provavelmente alguma proteína condensada. Bem, isso daria conta do sustento, caso necessário. Sob o balcão havia uma abertura. Joguei um cubo dentro dela: foi sugado; aquilo

obviamente servia como local de despensa. E com isso deduzi o que poderia ser logicamente a outra formação bojuda: provavelmente um toalete e banheiro. Dei alguns passos e me aproximei da outra seção bojuda, e tentei abri-la por meio de uma pressão similar com o dedo, conforme fizera com a outra. Minha suposição estava certa: ligeiramente suspensa acima do nível do solo, havia uma enorme "tigela de sopa", com um furo apropriado nela. Poderia ser de uso de humanóides, cães, pássaros, o que fosse; o mesmo se aplicando ao conjunto sanitário de "chuveiro de ar" e "banheira". Suas funções pareciam óbvias, embora fossem seus modelos um tanto incomuns. Talvez a idéia fosse de um uso adaptável para uma variedade de criaturas físicas.

Isso fez que me lembrasse de uma necessidade possivelmente única dentre a presumível clientela da nave, e que eu estava sentindo: a de fumar. Decidi fumar um cigarro perto da "tigela" e depois simplesmente jogar a ponta ali dentro. Tive certa preocupação acerca de isso ser interpretado pela nave como um ato hostil. Felizmente, tal não aconteceu, pois nenhuma retaliação se seguiu. Mas a nave deve ter considerado meu hábito um tanto maluco, pensei ainda.

A pausa para meditação e o cigarro me deixaram consideravelmente mais tranqüilo. Meu humor retornava, e me sentia já mais "em casa", embora achasse estar sendo observado todo o tempo por alguma inteligência destituída de paixões, porém não inamistosa. Deixei a seção bojuda se fechando atrás de mim, enquanto me encaminhava para retomar a bisbilhotice, já então num estado mais relaxado.

Fui até a pilastra de "torre instrumental", que tinha um metro e meio de largura, meio metro de profundidade, sua altura indo do chão até o teto. Ela era uma grande torre vertical feita com uma substância que parecia pedra-pomes,

com as bordas arredondadas. Por trás de sua superfície transparente, abrigava um enorme corpo, como de um peixe tropical, de luzes multicoloridas cintilantes. Depois de estudá-lo um pouco, descobri uma ordem definida: seções horizontais de pontos e riscas misturadas com porções de arco-íris que se modificavam ritmicamente. Essas configurações, além disso, tinham centenas de similares desde o topo até embaixo. Parecia que a pilastra monitorava todos os tipos de "funções vitais" da nave, assim como as condições ambientais externas.

A outra pilastra de "torre instrumental" tinha, em essência a mesma aparência, embora seu conteúdo apresentasse um tipo diferente de "peixe tropical". A função de sua parte superior se mostrou óbvia quase à primeira vista; ela só poderia ser algum tipo de instrumento medidor de tempo. Bem em seu topo, numa série horizontal, nove grupos de pontos brancos, que lembravam faces de dados, estavam dispostos em linha, como se fossem substitutos de números num relógio digital. Em cada grupo de uma "face de dado", os pontos que poderiam aparecer se acumulavam até um máximo de nove. No momento de minha leitura, eles mostravam algo como:

0 0 0 0 5 8 3 4 7 pontos.

Então notei que o último grupo de 7 pontos teve um crescimento para 8, e 9 e depois nada, em intervalos de cerca de um segundo. Na verdade, de menos que um segundo; 100 intervalos foram equivalentes a 72 segundos em meu relógio. Ou seja, a taxa média de pulsação humana. Mais uma fascinante coincidência?

Interpretei essa leitura como sendo "tempo local na Terra", conforme medido pelo padrão da nave. Na mesma

série, os pontos brancos eram seguidos por agrupamentos idênticos de pontos amarelos. Entretanto, os amarelos se modificavam sete vezes mais depressa que os brancos. Talvez os pontos amarelos mostrassem "o tempo na outra dimensão", conjeturei.

As séries seguintes, mas abaixo, mostravam uma dúzia de arranjos similares de relojoaria digital, porém com pontos de outras cores, dando a leitura de tempos e ritmos totalmente diferentes, de uma maneira errática um tanto confusa. As séries mais adiante causavam a impressão de fragmentos de faces de osciloscópio, como se fossem indicadores da relação de fase para as quatorze seqüências rítmicas acima. Sob elas havia centenas de mais fragmentos coloridos; provavelmente de subsistemas para finalidades misteriosas. A amostragem altamente complexa da torre deveria cobrir um vertiginoso e intrincado labirinto por trás dela. Eu detestaria ter que reparar aquela monstruosidade. Tive dúvidas se seria capaz de sequer desmontá-la. Talvez aquela coisa estranha fosse um sistema orgânico inteiramente integrado, como o sistema nervoso do corpo humano. Que Deus não permitisse que alguém menos qualificado que um neurocirurgião começasse a fazer algum remendo naquilo! De qualquer forma, remendos estavam fora de cogitação; não havia nenhum parafuso, tecla, botão ou controle para que se pudesse brincar com aquela torre instrumental, nem em qualquer um outro lugar dentro da nave. Aquilo não era, por certo, uma peça montada de máquina voadora, mas antes uma ostra organicamente desenvolvida que voava como um pássaro. E voava, sem dúvida, por uma força própria, dirigida por sua própria inteligência interna. Foi essa conclusão que atraiu minha atenção para o centro da nave.

Achei que era capaz de adivinhar a divisão de funções ali. A espiral no teto servia aparentemente como algum conversor de força; o eixo vertical como a propulsão para diversos fins, enquanto o globo atuava como comando central e inteligência.

Detive-me a contemplar a miríade de pequenas luzes faiscantes e névoa em movimento de todo tipo de cores e intensidades, tentando extrair algum sentido de tudo aquilo. Olhando mais de perto, descobri punhados de faíscas mais sutis com movimento cruzado, e até a estrutura fantasticamente intrincada de uma rede aparentando ser feita de fios muito finos.

Concentrei-me nas faíscas brancas, tentando ignorar momentaneamente as outras. Uma vez que o tempo local na torre instrumental era mostrado em branco, eu contava que as faíscas brancas no lobo estariam evidenciando algum outro importante fator local. Tal como o espaço, por exemplo. O espaço, sem dúvida! As faíscas brancas para as estrelas; como um mapa do espaço tridimensional para a navegação, com a posição da nave inferida ou assinalada em algum lugar? Diacho, então era isso! Apertando os olhos, fui capaz de distinguir, meio apagado, um pequeno aglomerado de, talvez, quatro ou cinco faíscas perto do centro, sendo uma delas muito maior; aparentemente, os planetas interiores e o Sol, nosso sistema solar. Observando melhor, detectei outras cinco faíscas, mais para fora; provavelmente, os planetas exteriores.

Bem, eu não tinha muita certeza, mas foi o que tudo aquilo me sugeria. Então, ao me inclinar mais para perto e ao segurar involuntariamente o corrimão que circundava o eixo central, uma coisa estranha aconteceu: tive a impressão como se meus olhos estivessem "aproximando o foco" à

maneira de uma lente telescópica, fazendo com que a porção central do globo crescesse com enorme aumento. Finalmente, era como se eu estivesse olhando para o planeta Terra desde um ponto afastado no espaço. Não havia nenhuma discrepância no contorno dos continentes – mas a vista era clara demais para ser da coisa real; tinha que ser somente um modelo representativo, talvez para mostrar posições relativas.

Retirei as mãos do corrimão e minha visão retrocedeu de volta ao normal. Ao segurar novamente o corrimão, senti outra vez a aproximação de foco. Então era meu toque que desencadeava o efeito, talvez por ativar algum elo de circuito fechado de percepção extra-sensorial junto ao globo. Repeti o procedimento mais algumas vezes, olhando para modelos de Saturno, Júpiter e Marte, notando inclusive alguns pontos sutis para asteróides.

Sentindo-me triunfante com minha descoberta, fui adiante para fazer um exame das faíscas amarelas. Eu as vi como modelos de corpos celestiais na outra dimensão da qual os discos-voadores supostamente se originavam. Mas não conseguia descobrir o sentido da configuração formada por elas, quer em vista direta ou aproximada. Talvez aquela ordem pertencesse a uma outra escala completamente diferente e não tivesse sentido em ser relacionada especialmente em termos de seu centro, como na configuração do sistema solar.

Prossegui me detendo nas outras faíscas coloridas, mas não era capaz de, sequer, imaginar que outras condições espaciais ou não-espaciais elas representavam. Olhei punhados de névoa a girar ou imóveis; estes talvez significassem fluxos magnéticos diversos, radiações cósmicas, condições outras de meteorologia, distribuições de energia,

campos de força, até mesmo parâmetros psíquicos, ou fatores inteiramente diferentes diante de tudo que eu conhecesse.

E havia, além disso, as diversas linhas constituindo intrincados desenhos abstratos em constante fluxo: a multiplicidade de trançados de fios como cabelos que resultavam em estruturas vastamente complexas; tudo isso talvez para o inter-relacionamento das diversas informações da rede neurológica da nave. Quem sabe? E então deixei em suspenso por momentos essa linha de interrogações...

E foi assim que concluí o que pareceu ter sido uma longa inspeção de uma hora, bastante detalhada. Eu ficara satisfeito com minhas descobertas, as mais inadvertidas, mesmo com as vagas referências. Estava certo de que faria ainda mais descobertas, sob condições mais dinâmicas. Como através de navegação e manobras aéreas, por exemplo – se a nave me levasse a passear. De minha parte, dessa vez, estava pronto para tal aventura.

Capítulo 5

VÔO PELO MUNDO

A seqüência de eventos apresentada neste capítulo ocorreu nas seguintes datas: 30/jul./75, 31/jul./75 e a viagem de volta às 2.30, em 1/ago./75. Vôo pelo mundo sobre Toronto, Cidade de Nova Iorque, Oriente-Médio, com paradas na Síria e num mosteiro do Himalaia. No dia seguinte até o Peru, Califórnia, e depois de volta a Huntsville, Ontário.

Fiz uma rápida pausa para um cigarro, enquanto tentava transmitir telepaticamente meu desejo e minha disposição de fazer um passeio à "mente" da nave. Eu não tinha dúvidas de que estava sendo monitorado todo o tempo, meus movimentos avaliados, ainda que o globo permanecesse passivamente envolto num "silêncio" telepático. Após a pausa que me concedi; fui de novo para dentro, e ali simplesmente fiquei à espera...

Foi com emoção que vi a nave responder, "agitando-se com vida". Como da primeira vez, quando corri de pânico, a espiral no teto estava se energizando num brilho crescente de tom laranja, pondo-se a pulsar. Em seguida veio o fluxo de corrente descendente no eixo central, junto com algumas mudanças na disposição das luzes no próprio globo. Achei

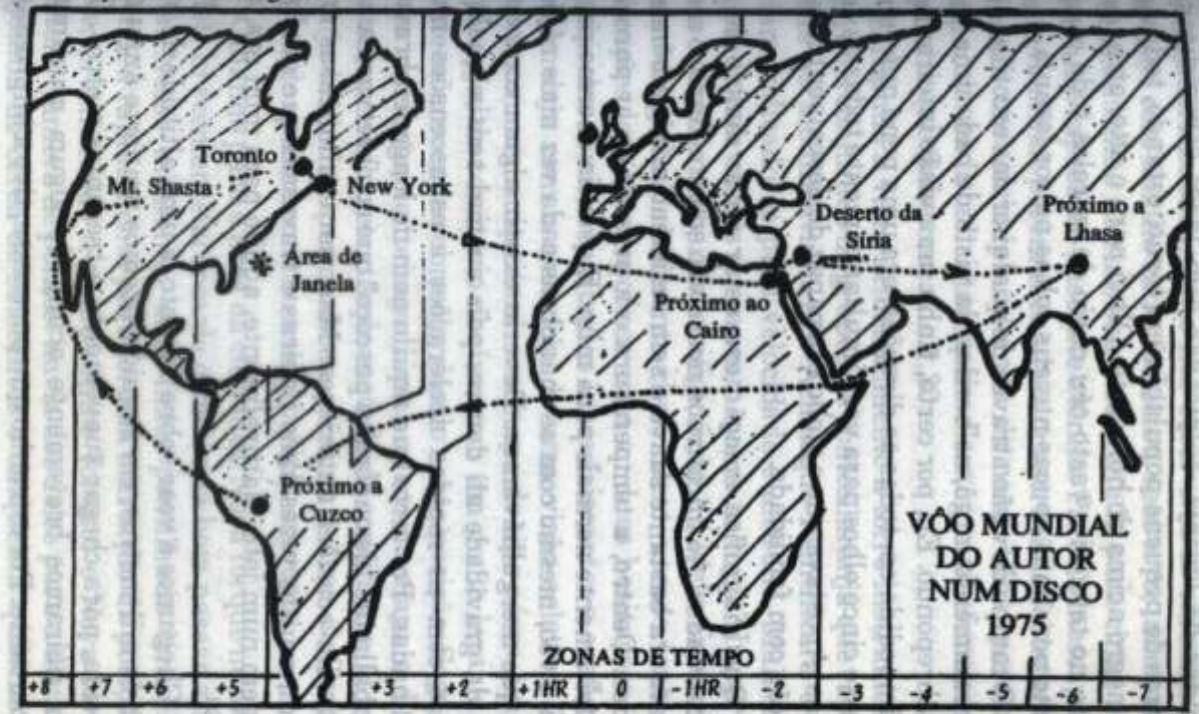
que estávamos prontos para decolar. E com uma ligeira sacudidela, saímos do chão! A nave subiu até pairar numa posição a trinta metros do solo, pela minha avaliação olhando o topo de árvores abaixo, através de uma escotilha. Para grande surpresa minha eu era capaz de ver claramente os bosques, quase como se fosse o começo da luz do dia lá fora, exceto em que tudo parecia alaranjado. Provavelmente, um visor do tipo infravermelho dentro do "vidro" da escotilha fora ativado, junto com algum poderoso amplificador, pois o brilho laranja, refletido no exterior da nave, não poderia justificar toda aquela iluminação na paisagem.

Lentamente, a nave ascendeu para maior altitude, onde de novo pairou. Sob a luz interior que no momento era consideravelmente fraca, eu me sentei numa seção curva do banco, de modo que pudesse olhar para baixo através da escotilha no chão. Estávamos a uns trezentos metros acima da terra. Eu ainda era capaz de ver claramente as coisas abaixo, incluindo o galpão do jardim e o *deck* de observação em meu terreno, muito embora devesse estar uma escuridão fechada lá embaixo.

Ao me inclinar para a frente, a fim de obter maior quadro de visão, automaticamente segurei o corrimão em torno do eixo central. Isso me trouxe outra surpresa: senti como se estivesse "aproximando o foco" sobre a paisagem abaixo! O toque no corrimão deve ter desencadeado o efeito. Agora eu podia ver à vontade as coisas grandemente ampliadas através de diferentes tomadas de perto, conforme logo descobri, experimentando. Excepcional, sem dúvida excepcional! Não surpreendia que a nave pudesse me ver mesmo no escuro, inclusive com todos os detalhes.

Olhando através das escotilhas da parede, desde meu assento, eu podia ver quilômetros de paisagens escuras

Ilustração de Oscar Magocsi


Toronto
Mt. Shasta
New York
Área de Janela
Deserto da Síria
Próximo a Lhasa
Próximo ao Cairo
Próximo a Cuzco
VÔO MUNDIAL DO AUTOR NUM DISCO 1975
ZONAS DE TEMPO
+8 +7 +6 +5 +3 +2 +1HR 0 -1HR -2 -3 -4 -5 -6 -7
30 de julho 23:30
Saída de Toronto e retorno
1º de agosto 2:30

tingidas de laranja, salpicadas com luzes esporádicas de centros de pequena população em torno, estando, todavia, o céu negro acima do horizonte. Olhei para o alto, através do domo no teto: vi o vasto céu cheio de estrelas todo escuro, exceto por umas poucas nuvens soltas na cor laranja.

O campo de visão através de qualquer das escotilhas era extremamente largo, as bordas da vista de cada uma delas se sobrepondo. Eu, por certo, tinha uma visão inteiramente desimpedida em todas as direções; era uma pena que eu não tivesse cinco olhos para ver simultaneamente todas as escotilhas. Apostava que o globo era capaz de desempenhar essa função com facilidade.

Que magnífica emoção era estar no ar dentro de um disco-voador! Ao iniciarmos nosso vôo sobre a Terra, o movimento era bastante suave e sem resistência, e também sem ruídos. Dentro, a temperatura e a pressão do ar pareciam perfeitamente normais para mim. Eu sentia enorme prazer com o vôo, mesmo com as manobras cada vez mais rápidas em que mergulhávamos. Deveria existir algum compensador da gravidade ali dentro, pois eu mal sentia qualquer efeito com as rápidas acelerações e as ascensões muito inclinadas. Por certo que aquilo nem de longe lembrava as cambalhotas "de quebrar o pescoço" que eu observara a nave fazer em ocasiões anteriores. Mas, para mim, essas eram ainda muitas vezes mais ligeiras e travessas que qualquer viagem num jato. Naturalmente, aquilo para mim era uma festa!

Chegamos a voar sobre Toronto, a uma altitude de mais de três mil metros; em seguida fizemos um forte ângulo de descida, para chegar suavemente a trezentos metros. Com isso, pairamos brevemente acima de algum cruzamento importante. Por estranho que parecesse, tive a impressão de

que alguém excitadamente nos observava lá embaixo. Minha visão com auxílio extra focalizou, sem erro, uma pessoa do sexo feminino na rua; sua face, voltada para cima, espelhava uma expressão bastante atônita. Parecia inescapavelmente familiar, porém meu ulterior escrutínio foi interrompido com uma subida acelerada da nave. Olhei para meu relógio: de nada adiantou, pois ele não mais funcionava. Supunha que fosse cerca de 1.30.

Dirigindo a vista acidentalmente à torre instrumental, notei dois conjuntos de grupos de pontos laranja que rapidamente se modificavam. Ah! Achei que identificara o que seriam indicadores para velocidade e altitude. Muito útil, mas onde estavam os mapas com que se navegar? Imperceptíveis talvez em alguma configuração de luzes faiscantes, dentro do globo densamente cheio. Bem, vamos tentar as marcações laranja; depois de uma ou duas hesitações, consegui isolar a maior parte das luzes faiscantes e configurações laranja com o exercício de uma visão seletiva. E lá estava, como eu suspeitara: um mapa do tipo aéreo, tingido de laranja, do território abaixo, com um ponto laranja brilhante se movendo sobre ele, dando nossa posição. Segurando no corrimão, tentei aproximar o foco do mapa e depois afastar, até vê-lo retratando metade do continente. O ponto laranja brilhante permaneceu próximo à área de Toronto, marcando evidentemente nossa posição corrente.

Olhando para a área da cidade de Nova Iorque no mapa, refleti brevemente acerca de como seria bom passar ali por cima. Nesse momento, uma linha pontilhada laranja se estendeu rapidamente para fora da marcação da posição da nave, preenchendo o espaço entre Toronto e Nova Iorque. Contei o número de pontos: havia dez deles para a distância projetada de cerca de seiscentos e cinqüenta quilômetros.

Bem, pensei, a nave tinha um jeito bastante imaginoso de expor meu curso de vôo mentalmente proposto.

"Muito obrigado", disse eu silenciosamente diante da obsequiosa ordem de exposição, quer fosse ela uma pequena cortesia do humor do globo para comigo ou das funções automáticas internas. "É para lá que gostaria de ir", acrescentei, e dessa vez falando em voz alta.

E, com mil demônios, a nave cumpriu meu desejo – ou seria eu agora o piloto? O fato é que nos deslocamos imediatamente na direção certa, conforme pude ver pela marcação em movimento da posição no mapa aumentado.

Gastamos menos que dez minutos para chegar lá, com meu cálculo de tempo pelo mostrador de pontos de relógio na torre instrumental, o que era cerca de cinco vezes a velocidade de um jato comercial! Contudo, eu mal senti qualquer movimento. Aquela velocidade ultrapassava em muito a barreira do som, e me perguntei por que discos-voadores não causam o estrondo da barreira do som.

Enquanto isso, descobria que poderia usar a visão ótica normal, além daquela modalidade "infravermelha" através das escotilhas, por meio do simples desejo de assim fazê-lo. Observando a cidade de Nova Iorque, então a uma grande distância, optei por uma visão normal, com aproximação e afastamento de foco para certas tomadas intencionais. Que visão excitante! Muito mais emocionante e superior do que estar no topo do edifício do Empire State; todas aquelas luzes marcando a Broadway, a mancha escura do Central Park, as marquises resplandecentes dos cinemas da Rua 42. Havia ainda bastante tráfego nas ruas, apesar da hora um tanto tardia.

Pairávamos ao que eu julgava ser uns seis mil metros, para evitar talvez a detecção e para nos mantermos afasta-

dos do tráfego comercial. Quando, finalmente, me senti satisfeito com a vista, recostei-me no assento, como uma criança contente. E agora, o quê, depois de Nova Iorque?, pensei. As pirâmides, talvez? Sim, sim, boa idéia. Me entusiasmei, perguntando-me ainda de onde partira a idéia. Teria sido sutilmente transposta para minha mente, de modo que eu pensasse que fosse minha, ou teria realmente se originado nela por alguma razão incompreensível? Mas que diabo! Eu tinha tempo de sobra; afinal, estava de férias. Então, por que não ir até as pirâmides?

Obviamente, tive sucesso em transmitir meu desejo telepaticamente: uma linha alaranjada de muitos pontos se estendeu rapidamente de Nova Iorque até o Cairo, uma projeção visual de meu curso proposto de viagem. "Sim, sim", eu disse silenciosamente em minha mente. "É para lá que devemos voar em seguida, embora eu não saiba, de jeito nenhum, por quê. Mas vamos, de qualquer modo."

E a nave atendeu ao pedido! Ela se lançou para longe e para o alto, na direção leste sobre o Oceano Atlântico. Para chegar ao Egito levaria três horas, calculei.

Em meia hora começou o amanhecer. Agora eu usava, exclusivamente, a visão normal, maravilhando-me com o tropel de cores, desde violeta profundo, através de azuis-pastel, até rosa-pálido. Grandioso, de tocar a alma. Eu poderia ter deleitado meus olhos com aquela aurora poeticamente desenhada, mas o Sol nascente modificava rapidamente as cores para branco e azul nebulosos.

Fiquei de pé para me esticar e fazer um pequeno intervalo, mudando o ritmo, com uma pausa para mastigar algo comível, beber alguns cubos, e fumar um cigarro...

Mais tarde, enquanto observava as vastas amplidões de céu vazio acima e a névoa quase toda embranquecida abaixo,

devo ter cochilado sentado no banco. Acordei sobressaltado e descobri que pairávamos sobre as areias do Egito. Eu divisava uma cidade a alguns quilômetros, que supus ser o Cairo, e, centrada exatamente abaixo de nós, estava a Grande Pirâmide, parecendo um tanto pequena vista de nossa altitude de seis mil metros.

Deveria ser o ponto máximo do meio-dia pela hora local, pois não havia nenhuma sombra no solo. O eixo vertical da nave estava alinhado precisamente para formar um eixo entre o Sol acima e o pináculo da pirâmide lá embaixo.

Os raios do Sol projetavam-se diretamente sobre o eixo. Mas, ao mesmo tempo, parecia haver algum fluxo de energia ocorrendo no eixo – para cima! Não havia engano: uma corrente azulada reluzente de alguma natureza era absorvida pela espiral do teto, que brilhava de modo pulsante, como se estivesse sugando a corrente em goladas para – para onde? Suspeitei de que deveria existir algum armazenamento de energia para ela; talvez nas paredes ou no chão. Olhei para baixo e as formações do chão, como favos de mel, brilhavam também mas apenas de uma maneira suave. Talvez fosse ali a pilha de armazenamento.

Que espécie de energia estaria a nave sorvendo? E por que a partir de uma pirâmide, um amontoado de pedras mortas? E seriam os raios do Sol necessários, de alguma forma, para uma espécie de efeito polarizador?

A misteriosa acumulação de carga continuou por uns quinze minutos. Então terminou: ou a nave ficou inteiramente carregada, ou o Sol se moveu para um ângulo diferente, que fez com que o processo tivesse que terminar. De qualquer forma, a nave se moveu de sua posição, numa direção para o sul. E agora?, pensei, mas nenhuma idéia me veio à mente. Melhor que deixasse a nave me levar para onde

ela quisesse; de qualquer modo, tive forte suspeita de que ir até as pirâmides tivera sido sua idéia.

Examinei o globo, mas não havia nenhum curso projetado. Voávamos devagar de verdade sobre o vale do Nilo. Me perguntei se estávamos numa excursão de turismo, ou apenas tentando matar o tempo antes da próxima "parada de serviço" da nave. Bem, de modo algum, não me importava; eu não tinha pressa, e sempre quisera ver o Egito. E assim, através das escotilhas, procurei visualizar alguns dos famosos locais antigos em bons ângulos e com grandes detalhes, além de captar impressões de centros populacionais e mesmo de instalações militares na zona do Canal de Suez.

Me perguntei por que não tínhamos ainda sido detectados e confrontados pela força aérea sempre em alerta? Estávamos sobre o Egito havia pelo menos duas horas; era impossível ter evitado a detecção – a menos que a nave usasse algum dispositivo de disfarce e preferisse passar despercebida.

Mudamos o curso, dirigindo-nos para a Terra Santa. A caminho tive rápida visão do Mar Mediterrâneo; então o deserto, áreas populosas, uma ou duas cidades se seguiram. Interrompemos o curso para pairar por alguns minutos sobre uma área perto do Mar Morto, em seguida sobre um pequeno vilarejo na redondeza, e depois ainda um outro em algum lugar próximo de um grande lago. Usei a visão com ampliação, mas ela não me disse muito. Aqueles lugares poderiam ser Belém e Nazaré, até onde eu sabia, pois, para mim, daquela altura, uma localidade se parecia com a outra na terra bíblica.

Continuamos o curso por sobre área deserta desabitada; então descemos até o topo de uma elevação rochosa, entre muitas, próximo a uma estrada poeirenta. Aterrissamos

completamente, e ficamos a esperar, por razões desconhecidas para mim. Após cerca de dez minutos fiquei entediado de olhar a paisagem desolada coalhada de rochas, torrada pela luz esfuziante do Sol. Levantei-me para esticar as pernas e decidi ficar um pouco do lado de fora, para variar.

Ativei o abridor da porta e desci a rampa, pondo os pés em solo bíblico pela primeira vez na vida. O ar escaldante caiu sobre mim como uma marreta. Era simplesmente incrível, como se eu estivesse dentro de um forno vivo. Imaginei que estaria morto dentro de menos de uma hora se fosse deixado desamparado ali. Uma idéia absurda me passou pela cabeça: e se a nave quisesse simplesmente me deixar ali, e eu tivesse sido estúpido o suficiente para ir, por mim mesmo, para o lado de fora? A desidratação seria uma maneira terrível de morrer, para não mencionar os abutres.

Andei em torno do perímetro do pequeno platô sobre o qual estávamos, com a intenção de voltar dentro de um ou dois minutos. Uma nuvem de poeira mais abaixo, na estrada a alguns quilômetros, chamou minha atenção: provavelmente algum motorista louco. Decidi esperar até que o veículo se aproximasse, só para ver a reação ao avistamento de um disco-voador pousado. Bem, alguma reação eu tive, porém algo surpreendentemente fora do comum. Uma coluna de tanques apareceu de dentro da poeira, se abriu num arco e parou a meio quilômetro de onde estávamos. Então seus canhões abriram fogo sobre nós! "Eles devem ser loucos", pensei, observando os primeiros petardos a explodir bem perto. Eu já corria para a nave quando uma segunda série de petardos explodiu no ar, bem à minha frente, não mais que a dez metros! Ouvi explosões surdas, a terra tremeu um pouco; mas não houve ondas de choque. Normalmente, eu teria sido morto pelos petardos explodindo tão perto; no

entanto, não estava nem um pouco machucado, tive apenas uma momentânea cegueira. De qualquer forma, não fiquei parado, mas corri desajeitadamente de volta para a nave. Ela fritava de calor, por dentro, também, mas ao se fechar a porta atrás de mim, a temperatura se normalizou de modo surpreendentemente rápido. Do mesmo modo como num sistema de ar condicionado, devo dizer. Isso para não mencionar o sistema de campo de força que a nave deveria ter para impedir que aqueles petardos nos atingissem. Devia ser um bom guarda-chuva protetor, ou talvez na forma de domo, já que o campo teria que dar proteção em todas as direções, com os petardos explodindo em toda a volta.

O bombardeamento cessou; nada mais que densa poeira podia ser vista se mexendo em torno de nós. A nave se elevou e subiu verticalmente até cerca de trezentos metros. Vi que as portinholas de alguns tanques estavam abertas, com cabeças dentro delas olhando para nós. Aproximei o foco de uma delas: a cara coberta de óleo espelhava uma tal estupefação que tive que cair na gargalhada.

Então retomamos a ascensão. Estávamos a cerca de três mil metros, quando encontramos um novo grupo de "caçadores": uma formação de três jatos interceptadores passou chispando ao nosso lado, fazendo a volta e vindo sobre nós de novo. Nesse momento a nave projetou-se numa súbita e estonteante ascensão vertical, que me deixou sem respiração e quase me espremeu no chão. Vislumbrei duas listras de fumaça avançando em nossa direção, vindo do jato mais à frente. Ao subirmos a toda velocidade, as listras se curvaram para nos seguir. Mísseis teleguiados! Me dei conta, horrorizado. Os jatos passaram em velocidade abaixo de nós. Em seguida, vi duas rápidas emanações de raios azulados sendo

emitidas desde a nave, estourando os dois mísseis longe de nós, sem perigo, para qualquer um.

Fomos embora a toda velocidade e ficamos fora de vista, muito no alto, antes que os pilotos pudessem, sequer, nos avistar de novo. Senti-me aliviado, porém enjoado. Parecia que meu corpo não era capaz de agüentar aquelas velocidades e acrobacias, apesar dos campos de força compensatórios que a nave empregasse para amortecer, de alguma forma, os efeitos sobre mim.

Eu estava bastante assustado com todos aqueles acontecimentos repentinos. Além do mais, não fora acostumado a levar tiros de tanques e aviões de combate. Pensando bem, não tinha o costume de viajar em discos-voadores, tão-pouco. Mas pelo menos eu sabia por que fôramos para o Oriente-Médio. A nave queria demonstrar seu sistema defensivo, e isso de uma forma bastante dramática, com uma provocação deliberada para ser alvo de artilharia. Tive a impressão de que tanto os tanques quanto os aviões eram árabes. Eles naturalmente atirariam em qualquer coisa estranha que se movesse dentro de seu território.

O campo de força era estupendamente impressionante: um campo na forma de domo, projetado pelo menos a uma distância de quinze metros, deveria requerer incrível quantidade de energia. E o feixe "laser" – ou o que quer que fosse – que explodira os mísseis: a cor azulada do raio parecia terrivelmente similar ao fluxo de energia com que a nave se carregara em cima da pirâmide.

* * *

Com suas atividades aparentemente concluídas no Oriente-Médio, a nave se punha a caminho para algum outro lugar. Perscrutando dentro do globo, consegui ver o curso

projetado: ele apontava profundamente dentro da Ásia, bem no coração do Himalaia. Nós nos dirigíamos para o Tibete! Tirei tal conclusão pela topografia geral da área, pois o mapa não apresentava fronteiras políticas ou quaisquer nomes em sua amostragem.

Por que, em nome dos céus, estávamos indo para o Tibete? Recordei-me, vagamente, de que sua localização era no interior da China Comunista, embora eu duvidasse de ver chineses ou outra gente naquelas montanhas hostis e geladas. Contudo, apreciei o vôo todo o tempo, mantendo os olhos colados nas escotilhas, especialmente naquela do chão. O terreno era, sem dúvida, enrugado: desertos e montanhas áridas, e no entanto exatamente a rota que caravanas e exércitos devem ter usado desde tempos antigos.

Após cruzar algumas terras baixas, férteis, logo alcançamos as montanhas cobertas de neve do Himalaia. Os sinais de habitação humana minguavam até desaparecerem. Agora, voávamos não muito acima dos picos elevados; com o Sol bem baixo atrás de nós, as sombras já escurecendo os vales abaixo.

Então a nave fez uma pausa e ficou pairando. Eu não conseguia ver nada digno de nota sob nós: apenas mais encostas rugosas de montanhas e muita neve em toda parte. O Sol estava perto de se pôr no horizonte, quando começamos a descer. Aterrissamos num sombrio crepúsculo, bem mais ao fundo que a altitude dos picos.

Pousamos, aparentemente, numa prateleira existente em volta da encosta de montanha que se elevava acima de nós. A trezentos metros emergia outra montanha rugosa, com seu topo parcialmente coberto por nuvens. Em nossa frente, um despenhadeiro se fim. Total desolação.

O tempo passava. Do lado de fora escurecia a cada minuto. Que esperávamos? Não demorou muito para saber. Uma estranha procissão surgiu, vindo de trás de uma curva. Era uma fila única, talvez de dez figuras humanas portando tochas. Dirigia-se diretamente a nós, com sua roupagem de peles de inverno. Então, a grande surpresa! No que a procissão parou, a apenas seis metros, alinhando-se como uma guarda de honra, a nave abriu a porta e baixou a rampa!

Uma figura que não conduzia tocha veio andando, enfiou a cabeça pela porta e jogou uma pilha de roupas de pele a meus pés. Parecia com um monge tibetano; julgando melhor, também os outros. Fez gestos para que eu vestisse as roupas, acenando para que fosse com ele em seguida. Com mil demônios! Eu estava sendo capturado, ou seria aquilo uma base alienígena, ou o quê?

Obviamente, a aterrissagem e aquela recepção eram todas programadas. Eu não tinha muita escolha, a não ser seguir as instruções. Vesti o conjunto de peles, junto com um chapéu e botas. Senti que lenta excitação tomava conta de mim; era uma incrível aventura de primeira classe, e uma oportunidade de ouro para extrair dos monges tudo que eles pudessem saber a respeito do mistério do disco-voador.

Seguindo o monge que me acenava, caminhei para fora, para o que parecia o frio mais gelado. No alto, o vento uivava com certa insistência, empurrando um bando de nuvens esfarrapadas que obliteravam em parte o *canyon*. Lindo lugar para ser visitado, pensei. Lufadas se atiravam sobre nós e quase faziam que as tochas se apagassem, ao nos afastarmos, arrastando-nos ao longo da prateleira. Virando a curva, olhei para trás: a nave estava bem ali, imóvel, brilhando suavemente, sua rampa recolhida e a porta fechada...

Após alguns minutos de caminhada ao longo da trilha sempre estreita e ondulante, entramos num túnel, que acabou por nos conduzir a uma câmara ampla e iluminada por tochas dentro da montanha. Tive a sensação de estar em algum monastério tibetano subterrâneo. Acenaram-me para tirar a pesada roupagem e envergar, ao invés, uma bata cinza. Ali tive um encontro e fui cerimoniosa e silenciosamente cumprimentado por um senhor tibetano idoso num robe amarelo. Ele me conduziu por uma escadaria de pedras e através de antiga porta para outra câmara.

O lugar parecia uma câmara de conselho iluminada por velas, com doze monges idosos vestindo robes de diferentes tonalidades e sentados à maneira de lótus sobre um chão de madeira. Eles se posicionaram em semicírculo, voltados para um tablado com uma cadeira vazia de frente para outra onde se sentava um senhor bastante idoso. Curiosamente, no grupo havia muitos homens brancos e pretos, além dos orientais. Não era exatamente uma cena regular de monastério tibetano. Fui conduzido à cadeira vazia, e meu condutor fez gestos para que eu permanecesse em silêncio.

Esperei que alguém começasse a falar; no entanto, o silêncio não foi interrompido, exceto por murmúrios ocasionais que soavam como rezas. Ninguém prestava atenção em mim, mas ainda assim eu tinha a esquisita sensação de estar sendo examinado de cima a baixo.

Esse tratamento silencioso se estendeu por horas a fio. Finalmente, o idoso monge principal se levantou, cumprimentou-me com um movimento de cabeça, sorrindo generosamente, e caminhou para fora com os outros que o seguiram. Fui deixado sozinho por um tempo que me pareceu ser mais de uma hora. Curiosamente, senti-me paciente e em paz, quase como se estivesse à toa numa praia. Além disso,

sabia não haver mais nada a fazer além de esperar. Bem, não estava com pressa para nada...

Um jovem monge entrou e colocou perto de mim uma bandeja com chá, uns bolinhos e figos secos. A uma tentativa minha de comunicação ele apenas meneou a cabeça, de modo que sacudi os ombros e comi. Depois, o primeiro guia ancião retornou e me conduziu através de uma malha de corredores até um salão com teto abobadado, que estava cheio com pelo menos cem monges de todas as raças e cores em robe dourado-pálido. Todos sentados em lótus no chão de madeira, em meio a massas de velas acesas e palitos de incenso que faziam com que a respiração ficasse difícil.

Fui colocado novamente num tablado, ocupando uma cadeira junto a outra que ficou vazia. Logo em seguida fez-se soar um gongo e o monge muito idoso da "câmara de conselho" entrou cerimoniosamente e ocupou a outra cadeira. Ele devia ser, pensei, o que se poderia chamar de Lama Superior daquele monastério tibetano, cheio de tantos monges sem aparência tibetana. Como teriam todos chegado ali, e o que faziam em lugar tão fora do comum?

Então os cânticos começaram, tomando o templo. O ritmo solenemente lento, que vinha de uma centena de gargantas, era pontuado de vez em quando pelo som de um chocalho e um gongo. Isso continuou, por horas, de maneira muito agradável. Após certo tempo, senti-me flutuando no ar, enquanto era tomado por dentro e por inteiro por uma sensação de formigamento. Depois cheguei a ver um acontecimento impossível, devido talvez a um toque de alucinação: o corpo do Lama Superior flutuou lentamente no ar e ali ficou sem aparentes suportes, enquanto uma parede do templo desvaneceu-se, revelando um disco-voador alaranjado pulsante, que flutuou sobre o *canyon* aberto...

Senti um calafrio; percebi, subitamente, que estava ao ar livre, de pé sobre um pequeno terraço, que tinha vista para todo o vale, com o disco-voador a meia-altura. Eu não sabia como e em que momento ali chegara, mas estava, sem dúvida, gelado sem as peles de proteção. O Lama Superior postava-se a meu lado, igualmente com suas roupas leves, contudo, sem aparentar estar sentindo qualquer frio. Com os braços levantados, ele estava de frente para um pico coberto de neve, que foi tomado por um fulgor laranja ofuscante, ao ser tocado pelos primeiros raios do Sol que se levantava. Um monge ao lado do Lama soprou uma corneta de madeira fantasticamente longa, e o estranho som ecoou por um bom tempo. O Lama Superior fez menção para que eu o seguisse através de uma pequena porta, que nos levou de volta ao templo abobadado. O lugar estava vazio e limpo. Ali, o Lama Superior tocou-me a cabeça brevemente, como se me abençoasse, e depois saiu. Eu estava só novamente, tentando extrair algum sentido daqueles misteriosos acontecimentos tibetanos. Fiz considerações acerca da total falta de comunicação verbal. Mas talvez a ação ali fosse mais importante que mil palavras. E alguma coisa maravilhosa deve ter acontecido comigo: senti-me excepcionalmente forte e vibrante, com todo o meu ser sendo transformado para um estado mais elevado que simplesmente não poderia colocar em palavras.

O monge-guia ancião entrou e me conduziu de volta à primeira câmara, onde me fez vestir novamente a roupagem pesada. Um grupo de monges, também pesadamente vestidos, me levou de volta ao longo da trilha sinuosa e da prateleira curva da montanha até a nave que esperava. Um deles me escoltou até a rampa, e esperou para trazer de volta

minha roupa de peles. Os outros então foram embora em fila única, sem olhar para trás.

A nave se elevou acima dos picos, penetrando na luz do primeiro amanhecer. Lá embaixo não havia absolutamente nenhum sinal do monastério; nem mesmo a sugestão de uma entrada para qualquer lugar...

* * *

De acordo com a projeção do globo estávamos a caminho da América do Sul, dessa vez, para a área da costa oeste, que me pareceu ser o Peru. Outra missão da nave, por razões próprias, talvez outro enigma para mim.

O cruzeiro até a América do Sul durou cerca de cinco horas; no entanto, não pareceu longo e não foi entediante. Fiquei observando a paisagem abaixo, da Ásia e da África, que passava como se fosse um filme de viagens, sempre que formações de nuvens não obscureciam minha vista. Tive que usar o visor "infravermelho", pois cada vez ficava mais escuro lá embaixo, ao mergulharmos no tempo noturno, afastando-nos do Sol nascente e da luz diurna. Tive a impressão de que a nave não dependia de "visualizações" para sua navegação, exceto talvez para a orientação inicial. A nave, ao invés disso, movia-se em relação a diferentes marcações, que irradiavam características particulares, nas quais ela podia "zerar", conforme fizera no caso da pirâmide e do monastério.

Sobre o interior da América do Sul, baixamos para voar a cerca de mil e quinhentos metros. Percebi que nossa velocidade caíra também. Parecia que o corpo da nave, em sua forma solidificada, era sujeita às mesmas limitações – causadas pela fricção – que os aviões. Isso também deveria se aplicar à capacidade de manobra, a qual seria ainda mais

reduzida considerada em relação com a resistência de meu corpo humano. Pois, mais uma vez, eu devo ter sido a razão para o vôo solidificado e não "etérico". Talvez meu corpo não fosse adequado para o outro modo de viagem "dimensional" – pelo menos não por enquanto.

Quando nos aproximávamos da América do Sul, o Sol surgiu no horizonte ocidental. Foi, sem dúvida, um dia estranho para mim, com o Sol funcionando da forma "errada". As florestas de chuva tropical da região do Rio Amazonas eram quase impenetráveis para que se pudesse enxergar alguma coisa ao nível do solo. Ao alcançarmos as cordilheiras, a nave subiu mais e mais. Voamos sobre as encostas de montanhas cobertas de vegetação, em seguida sobre cumes desertos totalmente inacessíveis, diretamente sobre o Sol que se punha.

Distingui o que pensei ser o Lago Titicaca sobre um platô alto, e depois alguns poucos remanescentes da antiga civilização Inca. As magníficas ruínas da cidadela de Machu-Pichu despontaram ao alcance da vista. Mas continuamos nos deslocando, agora lentamente, voando em círculos a cerca de mil e quinhentos metros acima das montanhas que escureciam, como um avião que espera permissão para pousar.

Estávamos em nosso sétimo círculo sobre a então já inteiramente escura paisagem, quando fui surpreendido pela violenta eclosão de uma radiação verde, que nos atingiu, vindo de bem abaixo! Radiação verde? Vindo de baixo? Era muito estranho. Naquele instante o eixo central da nave começou a se acender com uma corrente ascendente de um fluxo de energia esverdeado-azulada, a espiral no teto brilhando cada vez mais na mesma freqüência.

Agora outra radiação verde nos atingia, procedente de uma direção diferente no solo. E a seguir mais uma outra,

originada em algum outro lugar; sete irradiações juntas no espaço de poucos minutos, de diferentes lugares, em intervalos irregulares e com variadas intensidades. Então tudo cessou. Fomos envolvidos por uma névoa esverdeada, que ficou formando arcos em alguns pontos, como descarga de alta voltagem. Aparentemente, o eixo central sugava tudo aquilo para a espiral no teto, a qual, por sua vez, a transformava para ser armazenada nas baterias da nave. Esse procedimento durou pelo menos mais uns dez minutos, até que os últimos remanescentes de névoa verde finalmente se dissiparam.

Lá fora novamente tudo parecia escuro e normal. Visto de longe, aquilo sugeria alguma tempestade elétrica passageira. Mas eu sabia que tudo deveria ter sido, ou deliberadamente desencadeado pela nave, ou propositalmente dirigido até nós desde lá embaixo – mas por quem ou o quê?

Eu estava certo de que nossa ida àqueles lugares fora para armazenar aquele tipo de energia. A hora de nossa chegada logo após o pôr-do-sol e nossa circulação por um tempo devem ter sido importantes fatores na ativação do "bombardeamento" de energia. Fora disso, o acontecimento todo era apenas mais um misterioso enigma para mim, numa já longa série de enigmas.

Com a missão aparentemente cumprida, a nave retomou a incursão para outras partes. Conforme pude deduzir da projeção de curso do globo, agora nos dirigíamos para a área da Costa Oeste dos Estados Unidos, para algum lugar na Califórnia Setentrional. Algo em torno de duas horas de vôo, imaginei. Mais perto de casa, dessa vez.

Aproximando-nos da Califórnia, a escuridão foi cada vez mais diminuindo no horizonte ocidental – e o Sol retornou! Um pôr-do-sol ao inverso, devido à nossa rápida mudança de

zonas de tempo, sem dúvida. Os primeiros astronautas que circundaram a Terra devem ter visto incontáveis singularidades semelhantes. Perto de nossa destinação, entretanto, o Sol começou a se pôr mais uma vez, e dessa feita do modo habitual. Logo estava escuro novamente.

A nave interrompeu o curso e baixou para pairar a cerca de mil metros, acima de um solitário pico de montanha que dominava a paisagem relativamente plana em torno. Pelo menos era como parecia através do visor "infravermelho", no qual me coloquei a fim de ver alguma coisa na escuridão. Acredito que estávamos sobre o Monte Shasta ou outra montanha solitária, naquela área de algumas centenas de quilômetros, local que posteriormente tentei situar num mapa verdadeiro, de acordo com a lembrança que tinha da apresentação do globo.

Agora a espiral brilhava com luz alaranjada e começou a pulsar junto com o eixo central. Tive a impressão de que a nave sinalizava para alguém ou alguma coisa lá embaixo, assim como sinalizara para mim algumas vezes em outras ocasiões. Como se fossem combinadas, três fogueiras acenderam-se uma a uma, pelo menos a setecentos e cinqüenta metros afastadas entre si, na encosta da montanha, suas luzes formando as arestas de um triângulo equilátero. Não era uma coincidência, eu tinha certeza. Aquilo era um sinal, ou contra-sinal, para a nave. Com a visão ampliada vi o que se parecia com figuras humanas em torno de cada fogueira. A maioria trajava batas sacerdotais. Eu não estava muito certo disso, nem dos outros detalhes, pois a nave, nesse momento, se moveu um pouco, bem acima do centro do triângulo que nos alinhava com o pico. Ela mudou do brilho laranja para um azul-esverdeado que obscureceu a clareza da visão.

Então um fluxo de energia de brilho ofuscante azul-esverdeado começou a correr pelo eixo abaixo, desconcertantemente. Me pareceu que, do lado de fora, aquilo deve ter-se parecido com um facho refletor de um metro de diâmetro – ou fluxo de energia batendo no Monte Shasta, "carregando-o". O fluxo de energia, incrivelmente forte, durou cerca de trinta segundos, e então cessou abruptamente.

Quando meus olhos se recuperaram após um minuto ou dois, tudo lá fora retornara ao normal: não havia muito o que ver, apenas as três fogueiras na escuridão da noite...

Com mais uma missão cumprida, a nave retomou sua função de viagem. A exposição do globo apontava para a área ao norte de Toronto.

Cerca de uma hora depois pude distinguir a Torre Nacional Canadense de Toronto na noite. Logo estávamos sobre a região de Huntsville, descendo na direção da floresta perto de minha propriedade. Pousamos no mesmo local de que decoláramos na meia-noite anterior. A nave abriu a porta e baixou a rampa. Convidavam-me a descer, obviamente.

Minha primeira viagem num disco-voador terminara. Fora por demais fascinante e memorável. De certa forma, também edificante, pois agora eu tinha uma "entrada" em pequena parte do mistério dos discos-voadores. Essencialmente, no entanto, eu ainda não sabia nada. Mas sentia que no tempo certo aprenderia mais, e que aquela viagem era apenas um vislumbre de muitas coisas que ainda viriam, em breve.

Com esse pensamento de despedida, saí andando da nave para a noite fria e escura de Muskoka. Estava em solo caseiro novamente. Sentia-me bem, depois de todos aqueles lugares distantes e estranhos acontecimentos, mas também triste por ver terminada a aventura.

Parei na borda da clareira e observei a nave se elevando a cerca de dez metros do chão, onde ela simplesmente desvaneceu-se lentamente desta dimensão. Considerei, cheio de esperança, que aquilo poderia significar uma indicação de que da próxima vez eu poderia fazer uma viagem para aquela outra dimensão...

Capítulo 6

ESPAÇO EXTERIOR

A seqüência de eventos apresentada no presente capítulo ocorreu nas seguintes datas: 3/ago./75, às 23.45 – a nave pousa. 4/ago./75, à 0.10 – a nave paira sobre a Usina Nuclear de Pickering (Ontario Hydro). 4/ago./75, à 1.00 primeiro trânsito interdimensional do autor sobre o Lago Ontário, a meio caminho entre Niagara-do-Lago e Mississauga, Ontário. Em outras dimensões por duas semanas – todavia tendo se passado aqui três dias! Retorno da viagem, 7/ago./75, à 1.30 – Esse módulo de tempo cobre do capítulo 6 até 12, inclusive...

Naquela noite de retorno de minha primeira expedição num disco-voador não senti vontade alguma de ir para a cama. Sentia-me bastante desperto, apesar do cansaço de uma viagem que durara um dia inteiro. Depois da partida da nave desaparecendo desta dimensão, caminhei lentamente de volta para minha propriedade, perguntando-me que horas seriam.

Em meu carro liguei o rádio e logo consegui captar o anúncio da hora de uma estação de rádio: eram 2.45. Então eu estivera fora 27 horas. Notei que meu relógio funcionava

de novo e então coloquei-o novamente na hora certa. Isso me fez pensar a respeito de minha extraordinária preocupação com o tempo. O mesmo se aplicava, mais ou menos, em relação à minha necessidade de saber velocidades, altitudes, localizações, a natureza do funcionamento da nave, sua propulsão e diversas energias, e, por fim, mas acima de tudo, seu propósito e motivação em última instância.

Em outras palavras, eu queria saber tudo, ansioso por explicações, ou pelo menos por alguma comunicação verbal. Suponho que isso seja algo bastante compreensível da natureza humana. Mas eu não tinha certeza se seria capaz de aprender inteiramente essas coisas alienígenas: a faixa não-verbal de comunicação, a natureza não-mecânica da nave, os "controles" não-manuais, e o modo não-humano de viagem interdimensional. Todavia eu suspeitava de que no futuro teria um papel a desempenhar nesse drama que se desdobrava. E eu poderia descobrir estas coisas de alguma forma, se conseguisse transcender meu modo ordinário de ser para um outro de mais alto nível. Seria este, talvez, parcialmente, o propósito da viagem até o Tibete, isto é, despertar meus poderes de percepção extra-sensorial, de modo que eu pudesse ser trazido até o nível de comunicação fluente com a nave? E a respeito dos pré-requisitos para minha esperada viagem interdimensional? Isto haveria de requerer todos os tipos de drásticas mudanças em meu padrão vibratório e na química do organismo. Talvez eles também tivessem trabalhado nisso no Tibete, quem sabe?

Tudo que eu sabia, àquela altura, era que poderia ver e saber mais quando o tempo chegasse, se estivesse preparado...

REFERÊNCIAS: O mapa acima detalha a viagem do autor no disco-voador desde o local de pouso até Toronto; em seguida, até a Usina de Pickering; e até seu primeiro trânsito interdimensional a meio caminho entre Mississauga e Niagara-on-the-Lakes, sobre o Lago Ontário.

O dia seguinte veio e se foi numa nuvem. Estava muito quente e passei parte dele na praia; a noite, junto a minha fogueira, assimilando minhas experiências.

Lentamente, eu voltava ao "normal". Na noite seguinte, de um sábado, sentindo-me um pouco agitado, cheguei ao ponto de abandonar minha vigília em troca de um hotel de veraneio, onde dancei a noite inteira em selvagem abandono.

Então veio o domingo, 3 de agosto de 1975. Eu me encontrava num estado de espírito calmo, relaxado; estava bastante descansado. E sentia vaga excitação dentro de mim, como alguma "chamada cósmica". Mas creio que me achava bem preparado e cheio de vontade para nova aventura de disco-voador...

O cair da tarde me encontrou sentado em meu "lugar do crepúsculo", em silencioso devaneio. Uma sensação de antecipação era cada vez mais forte em mim, a cada minuto. Tinha certeza de que estava pronto; de alguma forma sabia também que o momento chegara.

Eram 22.00 horas. Voltei para meu terreno, fiz um lanche, e encerrei as atividades. Tinha a clara impressão de que não estaria de volta por um bom tempo. Decidi deixar meu relógio e as chaves do carro guardados num lugar seguro. Então caminhei até a "terra aonde não vai ninguém" e me sentei num toco próximo à clareira.

Esperei simplesmente, agora com uma certeza quase total. A noite estava bela, e eu me sentia excelente e pronto como nunca.

Talvez se houvessem passado uns vinte minutos, quando tive a súbita impressão de que a nave acabara de chegar na clareira. Olhei na escuridão: um brilho pouco perceptível apareceu quase em um minuto, tornando-se gradualmente mais forte!

Senti-me triunfante. Estava provado que eu acertara acerca da vinda da nave, e portanto eu deveria tê-la detectado por percepção extra-sensorial. Afinal, eu não ia tão mal para um principiante.

A nave se materializou inteiramente; em seguida, baixou, para pousar no solo rochoso. Então a porta se abriu, a rampa foi descida. Levantei-me e embarquei entusiasmado, com expectativas de uma aventura excitante dessa vez...

Olhei em volta, por dentro. Nada se modificara. A porta se fechou atrás de mim; o brilho da espiral no teto pulsava com lentidão. Aparentemente, estávamos prontos para decolar, o que me parecia ótimo. Encontrava-me de excelente humor, pronto para mais uma expedição espetacular.

Decolamos e subimos verticalmente. Sentei junto à escotilha do chão, enquanto a nave continuou ascendendo, cada vez mais alto, até cerca de seis mil metros. Abaixo de nós, mesmo as luzes esporádicas desapareceram, apenas os aglomerados de luzes de cidades próximas permaneciam visíveis.

A nave colocou-se em vôo plano, logo estando sobre Toronto. Então descemos a algumas centenas de metros bem a leste da cidade, na área de Pickering. Foi quando pude ver outra nave! Ela parecia bastante similar à minha e estava descendo para o local da usina nuclear na proximidade. Parou a algumas dezenas de metros acima da usina. Ficou ali por vários minutos, enquanto seu brilho pulsava e se mantinha modificando de laranja para o rosa e para o vermelho, reiniciando novamente. Então deu um salto enquanto começava a desaparecer – e simplesmente desmaterializou-se.

Nesse instante, ouvi um pipocar fraco, vindo da direção da plataforma de entrada junto à porta. Um cubo reluzente,

de meio metro de altura, apareceu vindo de lugar nenhum, como que por mágica, tornando-se completamente solidificado diante de meus olhos! Obviamente, a plataforma tinha dupla função também como dispositivo de "transporte". Fui até o cubo: ele era uma caixa de carga semitransparente vedada, sem nenhuma junção, que continha algumas vestimentas dobradas e instrumentos. Para que serviriam aquelas vestimentas. Teriam sido "enviadas" pela outra nave?, eu me perguntei.

Enquanto isso, nos movemos para ocupar o lugar onde estivera a outra nave, acima da usina nuclear. O eixo central de minha nave começou a se acender, com uma corrente ascendente de fluxo rosado, o brilho da espiral do teto aumentando no mesmo ritmo. Aparentemente, carregávamo-nos com a energia proveniente da radiação protegida da usina nuclear.

Após o processo de "reenergização", saímos em vôo sobre o Lago Ontário, com as luzes distantes de Toronto ainda ao alcance da vista, e em seguida tornamos a pairar novamente. Fiquei atônito ao ver o envoltório de carga desvanecendo-se, seu conteúdo derramando-se sobre a plataforma: uma forma bastante inteligente de se desembrulhar mercadoria. Fui até ali outra vez, e peguei os objetos leves para examinar. Eles se pareciam com peças de um traje espacial para uso humano – provavelmente para meu uso pessoal. Havia um capacete translúcido, um cinto de fivela, um par de botas curtas; também uma calça justa no corpo e uma jaqueta-blusa de gola alta feita de tecido prateado elástico, escamoso e metálico ao toque pelo lado de fora, mas com forro macio por dentro.

O traje deveria ser, obviamente, para meu uso. Concluí ser aquele o sinal de que estávamos para embarcar numa

viagem de verdade no espaço, ou talvez até mesmo numa outra dimensão! Levei o traje até o compartimento destinado a toalete, onde o vesti após ter-me despido, e em seguida procurei por algum lugar onde deixar minha roupa. Num impulso, coloquei-a arrumada no chão sobre a plataforma. Fascinado, observei um invólucro "plástico" se materializar em torno das peças, envolvendo-as completamente. Então, "pop!", e o embrulho não estava mais ali!

Meu traje espacial se ajustou perfeitamente em mim, inclusive as estranhas botas de cor cinza-metálica. Até mesmo o capacete era bastante confortável, devido à sua leveza. Senti-me muito bem e à vontade, andando pomposamente como se estivesse num desfile de modas. Observei uma modificação significativa em meu *status quo:* comecei a me sentir extraordinariamente forte, vibrante, leve, contente, com a mente aguçada e clara. Uma transformação bastante surpreendente! Achei que tudo era parcialmente devido a uma onda perceptível de energia espalhando-se desde meu plexo solar através de todo o corpo. Ela devia estar vindo do cinto em torno de meu diafragma, especialmente da fivela. Um tipo diferente de energia, mais sutil, emanava do capacete, sobre a região da fronte. Ela fazia que me sentisse com a cabeça fria e límpida.

Estava convencido de que o cinto e o capacete eram feitos para ativar meus poderes mentais e físicos; também que minha visita tibetana era parte integral de um procedimento de ativação completo; talvez a química de meu corpo tenha sido ajustada. Portanto, uma viagem interdimensional parecia iminente; a ativação do cinto servia para modificar minha estrutura molecular para meu trânsito corporal, enquanto que a ativação do capacete destinava-se a acelerar o

passo de minhas funções perceptivas e mentais, de modo a melhorar minha compreensão.

Usando o equipamento de ativação, eu já era capaz de "ver" e entender muito melhor do que antes. Tudo que eu olhava parecia muito mais vívido, rico em detalhes e coloração que eu não notara anteriormente. Isso era especialmente verdadeiro quando olhava para o globo. Subitamente, eu estava em condições de aprender vastas combinações de suas configurações de luzes coloridas num olhar, "sabendo" intuitivamente o que elas representavam. Algumas marcas referiam-se meramente a traços geográficos e espaciais, para serem lidas simultaneamente com um outro grupo de marcas como "sinais de origem" para navegação. Essas marcas de "origem" eram puramente fontes de energia de vários tipos e magnitudes. Algumas mostravam emanações psíquicas, tais como a cor púrpura de lugares esotéricos como o monastério tibetano – marrom-avermelhado opaco de hostilidade no Oriente-Médio – verde-amarelado vívido para um certo lugar no Peru. Havia tons mistos de grandes centros populacionais. Por exemplo: névoas de verde-pálido de dependências hospitalares, névoas de azul-pastel de igrejas, e névoas de amarelo-claro para universidades. Sem dúvida, esses tons básicos tinham configurações e intensidades amplamente variáveis.

Tudo isso eu deduzi num tempo relativamente curto, fazendo comparações dos locais distantes que visitáramos na viagem anterior, com os detalhes ampliados de pontos característicos em Toronto. Embora a disposição geográfica fosse apenas esboçada, eu estava familiarizado com as localizações principais de Toronto, tais como o *campus* com o complexo hospitalar em sua proximidade e o agrupamento de igrejas na periferia.

Com a ajuda do capacete, as deduções vinham mais depressa. Em parte, podiam ser adivinhações inspiradas, até onde me dei conta – ou mesmo transmissões telepáticas diretas da nave. Àquela altura eu não me importava de como estava aprendendo aqueles fatos novos, desde que continuasse a aprender.

Rápido pensamento me cruzou a mente: se lugares tinham emanações características, o mesmo seria verdadeiro para as pessoas; afinal, as atividades das pessoas geravam os campos psíquicos que caracterizavam os diferentes lugares. Imediatamente eu sabia que isso seria verdadeiro: como poderia de outra forma a nave detectar e identificar dada pessoa em meio a multidões, desde uma longe distância? A nave certamente deveria ter recursos para esse tipo de detecção.

Eu estava bastante certo de que o globo era o principal dispositivo sensório da nave, além de ser o executor de decisões e o mostruário de fatores ambientais complexos. Mas essas coisas visíveis eram provavelmente apenas uma fração muito pequena do vasto conhecimento interno da nave. Aquele mostruário era estritamente para a conveniência de passageiros ou um piloto verdadeiro para ser lido caso se soubesse como. Além disso, eu tinha a impressão de que era possível se compartilhar mais ou menos todo o conhecimento da nave, uma vez que se descobrisse como.

Agora eu também sabia onde estava armazenado todo o conhecimento, onde o cérebro havia sido localizado. As duas pilastras retangulares que eu tomara anteriormente como instrumentos eram, na verdade, os dois lobos do "cérebro" da nave – ou algum banco de computação para todos os efeitos.

Eu estava bastante impressionado com a facilidade e rapidez de meu funcionamento mental, em diversos níveis, simultaneamente. Por curiosidade, multipliquei um número de quatro algarismos, ao acaso, por um outro de quatro algarismos, de cabeça. Isto se deu sem qualquer dificuldade, e eu até "vi" todos os detalhes e o resultado em minha mente. Em seguida, tentei lembrar valores de logarítmos e fórmulas matemáticas há muito esquecidos, os quais trouxeram uma torrente de respostas corretas e claras como cristal. Não havia dúvida de que minha capacidade de ativar memória melhorara fantasticamente.

Tive curiosidade em saber o que melhorara ou se modificara em mim, sem que eu soubesse. Talvez muito mais do que pudesse imaginar, ou conceber por conta própria. Assegurei-me, todavia, de que descobriria muito mais no devido tempo, já que deveria haver boa razão para que eu estivesse ali, do ponto de vista da nave. Senti-me satisfeito pelo momento, apenas esperando que algo acontecesse. Algo como ir numa viagem para uma outra dimensão...

Foi então que as luzes de Toronto começaram a desaparecer lentamente. Por breve momento, tive uma sensação de formigamento em diversas partes do corpo. Olhando para minhas mãos descobertas, minha visão vacilou um pouco: momentaneamente, parecia que eu era capaz de ver através delas como se fosse com uma câmara de raios X. Então mostraram-se sólidas novamente – mas Toronto desaparecera completamente! Para ser mais preciso, a massa inteira de terra junto com o Lago Ontário tinha sumido, e estávamos no espaço profundo! Flutuávamos por lá em algum lugar, "próximo" a um inacreditável campo de estrelas de um espaço estrangeiro!

Olhando através da outra escotilha, vi a distância uma nebulosa espetacular de tirar o fôlego. Não havia dúvida sobre aquilo: eu estava verdadeiramente numa outra dimensão. O planeta Terra e o céu de estrelas familiares haviam deixado de existir.

Olhei em volta na nave. Basicamente, nada mudara, exceto que tudo parecia espantosamente mais vibrante, mais rico na coloração. Então aquilo era o que uma taxa mais alta de vibração fazia com nossos sentidos. No entanto, tudo ali era bastante sólido, eu inclusive. Perscrutei o globo, para ver se ele fornecia outras indicações. Não o fez, mas descobri algo interessante. Enquanto que os pontos brancos de luz eram marcações de planetas em nosso sistema solar, eu descobri um outro conjunto de planetas marcados mais fracos. Eles pareciam bolhas de sabão de luz, mesmo quando ampliados. Para cada um de nossos planetas, incluindo a Terra, havia um planeta contraparte "bolha", do outro lado do Sol! Para que eram essas marcas de "bolha"? Ainda uma outra dimensão com duplos etéricos para cada um de nossos planetas?

O fato era que estávamos na dimensão representada com marcas de amarelo-cremoso no globo. Isso era facilmente dedutível a partir da posição da Terra com relação à nebulosa espetacular colocada frente ao campo denso de estrelas dessa outra dimensão.

Após um minuto ou dois, as luzes de Toronto se tornavam lentamente visíveis. Voltávamos a brilhar nesta minha dimensão. Dessa vez o espaço estrangeiro "cessava" de existir. Com isso eu me submetia ao meu primeiro trânsito interdimensional, sem, na verdade, ir a nenhum lugar. Pois ainda pairávamos sobre o mesmo lugar que antes. A despeito

de me sentir exultante e desorientado, não percebi nenhuma modificação substancial em mim.

Agora nos dispúnhamos a sair voando para algum lugar, dentro desta minha dimensão, afastando-nos de Toronto. De acordo com a exposição do globo, nos dirigíamos para o Oceano Atlântico aberto na região das Baamas. Estávamos em busca de algum tesouro submeso, ou atrás da própria Atlântida perdida? Ou, quem sabe, nosso passeio tinha algo a ver com a assim chamada "área de janela" no Triângulo das Bermudas?

Ao ultrapassarmos a linha costeira, a nave baixou para voar a algumas centenas de metros acima das águas. Era a hora antes do amanhecer: não muito escuro, mas também não claro o suficiente para se distinguir detalhes nos amontoados cinza de névoa em que voávamos.

Subitamente, tudo mudou dramaticamente. O céu acima de nós começou a brilhar estranhamente, como se fosse uma espiral laranja gigante; um segundo após éramos sugados em sua direção, por um vórtice de névoas laranja e azul que nos engolfou. O vórtice era assombroso, fervilhando de sombras pálidas e aparições maldefinidas de formas gigantescas. Tinha o toque sobrenatural de coisas de outro mundo, modificando-se rápido demais para que se pudesse discernir algo com clareza.

Então, após o que pareceu serem alguns minutos, saltamos para o interior de um espaço negro profundo, salpicado de estrelas. Lá embaixo, a Terra aparecia inteiramente à vista, eu diria a alguns milhares de quilômetros de distância. A nave deve ter viajado terrivelmente depressa naquela amplidão fantasma do vórtice, para ter coberto uma distância tão grande de imediato. Ou talvez tivéssemos sido suga-

dos através de uma "área de janela" por uma força misteriosa?

Não havia nada além de escuridão no lado noturno da Terra. Apenas um estreito crescente na linha do horizonte da sua curvatura começou a ficar mais brilhante, certamente devido ao surgimento do Sol. A parte ao fundo do espaço profundo era negro-aveludada, com as estrelas piscando com brilho extraordinário e quase dentro de meu alcance. Uma visão por demais sublime, um momento verdadeiramente dramático para mim: pela primeira vez minha visão do planeta Terra dessa maneira, e minha presença no espaço exterior da minha dimensão!

Olhando através de outra escotilha, distingui um objeto totalmente novo que flutuava talvez a meio quilômetro de nós. Era um fantástico disco-voador do tamanho de um jumbo, que provavelmente estava à nossa espera! Ele tinha pelo menos uns trezentos metros de largura e talvez uns cento e pouco de altura, na forma de disco, com um enorme domo em seu topo, com miríades de luzes multicoloridas faiscando através de seu envoltório translúcido. Devia ser algum tipo de nave-mãe de transporte, pensei.

A aparência da Terra passou por uma dramática transformação: ela desvaneceu-se quase inteiramente, junto com a visão da nave-mãe. Mas elas ainda estavam ali de forma transparente – quase como fantasmas. Obviamente, estávamos em suspenso, a meio caminho de um trânsito entre dimensões.

Mas eu mesmo e a nave em torno de mim éramos bastante sólidos. E assim era um outro grande planeta que se tornou inteiramente visível com seu brilho forte azul-verde, à luz de um ofuscante Sol "do outro mundo". Essa nova

dimensão a meio caminho, como um sanduíche de outras duas dimensões, veio para mim como uma boa surpresa.

Enquanto isso, minha nave continuou deslizando lentamente na direção da nave-mãe fantasma, passando, na verdade, através de sua parede! De fato, acabamos por penetrar diretamente através de sua parede e ali paramos. Então a nave-mãe começou a se tornar gradualmente solidificada em torno de nós: obviamente, nossa nave se compôs de volta inteiramente dentro da dimensionalidade da Terra, e da nave-mãe que nos tinha agora em seu interior.

Estávamos completamente dentro da nave-mãe, num hangar circular. Aparentemente, era esse o atracadouro da nave: uma câmara de chegada junto com seis outras idênticas circundando a base do gigantesco domo da nave-mãe. Antes de penetrar a parede fantasma, consegui ver o arranjo de forma anelar, notando também que cinco das câmaras estavam já ocupadas por outras naves.

Então minha nave abriu sua porta: provavelmente, tínhamos pousado para ficar por algum tempo. Pus os pés do lado de fora numa rampa de cor escura brilhante, perfeitamente sólida. As paredes da câmara eram de cor cinza-pérola, sem junções ou marcas, emanando uma luz baixa uniforme.

Uma porta oculta deslizou, abrindo-se na parede, revelando um compartimento vedado a ar. Entrei ali e ela se fechou atrás de mim; outra se abriu à minha esquerda: atravessei-a, entrando num cômodo que dava para uma grandiosa vista exterior. Embora o chão e as paredes fossem de material similar ao da câmara de chegada, ali a parede oposta era uma janela de "vidro" inclinada desde o chão ao teto. Na verdade, a janela era parte integrante do casco da nave-mãe, parecendo com uma tonalidade ligeiramente

amarelo-cinzenta, e passando a impressão de *plexiglass* aos meus dedos.

Eu me senti como se estivesse no terraço de observação de um arranha-céu. O panorama era realmente magnífico: o espaço misterioso profundo com a Terra e as estrelas à vista. Lá fiquei por alguns momentos, profundamente tocado, procurando assimilar tudo.

A algumas dezenas de metros da nave-mãe, uma porção do espaço começou a reluzir: gradualmente outra nave se materializou. Então ela se desvaneceu mais uma vez quase inteiramente, ficando com aparência fantasma, enquanto deslizava em nossa direção. Sem dúvida, ia penetrar na única câmara de pouso vaga na nave-mãe, da mesma forma que nós, anteriormente. Com a chegada dessa nova nave, todas as câmaras ficaram ocupadas.

Agora a cena inteira lentamente desaparecia, dando lugar à vista do espaço profundo da outra dimensão com sua impressionante nebulosa e o campo de estrelas em toda parte.

Obviamente, acabáramos de fazer um trânsito completo. A bem da verdade, nossa embarcação movia-se também fisicamente, pois outras estrelas balançavam-se ao longe. Sim, estávamos definitivamente a caminho para algum lugar nesse espaço "estrangeiro".

Capítulo 7

VIAGEM CÓSMICA

Olhei em volta da minha "suíte" dentro da nave-mãe transportadora. Ela era uma sala hexagonal de cerca de trinta e cinco metros de diâmetro, com paredes inclinadas formando uma pirâmide de quarenta e cinco metros de altura. Peça circular de mobiliário encontrava-se no centro da sala: ela revelou-se uma cama de ar. Numa das paredes havia uma viga de plástico opaca do tamanho de um baú; na outra estava colocada uma escultura de vidro grotesca. Eu me perguntei se aquelas coisas tinham qualquer uso prático, ou seriam apenas ornamentos?

As duas paredes restantes do hexágono que flanqueavam a janela eram, na verdade, portas ocultas do tipo deslizante, quase como as do disco-voador. Elas escondiam uma quitinete e um banheiro, respectivamente, em compartimentos de forma triangular.

Do lado de fora da janela a paisagem espacial modificou-se de maneira notável. Essa área era um campo de estrelas relativamente vazio, mas com algumas poucas estrelas se tornando mais distintas. Devíamos estar nos movendo a tremenda velocidade para dar conta de uma tal mudança em períodos curtos de tempo. Ou talvez minha janela estivesse mostrando um segmento diferente de espaço?

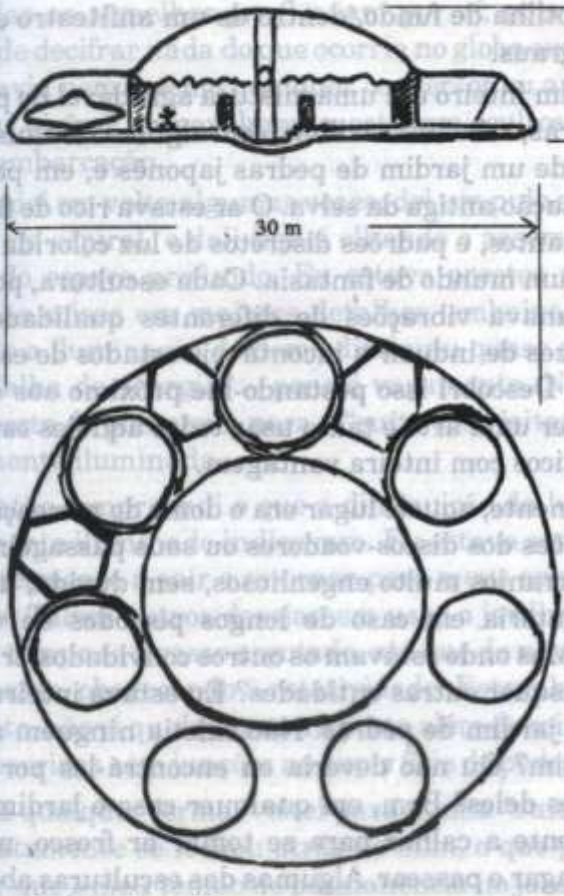
Sentei-me na borda da cama de ar e observei, fascinado, a paisagem espacial, pelo menos por uma hora ou duas. Fixando a vista na posição de uma estrela excepcionalmente brilhante perto da moldura da janela inferior da esquerda, compreendi que estávamos, na verdade, "caindo". Se para cima ou para baixo, não fazia sentido no espaço, mas, sem dúvida, fazia diferença para meus sentimentos subjetivos. Bem, parecíamos estar viajando de uma maneira "os fundos na frente"...

Satisfeito com minha primeira sessão de contemplação das estrelas, pus-me de pé para esticar um pouco. Além da janela, o resto de minha "suíte" era meramente funcional, sem nada que servisse para ocupar a mente. Perguntei-me como deveriam se parecer as outras partes da embarcação, se haveria alguma maneira de explorá-la. Bem, pode-se sempre tentar, pensei, dando um passo na direção da seção de parede que ocultava o cômodo vedado a ar.

Um toque com as mãos pareceu atrair o efeito: a porta deslizante se abriu. Passei para o cômodo vedado a ar, e outra porta à minha frente também se abriu. Passei por esta e me encontrei num mundo estranhamente diferente!

Eu estava na floresta tropical de uma estufa. Ou antes, num jardim de pedras com um domo de vinte metros de diâmetro. As paredes de pedra desiguais, de seis metros de altura, cercavam toda a volta até a borda do domo. Um caminho em espiral levava até a borda em meio a formações de pedra pontiagudas e uma pletora de plantas exóticas. Havia certa quantidade de plantas verdes junto à base da parede de pedra; e também uma trilha circular de areia vermelha e relva verde, cercada por bancos ocasionais ou esculturas abstratas.

NAVE - MÃE



Bem dentro da trilha circular, sete portais primitivos de pedra circundavam o centro do domo, como se fosse um *Stonehenge*. No centro exato, um tubo vertical como uma manilha subia do chão, e ia até o topo do domo de doze metros de altura. Olhando mais de perto, a "manilha" mostrou-se

um eixo tubular de dois metros de diâmetro, contendo um enorme globo que flutuava a meio caminho entre o chão e o teto – de um modo como o do disco-voador. A base do tubo se unia à escotilha de fundo, dentro de um anfiteatro em anel de três degraus.

O jardim inteiro era uma mistura agradável de plantas, flores, pedras, arbustos e trilhas; com alguma reminiscência, em parte, de um jardim de pedras japonês e, em parte, de uma civilização antiga da selva. O ar estava rico de fragrâncias insinuantes, e padrões discretos de luz colorida davam o efeito de um mundo de fantasia. Cada escultura, portal ou banco emanava vibrações de diferentes qualidades, que eram capazes de induzir a incontáveis estados de espírito e divagação. Descobri isso postando-me próximo aos objetos. Havia de ser uma arte e tanto usar todos aqueles estimuladores estéticos com inteira vantagem.

Obviamente, aquele lugar era o domo de recreação para as tripulações dos discos-voadores ou seus passageiros convidados. Arranjos muito engenhosos, sem dúvida, uma parada obrigatória em caso de longos períodos de viagens espaciais. Mas onde estavam os outros convidados, tripulantes ou quaisquer outras entidades? Eu estava inteiramente só naquele jardim de pedras. Não existia ninguém a bordo além de mim? Ou não deveria eu encontrá-los por razões particulares deles? Bem, em qualquer caso o jardim vinha decididamente a calhar para se tomar ar fresco, matar o tempo, divagar e passear. Algumas das esculturas abstratas poderiam até ser usadas para exercícios de escalada ou barra.

Tive a impressão de que os portais de pedra desempenhavam função dupla; seriam também "porções cerebrais" ou computadores disfarçados. Suas superfícies voltadas

para o eixo central piscavam e se acendiam com miríades de luzinhas minúsculas – o que fazia lembrar os dois "lobos cerebrais" na forma de pilastras instrumentais no disco-voador. Mas as semelhanças ficavam por aí, pois eu não era capaz de decifrar nada do que ocorria no globo ou nos portais. Não havia nem mesmo qualquer conversor ou armazenador de força visível; provavelmente, estavam ocultos na estrutura da embarcação.

Andei em volta algumas vezes; dei um pulo até o topo da trilha em espiral, e dali fiquei olhando o assombroso panorama do espaço profundo. Eu estava prestes a investigar algumas coisas em maiores detalhes, embaixo, no jardim, quando a iluminação do domo diminuiu quase até a escuridão. Falha de energia? – pensei vagamente. Não era, pois uma porta de passagem para a "suíte dos visitantes" estava fortemente iluminada...

Então compreendi o que a diminuição da luz e o portal fortemente iluminado indicavam. Eu estava sendo convidado cortesmente a sair e retornar para meus aposentos piramidais. Talvez outros desejassem usar o jardim em solidão e meu tempo se tivesse esgotado, até que de novo minha vez retornasse, obedecendo à rotatividade. Estranhamente, entretanto, não vi qualquer outra porta além da minha. Seriam elas inseridas sem junções na superfície de pedra da parede?

De qualquer forma, voltei para minha "suíte", e a porta imediatamente se fechou atrás de mim, o que pareceu confirmar que o meu tempo de permanência no jardim acabara. Bem, isso até onde ia meu poder de dedução, ou intuição. Ou seria aquilo, antes, uma sugestão telepática que me fez entender a solicitação? Talvez a duração de minha iniciação exploratória no domo também tivesse sido telepaticamente sugerida.

Eu, por mim, não me importava em dar o dia por encerrado. Seriam já pelo menos umas cinco da manhã em Toronto, bem depois de minha hora de dormir. Além disso, estava realmente cansado e exausto. Tirei o capacete distraidamente e por um segundo me senti em pânico. Mas nada adverso aconteceu. Apenas minha cabeça, subitamente, ficou horrivelmente pesada. Bem, para dormir era até melhor. Hesitei acerca do cinto, e então decidi mantê-lo. De qualquer forma, ele não me incomodaria na "cama de ar" ou em outra circunstância.

E com isso me estirei e caí no sono dentro da sala piramidal de minha "suíte", na temperatura amena.

* * *

Ao acordar, senti-me supreendentemente bem e contente, o que é algo notável em vista de meu costumaz mau-humor matinal. Alguma coisa naquela sala fez que me sentisse maravilhosamente bem aconchegado, tal como alguém que recebe o calor do lar depois de um dia de extremo frio na rua. Tive a impressão de que o formato piramidal tinha algo a ver com aquele efeito feliz.

Após um rápido "banho" no chuveiro sem água, fiz um bom desjejum de diversos cubos coloridos na quitinete. A quitinete e o toalete eram menores do que os do disco-voador, e ainda assim adequados. A rigor, eles poderiam acomodar uma criatura do tamanho de um urso-cinzento ou o corpo inteiro de um leão-do-mar. Eu ainda tinha a forte sensação de que aqueles veículos espaciais extraterrenos eram usados para transportar todo tipo de criaturas, além de seres da Terra. As coisas eram ou muito pequenas ou muito amplas para estrito uso humano; de modo que qualquer um que variasse de um metro a um pouco mais de dois, poderia ser

acomodado. Por falar em acomodação, notei que ninguém se importava em fornecer lâminas de barbear ou escovas de dentes ou outras pequenas amenidades. Talvez existissem coisas que pudessem fazer o serviço se eu soubesse como usá-las. Ficava a impressão de que, de modo geral, eu só conseguia usar uma fração dos serviços disponíveis devido à minha ignorância.

Também conjeturei acerca da falta visível de servomecanismos, tais como controle de temperatura, ventilação, força e propulsão para a embarcaçcão, apenas para mencionar alguns poucos. Tudo funcionava tão suavemente, tudo acontecia de modo tão natural para mim, que chegava a ser suspeito. A nave-mãe não era certamente uma mera máquina voadora, mas antes algo como uma baleia viva. Nenhum ruído, nenhum solavanco, nada de acelerações súbitas e quedas vertiginosas. Sempre a gravidade certa e o ar adequado. E todo esse conforto ao mesmo tempo em que cortávamos furiosamente vastos segmentos de espaço! Pois viajávamos a uma espantosa velocidade, eu estava convencido. Lá fora tudo parecia muito diferente da vista da "noite anterior". Agora a paisagem espacial estava muito mais povoada de aglomerados de estrelas em toda parte, de "perto" e de longe. Aparentemente, vínhamos de um setor um tanto "vazio", para este que era bastante povoado, em cerca de metade de um dia. E isso era uma total impossibilidade: mesmo para a luz, levaria muitos e muitos anos para cobrir tais distâncias fantásticas. Portanto, nossa velocidade teria que ser vários milhares de vezes mais rápida que a luz; o que era ridículo, sem dúvida. Ou os sistemas estelares nessa dimensão não estavam anos-luz afastados, ou eu, de alguma forma, devia estar cometendo um vasto erro de julgamento

da situação. Contudo, eu suspeitava de que nossa velocidade era muito, muito mais rápida que a luz!

Mistério após mistério, eu cismava, sentado ali na beirada da cama de ar. Nem a menor esperança para mim de compreender o tipo de processo por trás dessa incrível travessia estelar. Eu não era capaz de entender nem mesmo certas coisas mais "simples", tais como construções sem junções que dispensavam pinos e parafusos, ou outra coisa tão "simples" como o trânsito interdimensional.

Estava na hora de tomar um pouco de "ar fresco", resolvi, levantando-me da cama. Pressionei a palma das mãos contra a seção de parede que ocultava a porta. E "presto!", ela se abriu! Isso significava que eu poderia ir para fora; não havia nenhum problema. Me perguntei, outra vez, se aquele período de tempo fora uma feliz coincidência, ou teria sido cuidadosamente "acionado" em minha mente por telepatia? É claro, havia também a possibilidade de que o jardim não tivesse que ser esvaziado em meu benefício, caso não houvesse ninguém mais a bordo, além de mim. Mas, de alguma forma, eu duvidava dessa possibilidade. Tinha a forte impressão de que todas as outras naves traziam visitantes: além do mais, seria ridículo movimentar a nave-mãe em função somente de uma pessoa.

O jardim de pedras parecia enevoado e orvalhado, como se fosse o começo da manhã. Como eu me sentia com essa impressão, talvez meu humor estivesse sendo captado pelos sensores do jardim, ou algo assim. De qualquer forma, tudo estava perfeito para os brinquedos e escaladas de pedras aos quais me entreguei com grande zelo. Para grande surpresa minha, algumas das esculturas de pedra chegaram a se modificar em aspectos que serviam para os exercícios físicos.

Então, após tal esforço, comecei a examinar as coisas em detalhes. Na verdade, não encontrei nada de novo, mas, sem dúvida, me diverti tentando fazê-lo. Por exemplo, escolhendo o portal mais próximo da entrada de minha "suíte", sentei sob ele por um momento. Descobri que suas vibrações particulares eram bastante estimulantes para meu centro intelectual. Alternadamente, me senti como se estivesse lendo aqui a ali os livros de uma livraria, ou assistindo a uma palestra filosófica, ou acompanhando um passeio cultural.

Sentado, endireitei-me com energia: seria aquele portal armado para atender meu gosto particular, ou eu teria sido apanhado para a viagem porque minhas vibrações se amoldavam ao padrão do portal? Ângulos interessantes de consideração. Os outros portais certamente tinham vibrações de qualidades muito diferentes. Bem, nada ganharia com especulações. De alguma forma, minha cabeça não estava apta para tanto naquele instante. Então percebi a diferença que fazia a falta do capacete ativador para meu funcionamento mental. Eu me tornava decididamente preguiçoso, e não apenas nos pensamentos, mas, de alguma forma, nos sentimentos corporais também. Notei que esquecera de colocar o cinto ativador após o banho. Parecia que o efeito ativador se enfraquecia após algum tempo, e eu recaíra novamente em meu padrão vibratório ordinário, o que talvez viesse a significar problemas para mim se continuasse por mais tempo. Tal pensamento fez que me sentisse um pouco desconfortável, e então fui pegar meus ativadores na "suíte".

Mais uma vez conjeturei a respeito de a idéia ter sido minha ou plantada. Não havia como dizer, mas tive a impressão de que "avisos" telepáticos estavam vindo de uma maneira não-detectável mais sutil ultimamente. Voltei, entretanto, para a "suíte" a fim de pegar novamente os ativa-

dores. E, minha gente, que diferença notei de imediato, logo no primeiro minuto!

Por alguma razão, não senti vontade de voltar para o jardim. Sentei-me apenas para olhar a configuração das estrelas, enquanto que algo tentava puxar uma ponta em minha mente. Era alguma coisa que tinha a ver com distâncias e velocidade. Então veio o sentido: provavelmente, passávamos através de diversos "saltos" espaciais, utilizando dobras espaciais e dobras temporais, ou ambas. Uma analogia visual me veio à mente: uma formiga poderia andar o comprimento de uma bobina em questão de segundos, mas se o fio da bobina fosse desenrolado e esticado por um quilômetro, então a viagem entre os mesmos pontos levaria um dia.

De qualquer forma, comecei a me perguntar quão longe seria nosso destino, e quanto tempo mais gastaríamos para chegar. Não que tivesse pressa; aquela excursão fantástica era um evento tão extraordinário que não me importaria mesmo que durasse meses. Psicologicamente, no entanto, seria difícil fazer uma viagem tão longa com as disponibilidades recreativas que se me apresentavam. Se eu tivesse alguma companhia, ou algum trabalho ativo para fazer, como os astronautas em suas viagens; ou se tivesse TV ou, quem sabe, livros.

Mas talvez todas essas coisas fossem deliberadamente postas de lado, de modo que eu viesse a aprender a preencher meu tempo construtivamente, sem me deter em distrações. Talvez eu devesse aprender jogos mentais, ou me familiarizar com minha própria pessoa, para variar. Essa idéia certamente tinha seu mérito...

Senti fome. Talvez fosse a hora do almoço; não tendo relógio, não era capaz de saber o tempo, mas meu estômago

sim. Fiz uma refeição completa, fiquei um pouco sonolento em seguida; então fui tirar um cochilo.

* * *

Ao acordar, senti vontade de "ir para fora", para uma caminhada. Para surpresa minha a porta se abriu de novo ao meu toque, e eu estava livre para passar ao jardim. Dessa vez, fiz questão de usar meu "ativador". Do lado de fora a sensação ambiental e a iluminação se haviam modificado novamente para um clima de meio de tarde, tal como eu me sentia. A porção distante do jardim de pedras dava a ilusão de uma cadeia de montanhas a grande distância, o que eu apreciei como um espaçoso mundo externo real. Tudo se tinha arrumado de uma diferente perspectiva, o que me pareceu muito fascinante. Após ligeira caminhada em volta, sentei-me sob um portal que emanava vibrações de serenidade, e evoquei quadros mentais de fins de tarde pastoris. Eu desfrutava com muito prazer daqueles momentos, desejando ter material disponível para pintar um ou dois quadros inspirados.

E assim nesse estado continuei pelo que pareceram horas, vagarosamente apreciando outras sensações e outras vibrações. Cheguei a conceber algumas idéias inspiradas acerca de como poderia me manter ocupado mais adiante, apenas através de meios mentais. Afinal, eu tinha muito que aprender no departamento mental; além disso, a "mentalização" parecia ser a questão com aquelas naves...

Eu me ocupava em profundos pensamentos quando as luzes do jardim começaram a diminuir tornando-se quase um crepúsculo. Era hora de voltar para minha "suíte". Uma vez em seu interior, sentei-me na cama de ar, decidindo-me a seguir uma via particular de pensamentos como abertura

para os jogos mentais a que me propusera, dentro de uma perspectiva contemplativa. Desejei que a luz da sala estivesse mais baixa para esse fim.

Então, para minha grande surpresa, a iluminação da sala enfraqueceu. Aparentemente, respondera ao meu desejo! Desejei que se intensificasse de novo, apenas para conferir se minha tese estava certa. E estava! Aquilo me fez começar a brincar com variações rítmicas de apagar-acender, em seguida "operando" apenas com uma das paredes. Depois expandi o jogo de luzes para todo tipo de configurações multicoloridas, como se fosse um *show* psicodélico.

Com isso fiquei realmente excitado acerca de minha diversão acidentalmente descoberta, desejando "brincar" de televisão. Limitando os desenhos de luz a apenas uma porção da parede inclinada, "quis" que ela exibisse sobre sua superfície alguma imagem proveniente de minha memória. E assim ocorreu! Logo eu estava repassando partes de meus filmes favoritos, embora tivesse bastante dificuldade, no começo, com detalhes incertos das imagens e com a continuidade. Mas minha reconstituição se aperfeiçoava com a prática, de modo que pareceu que todos os detalhes relevantes tinham sido originariamente recompilados a um nível abaixo da superfície normal de minha memória.

Acabei me distraindo com essa seqüência de pensamentos, o que rompeu minha concentração na "projeção" do cinema e injetou um monte de outros quadros irrelevantes de memória que se misturaram sobre a "tela". Isso fez aparecer efeitos um tanto cômicos, de modo que decidi apagar os "filmes" e deixar apenas minhas imagens mentais casuais entrando e saindo de cena, numa modalidade do tipo "livre associação". Estas revelaram-se uma mistura bastante estranha: fragmentos de filmes, comerciais de TV, memó-

rias vivas, saltos mentais aleatórios para números de telefone e manchetes de jornais. As palavras e os números me davam a idéia de um teletipo sobre a tela. Fiz tentativas de pôr em cena e reter material escrito quase do tamanho de cartas.

Tudo considerado, aquele jogo recém-descoberto tinha implicações estonteantes! Além de indizíveis combinações de possibilidades. Acabei por me cansar ao longo de esforços mentais feitos por tanto tempo. Só Deus sabe quantas horas passei fazendo aquela TV mental por conta própria. Perguntei-me se seria possível manter todas aquelas coisas expostas em minha mente, ao invés de tê-las projetadas numa tela exterior. Talvez fosse possível; e a conjetura sobre esse tipo de habilitação poderia ser a moral da estória naquele jogo de TV mental.

Em relação àquele momento, todavia, eu desejava apenas dar o dia por encerrado. Antes de me recolher, prometi a mim mesmo inventar também sons no dia seguinte.

Bem, nesse dia me custou um bom tempo a invenção de um "som" decente, mas finalmente consegui por meio de "querer" que porções selecionadas de parede ressoassem, levando o efeito para o ápice da pirâmide, para que fosse o meu "alto-falante". Foi muito divertido, mas tive dificuldades na reprodução de fantasias musicais ou grandes solos. Na maior parte eles soavam abusivamente desafinados, ou pulavam diversos compassos de uma vez só. Parecia que meus poderes de retenção ou de lembrança estavam muito abaixo da média, e que portanto não havia esperanças de me tornar um grande músico. Mesmo com sorte.

Em seguida tive a brilhante idéia de me comunicar com a inteligência da nave-mãe, ou equivalente, através de um

"teletipo" mental. Então fiz com que se acendessem as palavras em letras brancas sobre a tela.

– Você pode ler minha intenção de querer me comunicar com você?

Não houve nenhuma pausa para a resposta: rapidamente, a tela piscou duas vezes, por inteiro. Sem dúvida que ela entendera.

– Você poderia me responder com palavras, através desse "teletipo"?

Nenhuma resposta. Nem mesmo um piscar de luzes. Reescrevi a frase de diferentes maneiras, mas só obtive respostas em branco. Aparentemente, a inteligência alienígena não desejava abrir uma comunicação em sentido duplo; pois eu estava convencido de que ela poderia ter-me respondido em uma entre muitas formas, caso fosse de seu interesse. Paciência, fiquei dizendo a mim mesmo, paciência. Em algum momento, em algum lugar, haveria de acontecer no devido curso alguma comunicação tangível face a face.

Fui para fora, a fim de passar um tempo no jardim. Após ter dado umas voltas, postei-me sob um portal, para fazer alguns experimentos que planejara. Entretanto, minha atenção foi desviada por uma espetacular e espantosa vista abaixo de nós, através da escotilha de fundo. Caíamos numa estonteante nebulosa espiral! Nos poucos minutos em que fiquei olhando absorto, nos aproximamos rapidamente do centro dela. Encontrávamos também grandes nuvens de poeira estelar ou gases cósmicos, relampejando e cintilando à volta. Em seguida senti leves tremores no chão, como se fôssemos atingidos por rajadas de vento num avião.

As luzes do jardim quase se apagaram, e então piscaram várias vezes. Era hora de "apertar os cintos", pensei. Devíamos ter encontrado alguma situação incomum, e eu estava

sendo convidado a retornar rápido ao meu cubículo, embora mal tivesse ali chegado.

Voltei e me sentei na cama de ar. Lá fora começava a ficar tempestuoso. Mergulhávamos através de nuvens de poeira violentas, que reluziam sinistras. Havia jatos de luz ocasionais de ofuscante magnitude, fazendo a nave-mãe balançar notoriamente.

Aquilo me surpreendeu: achava que aquela embarcação fosse impermeável aos elementos do espaço exterior. No entanto, parecia que algo saíra errado, e que estávamos em grave perigo.

Minha janela ficou literalmente obscurecida por desenhos pontiagudos de algum tipo de arrepiantes descargas elétricas. Eu tinha a sensação de que estávamos em meio a uma tempestade elétrica supercarregada, ou algo igualmente ruim. Após alguns momentos, até mesmo as paredes de minha sala piramidal estavam eriçadas com serpentes de descargas. Cheguei, de fato, a escutar ruídos crepitantes e chiados.

Eu não achava que aquilo fosse apenas uma outra parte da rotina da viagem espacial da nave-mãe. Senti, instintivamente, ou talvez captei telepaticamente, que aquilo era perigo inesperado de primeira ordem. Entendia por que tivera que retornar urgentemente para aquela sala. De alguma forma, a própria pirâmide, ou seu material, atuava como uma efetiva proteção contra todas aquelas manifestações de elementos porventura hostis lá de fora. Periodicamente, um brilho esverdeado se espalhava por toda parte, vindo das paredes, como se fosse uma proteção. O brilho esverdeado continuou se expandindo e empurrando as descargas púrpura-incandescentes cada vez mais para fora, antes de elas se dissiparem momentaneamente. En-

quanto isso, a temperatura da sala aumentou a um grau desagradável. A bem da verdade, cheguei a detectar um cheiro esquisito, como se fosse uma queima por insolação.

Honestamente, eu estava apavorado. No entanto, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Assim, ali fiquei sentado em desamparada fascinação, pelo tempo que pareceu ser pelo menos uma hora.

Então, subitamente, tudo passara. Estávamos no espaço escuro profundo novamente, seu veludo pontilhado de luzes de estrelas impessoais. Senti-me bastante aliviado, porém completamente exausto. Voltando, lentamente, a temperatura da sala à normalidade, caí no sono...

* * *

Quando acordei, algum tempo depois, não voávamos mais, apenas flutuávamos suavemente no espaço. Um espetáculo emocionante enchia metade da área de minha janela: vi uma nave espacial gigante, semitransparente. Banhada por uma luz pálida, difusa, a nave parecia um submarino com seu formato de charuto grosso, torres, flanges e estabilizadores. Nesse momento, vi um disco-voador sair em velocidade de minha nave-mãe, na direção da outra nave espacial, diminuindo até se tornar um ponto antes de sequer ter alcançado o gigante. A julgar por seus tamanhos relativos, a nave espacial devia ter pelo menos um quilômetro e meio de comprimento!

Tive a impressão de que minha carona naquela viagem chegara ao fim, e também de que logo eu estaria do lado de fora. Olhando bem abaixo de nós, junto à borda de fundo de minha janela, divisei parte de um escuro e imóvel planeta, cuja curvatura mostrava uma luz vinda de trás, provavelmente de um Sol oculto que ascendia ou se punha.

Dentro de poucos minutos, a porta de minha sala hexagonal se abriu. "Chegou minha hora de sair", pensei; "serei levado para a nave espacial também, ou talvez para o planeta?" Instintivamente, passei as mãos pelo cabelo e pela face, como se esperasse encontrar alguém. Mas eu não tinha nem um pente para meu cabelo desarrumado, nem uma lâmina para o crescimento das pontas de barba que coçavam em meu queixo. Bem, aquilo seria a menor de minhas preocupações; pelo menos sobrevivera até então. Caminhei até a passagem vedada a ar e até sua porta aberta, que conduzia para a câmara de ancoragem do disco-voador. Eu estava sendo convidado a deixar o local, obviamente, entrando a bordo do mesmo disco-voador que de início me levara até ali.

Depois que entrei para bordo e o disco-voador fechou sua porta, passamos para um "trânsito intermediário", e em seguida saímos da nave-mãe através de sua parede. Uma vez estando inteiramente do lado de fora, tornamos ao estado "normal". Voltei os olhos para me despedir da nave-mãe; sua aparência era de ter sido chamuscada ou queimada, com feias colorações em evidência. Mas não pude ter certeza, porque ela, com seus detalhes, foi se perdendo na distância. Começamos a descer na direção do planeta envolto em escuridão, abaixo, afastando-nos da outra nave espacial que estava nas proximidades. Era uma visão de tirar o fôlego; eu, de fato, fora tomado de emoção por presenciar tudo aquilo.

O Sol se levantava por trás da linha do horizonte do planeta. Mas não demorou muito, um outro Sol o seguiu! Fiquei inteiramente pasmo: por um minuto pensei ter enlouquecido. Durante nossa rápida descida, todavia, a persistente ascensão dos dois Sóis gêmeos nos céus me conven-

ceu de que era realidade o que eu via. Então atingimos a atmosfera de nuvens espessas, e logo estávamos cercados pela escuridão, ao mergulharmos no lado da noite do planeta. Apenas uma Lua vermelha, de estranho aspecto, intrometeu-se na paisagem, fazendo-nos companhia na descida. Passamos através de camadas de nuvens; algumas vezes havia vagas indicações de massas de terra e de mares lá embaixo.

Aglomerados de pontos de luz coloridos começaram, então, gradualmente, e se tornar visíveis. Uma cidade! E para ela nos dirigíamos! Eu estava excitado como uma criança à espera de Papai-Noel.

Ao nos aproximarmos da cidade, pude distinguir mais e mais detalhes. Havia dúzias de domos de "vidro" gigante espaçados de maneira estreita porém desordenada, de variadas conformações e tamanhos, inteiramente tomadas por florestas de torres pontiagudas e leitos de vias de diversos níveis. Os domos eram todos interconectados por um intrincado de tubos curvos de "vidro", que conduziam algum tipo de tráfego de veículos. Miríades de luzes multicoloridas cintilavam em florestas de torres, como janelas de arranha-céus.

Uma vista futurista fabulosa e estonteante! Mas antes que eu pudesse olhar mais de perto, ou utilizar o dispositivo de ampliação para estudar os detalhes, afundamos rapidamente na direção de um domo de concreto, com aparência de observatório, com o topo entreaberto. Logo passamos através de sua abertura, e pousamos no solo em seu interior. E com isso, no mesmo minuto, o disco-voador abriu a porta e baixou a rampa.

Definitivamente, chegáramos...

Capítulo 8

PLANETA ESTRANGEIRO

Preparando-me para o possível choque de encontrar meu primeiro ser extraterreno, em qualquer forma ou maneira, caminhei para fora do disco-voador, cheio de expectativas.

Nada; apenas um salão vazio, grande, com aparência de concreto, me esperava. O topo do domo fechara-se acima de nós; o ar era respirável, a gravidade normal; iluminação difusa emanava das paredes. Uma calçada móvel, como uma correia de transporte, corria na direção de um portão, no lado oposto. Encolhi os ombros e pisei na "correia" em movimento, distraidamente verificando meu cinto ativador e o capacete. Bem, o cinto estava comigo, mas me supreendi em descobrir que carregava o capacete debaixo do braço. Descendo da calçada móvel no final, encontrei um elevador aberto sem nenhum sinal ou botão em seu interior. Ao entrar, as portas se fecharam e ele subiu automaticamente.

Ao sair deparei com a cena mais inesperada e desconcertante! Acreditem ou não, eu me encontrava frente a um piano-bar perfeitamente terreno! Uma mulher ruiva, sentada ao instrumento, cantava, com uma voz do fundo da garganta, *I left my heart in San Francisco!* Havia um punhado de pessoas vestidas normalmente, espalhadas em torno de mesas num recanto com fraca iluminação. Era algo de

enlouquecedor! Balancei a cabeça. Eu devia estar numa alucinação...

– Boa-noite, e bem-vindo! – Uma voz vibrante, vindo por cima de meus ombros, me surpreendeu. Voltei-me e deparei com um bar típico, e um sujeito de aparência familiar rindo para mim detrás do balcão. Ele possuía olhos verdes penetrantes, e tinha uma barba que lhe conferia aparência um tanto travessa. O reconhecimento me veio à mente, atordoante: ele era o motorista do táxi que fizera comigo um ano antes a viagem para a *Feira Psíquica*.

– Bem-vindo ao planeta *Argona*, do sistema *Omm-Onn*, um dos membros da *Federação Psiquiana dos Mundos*. Caso queira perguntar, *Omm e Onn* são os nomes dos dois Sóis gêmeos. Agora, o que você gostaria de beber?

Murmurei algo. Ele colocou uma caixa de cigarros aberta e um isqueiro de butano sobre o balcão, em seguida misturou gim e tônica. Pus de lado meu capacete, me empoleirei num banco, acendi um cigarro e beberiquei o gim cujo sabor me pareceu tanto real quanto agradável. Ainda me sentia aturdido pelo inesperado cenário de características terrenas, e pelo comportamento mundano e casual do chofer-barman.

– Meu nome é Argus. Sou um dos que vocês chamam de extras, precisamente um psiquiano, à disposição para ser seu anfitrião e guia neste planeta. – Sorria terno e amigável.

– Oh, meu caro! – exclamei. – Eu esperava encontrar dragõezinhos verdes de olhos esbugalhados com pistolas laser...

– Bem, temos também desses tipos, em alguns outros sistemas estelares realmente longínquos.

– Mas ao invés encontro isso aqui e você.

– Sim, você, sem dúvida, deve ter suspeitado de alguma conexão extraterrena acerca de mim na cena do táxi.

– De fato. Todavia, suspeitar é uma coisa; certeza, outra.

– Está certo. Foi por isso que as viagens de disco-voador foram arranjadas para você, isto é, por uma questão de certeza.

– Arranjadas? Às vezes me sinto de todo manipulado. Como daquela vez em que você deu um jeito de me pôr em seu táxi – se é que era um táxi...

– Não um táxi, apenas um carro alugado com um ar de leve sugestão de minha parte. Já que você não iria por conta própria naquela noite à *Feira Psíquica*, tive que lançar mão de alguma manipulação psíquica, para levar você ao contato prearranjado.

– Você quer dizer com aquele sujeito louro, o Quentin? Não me espanta que ele possuísse tantos conhecimentos. Ele deve ser um psiquiano. Ele está aqui agora?

– Não, ele não é um psiquiano. E não está aqui tão-pouco. Bem, nem fazemos propaganda nem persuasão. Você parecia interessado, de modo que deixamos algumas pistas para serem seguidas. Uma vez que você seguiu até o fim, decidimos dar-lhe umas caronas. A chave é seu incentivo próprio.

– Ainda assim, você poderia ter-me informado acerca do que esperar.

– Um guia para viagens? Não. Nós não roubaríamos os desafios da descoberta por si mesmo. E você esteve muito bem agindo sozinho. Era isso que precisávamos saber, pois nos mantivemos monitorando sua valorosa contenda com o desconhecido.

– Ah, mas eu gostei de tudo. Não pretendo me queixar, apenas queria saber o porquê. Afinal, fui bem recompensado.

– E tivemos nossa recompensa; não se iluda, a palavra-chave é o benefício mútuo.

– Mútuo? Não vejo como. Sua dimensão é tão demasiado avançada...

– Você verá como, eventualmente. Nossa parte é só mostrar e explicar...

A ruiva no piano cantava uma popular *chanson* francesa; na verdade, toda uma mescla de melodias parisienses. Decididamente, gostei de seu estilo. Voltei-me para meu anfitrião, Argus.

– Bem, explique-me então. Vamos entrar nos detalhes. Eram aqueles discos-voadores não-tripulados dirigidos por alguma inteligência incorpórea, porém viva, alojada no globo?

– Muito bem. A resposta é sim.

– Era aquela inteligência viva, porém incorpórea sua pessoa propriamente?

– Diachos! Seu salto qualitativo é bastante impressionante. *O Conselho* ficará surpreso em ouvir a respeito.

– Você não respondeu minha questão.

– Direto ao ponto, hein? – Uma centelha de intenso interesse acendeu-se em seus olhos: Argus parecia estar apreciando a conversa. – Na verdade, aquela inteligência viva não era eu em pessoa. Você me tomou por um andróide, certo?

– Sim, construído talvez como um biocomputador estacionário, tendo eventualmente sua essência reinstalada em sua presente forma humanóide.

– Eu não, de jeito nenhum. Sou um humano "natural", embora seja um extra para vocês terrenos, especialmente extra com minhas diversas modificações "biônicas". Mas temos, de fato, essas inteligências bípedes andróides, conforme você descreve. Embora a maior parte de nossas viagens espaciais e explorações sejam feitas por nossos humanos, as

viagens difíceis ou muito especializadas são feitas por andróides.

– Isso parece razoável. Voltando à inteligência estacionária da nave: por que não um piloto humano, ao invés?

– Porque trânsitos interdimensionais repetidos podem ter efeitos colaterais negativos em nosso povo, mesmo com o uso de dispositivos de proteção. A dolorosa diminuição vibracional para se entrar na dimensão de vocês é especialmente negativa. Por isso é mais sensato se destacar biocomputadores para intercâmbios regulares.

– E a respeito do corpo da nave propriamente? Ele me pareceu como algo "vivo", também, ao invés de uma mera máquina.

– Bem colocado. Isso é porque eles são construídos organicamente, para suportar efeitos de trânsito e outras tensões peculiares que uma mera máquina não seria capaz.

– Como se na Terra decidíssemos cultivar abóboras gigantes de formato específico, para substituir cascos de fibra-de-vidro de barcos?

– Sim. Mas a analogia é boa apenas para se ter uma idéia aproximada. Em nosso caso, usamos todos os tipos de combinações, desde o orgânico até o sintético e o biônico, seja para andróides estacionários ou bípedes. Dependendo dos requisitos de funcionamento necessários.

– Então deve ser difícil dizer quem é o que e o quê é quem.

– Também difícil de dizer, de onde originariamente, em que forma e o por quê. – Argus assentiu gravemente. – E isso inclui você, também, é claro. É difícil dizer com todo o tráfego cósmico, e as migrações intercruzadas através das eras.

– Você quer dizer...? Por Deus, não me diga que eu possa ser uma outra inteligência migrante em meu presente envoltório!

– Não disse que você é. O fato é que alguns de vocês do povo da Terra mostram surpreendentes inconsistências dentro do padrão geral. Assim como seus próprios pressentimentos em alguns momentos. De modo que gostamos muito de estudar essas coisas em geral.

– Não tenho dúvida de que gostam. E suponho que, mesmo agora, estou sendo monitorado em função de diversos parâmetros de leitura.

– Lá vai você de novo! Tenho a impressão de que nosso Conselho ficaria muito interessado de encontrá-lo em pessoa... Mas que terrível anfitrião sou eu; que tal mais um drinque?

– Sim, por favor. Então você poderia me contar acerca de seu trabalho neste lugar aqui.

Argus encheu de novo nossos copos, e retomou a conversa.

– Bem, acabo de terminar meu ciclo de trabalho como Coordenador Psiquiano Residente em sua Terra. Entre outras coisas, lá estudei as atividades humanas, e dei assistência a humanos interessados em aprender acerca de nossa presença psiquiana "extra".

– Deve ter sido muito divertido de se andar por lá abertamente. Como você evitou se expor?

– Não o conseguia todo o tempo. Algumas pessoas suspeitavam que eu fosse algo decididamente "alienígena". Ocasionalmente, tive que gerar cortinas de fumaça psíquicas para cobrir minha retirada.

– Você esteve estacionado alguma vez na área de Huntsville? Existem instalações subterrâneas naquela área...? E em relação ao misterioso sujeito estranho com quem esbarrei uma noite...?

– Não vamos discutir nenhum desses detalhes particulares. – Argus me interrompeu com firmeza. – Com isso, após ter aprendido o bastante acerca do comportamento humano no planeta de vocês, fui transferido para este lugar, para ajudar na direção de um centro de recepção do tipo terreno para visitantes humanos. Os serviços são inteiramente estilo-Terra, incluindo substitutos de comida e bebida que nós mesmos sintetizamos.

– Você certamente já se meteu em bastante confusão.

– Confusão nenhuma. Queremos que você se sinta em casa, estando longe de casa em meio a impressões estranhas contundentes. Esse intervalo ajuda a manter sua estabilidade psicológica. Além do mais, sempre temos um bocado de visitantes de outros sistemas, alguns até mesmo da própria dimensão de vocês, que poderiam ser considerados seus "vizinhos" em sua galáxia. Eles são todos de diferentes civilizações para além da de vocês, todos ávidos estudantes dos acontecimentos terrenos, fluentes na maioria das línguas que dominam. Por exemplo, a pianista de cabelos vermelhos, Melody, é de um planeta chamado *Saturnia*, dentro da dimensão de vocês. Essas pessoas freqüentemente passam temporadas aqui, entre missões na Terra, ou foram enviadas expressamente para trabalhar conosco dentro de um interesse comum – *Projeto Terra*. Do modo como vão as coisas, cedo teremos que expandir consideravelmente nossas instalações de recepção.

Eu estava estarrecido. Olhei em volta, no bar:

– Você quer dizer que todas essas pessoas são "extras"?

– Sem dúvida o são, embora sua tarefa seja passar por genuínos tipos terrenos. Mais tarde você terá chance de se relacionar com eles, se desejar.

Nesse instante, como se fosse insinuado, a dama do piano se levantou e veio se juntar a nós.

– Vim até aqui só por um minuto, para dizer "alô" antes de ir nadar. – Empoleirou-se num dos bancos do bar.

Argus procedeu às apresentações, explicando que eu acabara de chegar da Terra, e encheu um copo com suco de laranja, a pedido dela.

Melody era uma ruiva extraordinária, de olhos verdes cor do mar, muito aristocrática e notavelmente vibrante. Seu inglês era irrepreensível. Achei que ela poderia passar por uma rica mulher norte-americana, sem levantar muitas suspeitas.

– Então você acaba de chegar de lá da Terra? – Seu rosto se iluminou ao me dirigir um caloroso sorriso. – Fascinante! Um dia destes vou ver aquele velho planeta querido.

– Você quer dizer que nunca esteve lá? – Eu estava, de fato, estupefato. – Então, como pode você ser tão excelente com nossa música e maneirismos?

– Ah, quando ainda em meu planeta durante meu estágio, fui cuidadosamente treinada em diversas linhagens dentro de meu trabalho antropológico. De qualquer forma, não posso me queixar de não ter visto as coisas como são na Terra, pois já tive considerável experiência em Nova Terra, que é a que melhor existe depois da real.

Argus intrometeu-se para dar a explicação em meu benefício:

– Nova Terra é o projeto de interesse comum que mencionei.

Uma senhora doutora num remoto Projeto Terra? Incrível. Eu me inclinei e toquei a mão de Melody.

– Que fez você escolher essa estranha linha de trabalho?

– Estranha? – Ela abriu os grandes olhos, surpresa. – Acho bem ao contrário. Sabe, sempre fui uma incurável romântica, sempre amei antiguidades e as modas de outros tempos, assim como aquelas de sua divertida Terra. Não é de espantar, pois praticamente cresci dentro dos museus vivos da Nova Atlântica, onde meu pai foi indicado para a comissão de intercâmbio...

Ela fez uma parada a fim de olhar para Argus, como se buscasse algum apoio ou comentário. Achei intrigantes suas referências, mas antes que eu pudesse colocar novas questões, Argus se manifestou:

– Melody quer dizer que sua música é um complemento muito querido, parte de uma formação bastante de acordo com sua especialidade de trabalho. Na verdade, ela é uma senhora cientista seriamente engajada, com quem não se pode brincar.

– Bem, acho que vou indo. – Melody desceu de seu banco. – Está na hora de meu exercício para manter a forma e tudo mais. Vejo você por aí mais tarde. E nada de conversa fiada da próxima vez, prometo.

Sua despedida pareceu bastante natural. Todavia, não pude evitar de me peguntar: teria Argus feito a ela alguma advertência em suas palavras? Teria eu testemunhado um "vazamento de informação", e teria sido acidental ou previsto?

– Não é possível aprender tudo de uma só vez. – Argus sacudiu os ombros, como se comentasse minhas questões não expressas. – Você saberá mais e mais no devido tempo. Que tal explorar o planeta Argona primeiro? Ele é um centro experimental para *Ciências e Artes Psiquianas Aplicadas.*

– Você se refere àquelas cidades dentro de domos, que vi antes de pousar?

– Elas são uma parte. Além disso, existem muitas outras comunidades diversificadas na zona rural, habitadas por hordas de visitantes que vivem até mesmo do lado de fora da *Federação Psiquiana*, desde todos os pontos de nossa galáxia. Os visitantes vêm em um certo número de formas e raças diferentes; alguns são humanóides; outros, indefinidos.

– Mas que fascinante! Me parece que os domos são destinados à manutenção de diferentes condicionamentos climáticos.

– Na verdade, não. Os visitantes, em sua maioria, podem tolerar as condições climáticas daqui; poucos necessitam usar dispositivos de proteção. Os domos são mais para evitar o calor excessivo, umidade, tempestades de areia e assim por diante, devido a mudanças sazonais. Como você vê, este planeta é bastante incomum com seus dois Sóis e campos magnéticos variáveis, ideal para propósitos artísticos e experiências científicas, mas dificilmente para uma residência normal. Embora a gravidade seja apenas ligeiramente menor que a da Terra, os dias têm somente cerca da metade da duração, o que, a longo prazo, é extenuante para o metabolismo humano. Mas você terá a oportunidade de ver as coisas por si mesmo, mais tarde.

– Mal posso esperar!

– Não tenha pressa. Você precisa de um pequeno intervalo. Prometo levá-lo para ver a cidade à noite. Agora vou mostrar-lhe seu quarto, e você poderá ou descansar ou se dedicar a um relacionamento informal por conta própria.

Saímos do bar. Ele me levou até um terraço do lado de fora que dominava a vista para um hotel do tipo – Flórida, com cerca de trinta unidades e um ático no topo. No nível do solo havia um pátio com jardins e uma piscina, situada

dentro de um exuberante jardim tropical. Tudo sob uma cintilante luz de sol como a nossa, o ar bastante quente e cheio de fragrâncias. Contei três homens e cinco mulheres em roupas de banho junto à piscina. Tudo delicioso e perfeito. Exceto que já deveria ser noite ou o começo da manhã do lado de fora, em lugar de pleno meio-dia.

– Temos nosso efeito de luz solar independente aqui, tão bom quanto o da Flórida – explicou Argus, apontando para cima, para a superfície dificilmente detectável do domo que mais se parecia um luminoso céu azul. – Após você ter-se trocado, posso levá-lo até lá embaixo, até aquelas pessoas, se você quiser.

Ele me levou a uma das unidades que tinha porta deslizante para o terraço. Por dentro, ela possuía ar condicionado, e todo tipo de instalações terrenas, inclusive banheiro. Para grande satisfação minha, também encontrei lâminas, sabão, água, escova de dentes, pijamas, roupas de passeio completas e adequadas ao meu tamanho e calção de banho.

– Por falar nisso, você não precisa usar seu capacete e cinto ativadores aqui neste centro de recepção – disse Argus.

– Para quanto tempo está prevista minha visita aqui?

– Três ou quatro dias locais.

– Bem, acho que gastei cerca de três dias para chegar aqui; com a viagem de volta adicionada, terei estado em viagem por pouco mais que uma semana.

– Sim. Exceto que o verdadeiro tempo-Terra transcorrido será de cerca de um dia e meio, no máximo. A razão de conversão é de sete para um. Este é um desses paradoxos temporais.

– Percebi que "sete" é significativo também em outras situações. Como na nave-mãe: o número de discos-voadores,

o número de portais com suas distintas emanações individuais.

– Certo. Mas não confunda a razão sete do tempo com a razão vibratória que separa nossas duas dimensões, que são alguns múltiplos de sete. Outra coisa: o número de discos-voadores na nave-mãe, e seu posicionamento, é um importante fator de conversão em viagens por dobras dimensionais. Formato e disposição nesse caso são imperativamente relevantes para o funcionamento. E mais: os portais são fontes de emanação correspondentes às sete variações distintas das motivações e atitudes nas criaturas diante da vida. Eles podem lhe dar estímulos de resposta adequados de conforto e inspiração, entre outras coisas.

– Por que a nave-mãe não tem um pequeno hotel do tipo-Flórida em seu domo?

– Bem, de preferência, nenhuma massa de água deve ser levada na nave-mãe. Além disso, o domo presta serviço a uma clientela um pouco mais variada e não exclusivamente a humanos terrenos.

Enquanto isso, eu despia minha roupa de viagem, vestia uma sunga, e quase terminava de me barbear. Era engraçado como todas essas tarefas mundanas faziam-me sentir maravilhosamente bem. Argus estava certo: e precisava de um intervalo em meio àquela aventura num mundo extraterreno.

– Vamos descer e conhecer as pessoas – eu disse. – Por falar nisso, existem andróides naquele grupo junto à piscina?

– Não que eu saiba. Além disso, não é cortês mostrar curiosidade sobre esse tipo de coisa. As pessoas que você vê aqui são destacadas desde seus mundos de origem para esse *Projeto Terra*, dirigido pela *Federação Psiquiana*. Alguns já

visitaram sua Terra; outros, não. Mas todos estarão se comportando de maneira natural, como se fossem pessoas genuínas da Terra. Procure, simplesmente, se divertir com eles, porque isso é para alegria e descanso. E não que seja como se houvesse segredos a se guardar, mas eu preferiria que você me fizesse perguntas sérias, todas que tiver.

Descemos para nos juntar aos outros. Eram todos pessoas jovens, de aparência agradável, a maioria de menos de trinta anos, vibrantemente saudáveis, com belo corpo. Num relance superficial, eu não seria capaz de distingui-los facilmente de pessoas genuínas da Terra. Contudo, pressenti um sutil "estrangeirismo" neles, uma estranha qualidade que poderia eventualmente atrair certa atenção em meio a alguma multidão. Embora eu estivesse perfeitamente queimado de sol e em boa forma, indaguei-me acerca de como eles, por sua vez, estariam me vendo. Todos falavam bem o inglês, e ao sermos apresentados me deram apenas seus primeiros nomes, de caráter comum, com cidades terrenas de origem fictícia em diferentes países.

Durante as poucas horas seguintes, participei de brincadeiras e correrias em volta da piscina, numa mesa de pingue-pongue e, depois, de um bate-papo coletivo sob os guarda-sóis no bar do pátio. Fiz amizade especial com Melody, a ruiva, que demonstrou ávido interesse em quase tudo a meu respeito, da maneira mais feminina e charmosa. Ela não mencionou nem mais uma vez sua verdadeira origem, agindo simplesmente como se fosse da área de Nova Iorque.

Ao pôr-do-sol – ou o que parecia ser, sob os meios artificiais -, Argus propôs que todos deveríamos ir descansar por algumas horas, e em seguida nos reunir para um drinque antes do jantar. Disse-me que me levaria a um passeio após o jantar, enquanto os demais iriam para algum outro pro-

grama cultural escolhido; além disso, chegou a propor uma festa opcional para mais tarde da noite, no pátio, com música e dança, após o retorno de todos.

Me senti feliz como um genuíno convidado em uma temporada de férias da Terra, pensando na noite que se seguiria e em nossas atividades noturnas. Argus disse que alguém viria me despertar no momento exato, se eu quisesse tirar uma soneca. Foi o que acabei fazendo, e adormeci cansado mas contente na cama de meu quarto...

Para minha surpresa, o jantar foi um arranjo apropriado de carnes e pratos afins, trazidos de uma cozinha lateral. Eu não cessava de me maravilhar com a elaboração dos detalhes. Argus, todavia, confessou que tudo aquilo era unicamente proteína sintética. O que estaria incompleto, por falta de autenticidade na comida, foi preenchido pela alegria e pelos risos. Todos, realmente, se divertiam muito naquela noite e na que se seguiu. A tarde seguinte foi toda tomada por atividades divertidas. Não houve nenhuma conversa sobre espaço ou dimensões, apenas o tipo de bate-papo, piadas, comentários culturais de uma pessoa "em férias" na Terra. Depois de algum tempo, era quase impossível acreditar que eles fossem "extras" reais; ou sustentar minha vaga noção de que eram um grupo de perspicazes cientistas, observando secretamente minhas peculiaridades em seu laboratório vivo. Na verdade, eram dedicados estudantes de atividades humanas na Terra, desempenhando seus papéis terrenos com gosto. Eu me sentia grato por sua companhia, especialmente pela de Melody, sem dúvida, e pela oportunidade de relaxar totalmente.

* * *

Após aquele primeiro jantar, Argus me levou para longe da turma a fim de sairmos para a noite. Ele me pediu para vestir a roupa de vôo, junto com o cinto e o capacete que eu usara na viagem espacial. Então conduziu-me pelo elevador a uma garagem-subsolo. Sentamo-nos num pequeno carro transparente, colocado sobre colchão de ar, que funcionava quase sem ruídos, e partimos através de uma câmara vedada.

Os dedos de Argus correram sobre diversos botões no teclado do console no chão. Foi com prazer que verifiquei que eles, afinal, utilizavam mecanismos visíveis naquela parte.

– Apenas gravei nossa rota dentro do computador de tráfego da cidade, através desse autopiloto. Ele vai se encarregar de toda a direção. Bastante conveniente. – Argus fez essa observação enquanto nosso veículo sobre ar dava a partida conosco.

– Por que usar aparelhagem mecânica, por que não percepção extra-sensorial como nas naves?

– Um computador ou memória equivalente para um carro? Seria grande desperdício. Dessa forma um computador central pode dirigir todo o tráfego da cidade. Além disso, é mais simples se delegar a rotina de dar as direções ao toque de botões, do que fazê-lo por meios psíquicos.

– Então por que não usar um dispositivo similar, de toque de botões, nas naves para comunicação e direção geral?

– Esta operação é demasiado complexa para meros botões. Além do mais, comunicação e direcionamento geral são possíveis por meios psíquicos para aquele que sabe como fazê-lo.

Nosso carro flutuante percorreu, deslizando, campos sem nenhuma estrada, na direção de uma distante via

expressa. Ao alcançarmos, enfim, essa via, percebi que não existia pavimentação, apenas luzes no solo, com marcas como uma pista de alta velocidade. Veículos em quantidade passavam zumbindo em alta velocidade, nas duas direções, a cerca de quinze metros no ar acima do solo. Aproximando-se da cidade, o número de alamedas, elevados, rampas de acesso invisíveis aumentou enormemente. E tudo aquilo sem nenhuma via existindo palpavelmente. Eles não tinham, sem dúvida, problemas de construção ou reparo ali!

Argus começou a apontar alguns locais de interesse. Disse que diversos domos alojavam todo tipo de laboratórios de pesquisa e usinas. Outros eram para serviços, residências e pátios de recreação. Eu dificilmente conseguiria entender o sentido de todo aquele amontoado de estruturas e ordens de luzes. Em certos lugares, me senti como se estivesse numa rápida excursão de monotrilho sobre os salões de alguma Feira dos Mundos da Utopia.

Nosso carro flutuante nos depositou dentro do maior dos domos, bem no coração da cidade. Em uma das diversas rampas de chegada, descemos para caminhar. Nosso carro se afastou por si mesmo e desapareceu para dentro de um túnel-subsolo.

Estávamos no limiar de uma praça pública com chafarizes e gigantescas esculturas abstratas. Calçadas de correias móveis transportavam amontoados de pessoas em diversas direções, tão logo elas deixaram seus veículos de vários tamanhos. As pessoas eram humanóides, porém em fantástica variedade, desde aparência muito próxima da humana até um tipo absolutamente não-terreno. Elas se mostravam em todas as cores do arco-íris, variando em altura de um metro e vinte até mais de dois metros. Não me pareceu que

a minha aparência pudesse merecer um olhar mais insistente de nenhuma delas.

Este era o complexo de recreação da cidade, Argus me contou. Todos os prédios eram futuristas no formato, graciosos, em estruturas transparentes. Iluminação de cor pastel dava uma qualidade de sonho e encanto à cidade; o equilíbrio estético no conjunto era bastante agradável. Perambulando por calçadas rolantes e elevadores, por um tempo, observei que a idéia geral para o fluxo do trânsito era o de terraços em vários níveis. Tudo era terrivelmente excitante!

Tudo parecia muito limpo e impressionantemente novo, mesmo a pavimentação e os pisos de tipo plástico eram de brilho reluzente. Não havia lojas de modelo convencional em evidência, todavia em muitos locais estavam dispostas pilhas de objetos incompreensíveis para serem levados de graça. Não vi anúncios, mas um bocado de sinais para os lugares e direções. Esses sinais eram codificados por cores e figuras geométricas, muitos com símbolos que se pareciam com hieróglifos. De acordo com Argus, a língua comum por todos falada ali era a norma intergaláctica. Bem, para mim ela soava como um cantar suave sem palavras específicas. Parecia, entretanto, agradável e de forma bastante melodiosa.

Nos sentamos em diversos lugares apenas para observar as levas de gente que passavam a pé, em correias deslizantes, em espirais e em dispositivos de elevadores de grande variedade. Havia tanta coisa para se ver, tantos detalhes para examinar, tantas coisas com que se confundir. Eu, inclusive, cheguei a me confundir inteiramente com o uso de uma das torneiras públicas de bebida, bem sob as vistas curiosas de uma mulher robusta, de estranha aparência, que estava sentada perto. A bebida tinha um gosto terrivelmente

esquisito, como uma espécie de caviar líquido. Argus quase se arrebentou de rir, ao me falar:

– A bebida é, na verdade, para a elevação física da estamina de visitantes cansados; a maneira como você a tomou, olhando para aquela mulher, foi o equivalente próximo a um convite sexual, de acordo com nosso costume local.

Foi bom que Argus tenha me retirado às pressas; de outra forma poderia acontecer que eu fosse possuído à força ou raptado – talvez ambas as coisas!

Entramos num complexo edificado que continha um grupo central de domos gigantes. Um dos domos não tinha nada além de centenas de pirâmides de cristal do tamanho de tendas, espalhadas em círculos concêntricos. Argus disse que eram para meditação em grupo de "potencialização". Dentro do mesmo complexo edificado, passamos por alguns salões abertos que se pareciam, por dentro, com *shows* de variedades – mas Argus me informou que eles eram, na verdade, centros para se assistir televisão tridimensional, produzindo um teatro vivo quase perfeito. Alguns outros salões se pareciam com arenas para esportes, e outros ainda tinham odores de ante-salas para banhos turcos e aposentos para se aspirar incenso. Dessa vez, entretanto, não me aventurei a novas experiências. Na verdade, estava bastante satisfeito em apenas olhar e observar quase tudo. Mesmo isso estava começando a me fazer perder o interesse, com a queda de meu ritmo, devido à fadiga mental; eu tinha sido bombardeado com incríveis quantidades de impressões desconhecidas.

Momentaneamente, me apartei de Argus, e caminhei através de uma elegante passagem de porta que parecia ser um banheiro público. Foi outro erro: de uma vez só meu corpo foi atingido por uma poderosa corrente de vapores, que

tinham um sabor de champanha. Me vi flutuando livremente sem peso, suspenso no ar em algum salão de festa de gravidade zero, sob a inspiração de maravilhosos efeitos psicodélicos e sons melodiosos. No momento em que Argus, finalmente, conseguiu me encontrar e me arrastar para um banheiro de verdade, eu estava já bastante inebriado... como um peixinho dourado bêbado.

Então continuamos com nosso passeio turístico. Por fim, chegamos ao maior e mais interior dos domos do complexo, o qual se parecia com um planetário. Ficamos ali a observar: em cada assento havia um capacete a ser usado pelo ocupante. Este passava a fitar um amontoado confuso de configurações de luzes coloridas expostas sobre a superfície interna da cúpula. Finalmente, ao se levantar para sair, um pedaço de plástico achatado saía deslizando do braço da poltrona e o camarada o carregava consigo. Argus explicou que o procedimento era um tanto similar ao de se ver a própria posição astrológica, e obter o horóscopo registrado ao final.

Exceto que aquilo ali não era meramente interpretação astrológica. As configurações de luzes coloridas na cúpula eram a exposição de diversos fatores e forças cósmicas verificáveis. O capacete "apanhava" a pessoa dentro de uma selecionada conjuntura que era relevante para ela, ajudando-a até mesmo a interpretá-la psiquicamente. Dessa forma, a pessoa podia avaliar e conferir sua posição dentro de seu "curso de probabilidade de vida", o que sugeria decisões e passos favoráveis a curto prazo nos empreendimentos pessoais. O pedaço de plástico achatado era a cópia registrada sólida – que poderia ser relida à vontade por meio da captação com a palma da mão – das vibrações que dela emanavam.

Aparentemente, era um auxílio bastante preciso, cientificamente aprovado para o desenvolvimento pessoal: um

desenvolvimento que era o objetivo de todas as pessoas que visitavam aquele planeta. Esse auxílio não funcionaria para mim, todavia, uma vez que meu padrão próprio de "probabilidade de vida" pertencia a uma outra dimensão.

Eu estava bastante impressionado com tudo. As pessoas pareciam radiantes de saúde, transbordando autoconfiança como os ricos e famosos bem-sucedidos da Terra. Argus disse que aquilo era natural para pessoas auto-realizadas que operavam a níveis incomumente altos. Ele observou que uma pequena percentagem da população da Terra, o "creme da humanidade", estava bem perto daquele estado geral. Contudo, aquelas pessoas altamente desenvolvidas iam ali para se aperfeiçoar ainda mais!

Argus explicou, com um sorriso, que o motivo não era apenas um zeloso interesse pessoal. Era, antes, um caso de se alcançar o estado mais aperfeiçoado possível, através de um grau de consciência intensificado. O sucesso delas era encorajado porque suas atitudes ajudavam a sociedade como um todo, e as facilidades hospitaleiras daquele planeta ofereciam aperfeiçoamento na percepção e no conhecimento pessoal, intensificavam a sensibilidade, a disciplina e a expressão pessoal – em todos os níveis do ser. O processo todo trazia prazer por si mesmo, para não mencionar o proveito em geral para todos, no processo.

Percebendo minha compreensão incompleta, Argus elaborou um pouco mais. Aquele desenvolvimento pessoal era mais como uma excursão a uma ilha de férias bela e exótica para milionários, onde cada um poderia mostrar suas habilidades e apreciar quase tudo. Bem, pensei secamente, eu poderia entrar naquele tipo de "processo de aprendizagem" como um projeto de longos anos! Por outro lado, Argus continuou: o desenvolvimento poderia se estender ao longo

de linhas mais ascéticas ou místicas, alternando-se com atividades artísticas ou científicas. Em qualquer combinação, em qualquer arranjo pelo qual o indivíduo tenha se decidido, isto estaria sujeito apenas a sua própria avaliação, acrescentada pelas consultas opcionais como a daquele "astro-domo", por exemplo...

Notando meu estado mentalmente saturado com toneladas de impressões desconhecidas, Argus decidiu dar o dia por encerrado para a parte turística e explicações. Descemos uma rampa para buscar nosso carro flutuante, que reapareceu misteriosamente, por si mesmo, como um cão fiel. Então partimos para nossas instalações de recepção e para a festa ao ar livre pela qual eu ansiava.

* * *

Na manhã seguinte, após um desjejum bem cedo, Argus me levou a uma excursão pelo campo no carro flutuante, que durou metade de um dia.

Ao corrermos para longe de nossos compartimentos e "civilização", o ar tinha um cheiro doce e aromático, me deixando um pouco enlevado. O horizonte se perdia numa névoa matinal suave, de tonalidade cobre embaçada. As cores diurnas eram de um verde-e-cobre desconcertante, como numa pintura visionária de Van Gogh, especialmente os estranhos pares de sombras projetadas pelos dois Sóis que já haviam ganho alguma altura no céu turquesa. Ao invés de denominar aquele planeta de Argona, eu antes o chamaria de Oxidus, pois ele parecia como que oxidado.

O vívido impacto daquele mundo extraterreno me acompanhou até a volta ao lar; não como algo ameaçador, todavia, mas antes como uma dimensão de fantasia agradável e poética, pois o cenário era verdadeiramente belo em sua

estranha e delicada característica. Argus disse ser aquele um lugar preferido por pintores para explorar o feixe incomum de sombras e impressões de sonho, e também muito inspirador para os tipos poéticos. Não me foi difícil acreditar, especialmente pelos punhados extasiantes de vegetação dissipada que poderiam ter sido arranjados por um botânico embriagado. Com tudo isso decidi que gostava daquele planeta; ele tinha um leve apelo boêmio com seu instigante charme...

Fiquei sabendo por Argus que havia dúzias de cidades idênticas em todo o planeta, cercadas por centenas de quilômetros de campos, onde a maioria dos visitantes ficava nas comunidades espalhadas. Um visitante poderia ficar em qualquer lugar, dependendo apenas do tipo de atividade de seu interesse. Essas comunidades variavam amplamente desde estações de repouso luxuosas, passando por vilas pitorescas de artistas, até monastérios austeros de práticas ascéticas. Elas se localizavam em ambientes diversos, de belezas subtropicais até àquela encontrada em montanhas desoladas e inacessíveis.

Próximo a cada comunidade havia diversas áreas grandes no interior de domos, servindo como departamentos experimentais isolados. Estes despertaram minha curiosidade numa proporção muito maior que a das próprias comunidades. Alguns domos estavam quase vazios, exceto pelas muitas "bolhas de sabão" do tamanho de crianças que flutuavam bem acima do solo. Para grande espanto meu, essas bolhas continham pessoas que praticavam levitação auto-induzida. Alguns outros interiores de domo se pareciam com pátios de construção de uma estranha modalidade: algumas vigas eram "materializadas" vindas do nada, cortadas por chamas sem os meios visíveis, e flutuavam até o lugar certo

sem quaisquer guindastes. Argus disse que tudo era feito basicamente através da geração e da conversão de energias de tipo psíquico. Alguns outros domos continham tempestades e descargas de energia virulentas, que os experimentadores tinham gerado e que dirigiam à sua vontade, por meio de algum método misterioso.

– O que você está vendo funciona apenas no interior desses poderosos campos de "ampliação do esforço". Isso é para demonstrar os potenciais do homem e para o aprendizado de algumas habilidades básicas. Mas a produção de alguma coisa espetacular pela força da pura vontade, somente, é algo que se encontra profundamente ao nível de causalidade fundamental, o que está para além do alcance até mesmo do psiquiano médio. – Argus me deu essa explicação encolhendo os ombros.

Ainda assim, eu estava tremendamente impressionado. A pedido meu, deixamos o carro flutuante para entrar num domo, onde eventualmente consegui mover um pedacinho de papel e fazê-lo se elevar alguns centímetros acima de uma mesa. Grande feito! Contudo, fiquei emocionado com o "resultado".

Prosseguimos para ver domos diferentes. Alguns guardavam todos os tipos de estruturas em grade bastante variadas, com grande espaçamento entre elas: Argus me disse que as pessoas agora experimentavam ressonância vibratória para uma teoria de pura harmonia, que poderia ser aplicada em qualquer lugar no cosmos. Tal como para a criação de um novo tipo de música, poesia, estados psíquicos, matemática, tecnologias, e quem poderia dizer o que mais.

E todas aquelas pessoas não eram profissionais, apenas cidadãos comuns que ali iam, procedentes de todos os estratos da vida, para uma estada curta de poucos meses. Argus

disse que elas tinham lugares similares àquele planeta em cada grupo estelar da *Federação Psiquiana*. Aquilo era para ajudar cidadãos a extraírem o máximo de suas vidas enquanto que intensificavam sua criatividade e produtividade em suas linhas particulares.

Isso me fez considerar qual tipo de vida aquelas pessoas levavam nessa outra dimensão. De acordo com Argus, sua principal preocupção era o máximo de experiência possível, desfrute e crescimento – tudo na mesma série. Todavia, a longo prazo, todos contribuíam para a sociedade com trabalho produtivo, pois mesmo produtos de experimentos lúdicos eram úteis em algum setor de cultura ou economia. A manufatura, os serviços, os transportes eram quase inteiramente automáticos, liberando assim as pessoas para atividades mais recompensadoras. Paradoxalmente para os humanos terrenos, o trabalho ali não era uma necessidade econômica, de modo algum, mas antes um prazer e um privilégio. Isso, eu podia ver bem, inequivocamente: ali o incentivo era obviamente o imperativo interior de se criar e se superar, como se todos fossem artesãos subsidiados pelo Estado.

Tudo aquilo girava em minha mente e me fazia perguntar se a humanidade da Terra poderia jamais chegar àquele ponto! Parecia-me que a pobreza, a ignorância e a avareza da Terra mantinham-na presa de um círculo vicioso negativo; todavia, um ciclo positivo com abundância para todos – crescimento, modos de vida iluminados – poderia se tornar auto-renovador com a mesma facilidade, se pelo menos déssemos o primeiro passo. Mas como poderíamos sair desse para o outro estado? Não com sermões e convencimento, sem dúvida. Todavia, como se poderia romper o círculo vicioso? Qual a resposta, se é que existe alguma?

Argus deve ter lido meus pensamentos atribulados, pois disse ao retornarmos das instalações:

– Havia uma boa razão para esta excursão turística. Amanhã lhe mostrarei outros fatores. Então, algum dia, em breve, se tornará claro o que você pode fazer por si para se desfazer de sua velha rotina...

Capítulo 9

A MISSÃO DOS EXTRAS

No dia seguinte não saímos para nenhum lugar. Algum tempo depois de um desjejum tardio, Argus me levou a seu estúdio. Este era confortavelmente mobiliado, apresentando inclusive uma cafeteira e outras amenidades do tipo terreno.

Havia uma enorme tela em branco em uma das paredes. Argus usou-a para ilustrar sua explicação, no estilo de uma palestra acerca de vários fatos, nos quais mergulhava naquele momento. Ele pôs-se a projetar imagens imóveis e em movimento sobre a tela, sem nenhum projetor à vista, sem apertar botões, aparentemente pela força de vontade apenas. Quando lhe perguntei de onde provinha todo aquele vasto fluxo de informação, disse que aquilo não era nenhum truque especial e que quase toda pessoa psiquiana educada poderia fazê-lo. A pessoa ou usava seus próprios reservatórios de memória, ou se mantinha em conexão com um computador-biblioteca.

Ele começou por me fazer lembrar a maneira como o "astro-domo" que visitáramos na noite anterior estava exibindo a configuração momentânea de diversas forças cósmicas e fatores que influenciavam a vida em geral. Ele projetou na tela um instantâneo que se parecia com uma amostra das configurações de cores densamente arrumadas das exposições do "astro-domo". Disse que diferentes cores repre-

sentavam diferentes forças cósmicas e fatores. Por exemplo, a posição relativa de corpos planetários dentro de um dado sistema solar tinha conexão significativa com eventos de um mundo em setores respectivos. Disse, ainda, que se as pessoas da Terra não acreditassem nisso, poderiam estar se expondo a um desagradável choque na época do alinhamento planetário, na primeira metade dos anos 80, que era geralmente referido como o "efeito Júpiter".

Estudei o conteúdo da tela. Pontos de determinada cor se compunham para resultar em padrões de linhas de força ou nuvens de densidades variáveis. Eu estava impressionado com as dúzias de diferentes forças cósmicas predominantes, campos magnéticos planetários, emanações psíquicas, os quais contribuíam para a constituição de um "clima" intangível que influenciava os eventos naturais e os produzidos pelo homem.

Conforme Argus, a poluição do ar e a da água eram fatores bem conhecidos na Terra, mas a poluição psíquica dificilmente terá sido considerada seriamente alguma vez. No entanto, o clima psíquico era terrivelmente importante na formulação da vida em todos os aspectos, desde o caráter e a motivação individual, até as ideologias em escala global e suas conseqüências. Ele apontou para uma nuvem extremamente densa e opaca sobre a tela, dizendo que aquilo representava "precipitação psíquica", que se insinuava, procedente de sistemas vizinhos como a minha dimensão, através das "áreas de janela". Essa precipitação era venenosa para diversas funções importantes naquele outro sistema, desencadeando, ocasionalmente, imediatas desordens em alguns lugares mais afetados.

Nos mapas de cenas imóveis interdimensionais de larga escala que Argus projetou, a Terra aparecia como um dos

maiores ofensores da geração de precipitação psíquica. Por não importar quão vastas pareciam as distâncias, os espaços não eram uniformemente lineares, devido a muitas dobras, correntes cruzadas e outras anormalidades. No caso de "universos paralelos", havia diversas sobreposições e interpenetrações entre as dimensões. Portanto, poderia acontecer de duas localizações separadas por incríveis distâncias estarem quase lado a lado para as emanações psíquicas.

Então, Argus continuou com a explicação de como toda aquela precipitação psíquica era produzida e por quais agentes. Nas cenas seguintes da Terra, com melhores detalhes, vi literalmente "nuvens" pesadas de poluição psíquica sobre áreas como a do Oriente-Médio, África do Sul; muitos pontos sobre a Índia, o Extremo Oriente; diversos pontos sobre partes da Europa e as Américas. Esses indicadores de nuvens e pontos falavam por si mesmos: um nítido mapa de ódio e temor, violência, intranquilidade social. Outros pontos sobre grandes centros dos países ricos "amantes da paz" não eram difíceis de ser lidos como emanações de medo, ambição, inveja e competição encarniçada. Num mapa de aproximação sobre uma grande cidade norte-americana, pude visualizar essas emanações em termos de discriminação, hipocrisia, materialismo grosseiro e assim por diante. Tudo isso se somava na névoa psíquica poluída, a qual, por sua vez, era capaz de gerar mais e mais de sua espécie e ainda pior. As cenas projetadas no "registro meteorológico psíquico" da Terra não careciam de explicação. Senti-me profundamente tocado.

Interrompemos a explanação para um café. Retormada a conversa, expressei minha preocupação acerca dos procedimentos humanos inconseqüentes, que acarretavam tanta desgraça e sofrimento através dos tempos – todavia a Natu-

reza parecia operar de maneira igualmente cruel em sua promoção da sobrevivência apenas dos mais aptos. Argus disse que tudo dependia só do contexto. Num nível inferior certamente era válido o princípio da sobrevivência. Mas, uma vez sendo as criaturas suficientemente evoluídas, o trabalho grupal e a cooperação por si sós asseguravam o progresso contínuo das civilizações. A partir daí, as táticas primárias de sobrevivência eram decididamente obstáculos, mesmo um perigo mortal. O bem-estar coletivo ótimo poderia ser alcançado apenas com a compreensão, por parte de todos, de que nós deveríamos ser os guardiães de nossos irmãos, e que o que é bom para alguém deve ser posto como um bem para todos.

Voltamos à explanação. Os instantâneos projetados na tela a seguir mostraram grupos de pessoas em diferentes ambientes terrenos, junto com suas emanações psíquicas. Parecia que tipos específicos de atividades, por exemplo, estudar, jogar *hockey*, vender mercadorias, adoração religiosa, geravam emanações características distintas. Além do grupo, o mesmo se aplicava a qualquer indivíduo determinado dentro dele, existindo, contudo, algumas emanações básicas independentes da atividade específica em cada uma das pessoas.

Argus projetou diversos instantâneos em rápida sucessão. Eram fotografias de pessoas em silhueta, junto com as cores de suas emanações psíquicas, que formavam uma "aura" em torno delas. A parte interna das cores da aura caracterizavam as "vibrações" básicas da pessoa, tais como fatores de saúde, valores e orientações morais, atitudes e motivação. A parte externa da aura mostrava, por sua vez, emoções superficiais, condições e preocupações.

Fazendo correr uma sequência animada, Argus narrou o encaminhamento de uma pessoa comum através das principais porções de seu dia, e as mudanças correspondentes que se davam na aura. Em seguida, uma família de cinco pessoas foi mostrada com suas mudanças individuais de aura, enquanto se dirigia à igreja, para o almoço e para a praia. Era fascinante ver quão vastamente todos diferiam entre si, e quão diferentemente cada um deles reagia e se correspondia nas situações comuns.

Tudo, enfim, se resumia naquelas características interiores de cada indivíduo. Era possível se prever quase como eles reagiriam em certas situações. Numa percepção rápida da aura era fácil de se traduzir a estatura moral de uma pessoa, o equilíbrio interno, a força do caráter, orientação de seus valores, grau de realização.

Sim, a tradução era fácil, para alguém como Argus, ou a inteligência central de uma nave. Embora eu pudesse compreender as generalidades das cores e configurações da aura, para se saber a respeito era em profundidade uma ciência em si mesma. Cada indivíduo tinha sua aura característica, o que o tornava identificável a longa distância, mesmo numa multidão. Mas a definição instantânea do quadro mental mais sutil de alguém, ou a totalidade de alguém dentro de grandes grupos, era decididamente um trabalho de especialistas. Agora eu sabia por que o disco-voador era capaz de me distinguir e interpretar a uma distância tão grande.

Argus disse que alguns humanos da Terra são capazes de ver a aura parcialmente, e que outros desenvolvem essa capacidade a um grau bem maior. Com as pessoas daquela dimensão, tal coisa era uma habilidade natural. Eram capazes de ver auras se desejassem fazer o esforço de "sintoni-

zar", sendo também capazes de fazer interpretações bem fundadas acerca de suas generalidades. Argus então projetou um instantâneo que mostrava um humano comum da Terra e um humano comum daquela dimensão, lado a lado. A configuração da aura deste último era de modo geral mais saudável, mais forte, mais pronunciada com relação aos atributos mentais e psíquicos. Nessa ilustração, Argus indicou os sete "centros de energia" do corpo. Mencionou o fato de esses centros emitirem vibrações próprias muito fortes se funcionassem o suficiente. No humano terreno, esses centros de energia estavam funcionando ou fracamente ou quase nada. Compreendi que a intensidade de energia nesses centros nos colocava num nível mais baixo ou mais alto de vida em geral. Obviamente, esta era a razão para os meus ativadores: eles ajudavam a fazer subir meu ritmo vibracional com a ativação dos centros apropriados, de modo que meu corpo e minha mente pudessem funcionar naquela dimensão por um período. Argus disse que, no entanto, este estado não poderia ser mantido permanentemente, mesmo com a química do corpo e a estrutura molecular alteradas como resultado de minha visita tibetana.

Uma vez tendo analisado o feito diagnósticos das pessoas, perguntei a Argus, como poderia um indivíduo se modificar para melhor?

– De três maneiras – disse ele. – Primeira: por começar a viver com sensibilidade, positivamente. Segunda: com a elevação do nível de entendimento consciente. Terceira: pela alteração do ritmo vibracional. Não importando por qual caminho se comece, as mudanças estarão cumulativamente afetando os outros dois igualmente. Afinal, esses três aspectos são apenas caminhos diferentes da mesma rede.

– Qual a relação dessas vibrações com as funções corporais e vitais de um ser humano? – perguntei.

Argus explicou que tudo vibra em uma freqüência específica própria. Isso inclui também os seres humanos.

– Pois um ser humano é muito mais do que uma mera máquina bioquímica produzida pelos genes através de moléculas de DNA. Para além dos genes codificados e da bioquímica, nossa forma e funcionamento dependem realmente de fatores organizacionais intangíveis, que se manifestam através de arranjos de energia chamados campos vibracionais.

Ele continuou:

– Dentro do campo vibracional genérico de uma pessoa, um assim chamado campo vital ou "campo etérico" de um ser humano é o fator que governa os átomos, moléculas, células e órgãos. Assim, a modificação do ritmo vibracional dos subcampos altera a estrutura molecular e química, e isso por sua vez altera o ser humano inteiro. Você viu quão diversificadas são as mudanças. Os resultados podem se dar na existência de diferentes dimensões, na realização de alguns dos potenciais humanos, ou nos poderes de percepção extra-sensorial. Dentro de limites estreitos, vocês da Terra podem já ver o princípio vibracional em funcionamento: pois é de seu conhecimento comum que o calor, o som, a luz, telecomunicações, a radiação nuclear... se diferem apenas na taxa vibracional. Como eu dizia, sua química e natureza de funcionamento é governada por um "campo etérico" genérico. Esse campo, por sua vez, é determinado por um fator organizacional ainda mais intangível, bastante além do alcance humano, chamado de "campo causal". Este é o campo que, de fato, dá origem ao "campo etérico", e também o "campo mental" coexistente; esses dois, por sua vez, produ-

zem o corpo e a mente, respectivamente. De nossa parte, ao invés de um mero tratamento físico ou psicológico, do ponto de vista médico, curamos antes ao nível das causas na raiz, por meio do balanceamento dos campos. Em conseqüência, dificilmente temos quaisquer problemas sérios de saúde; além disso, nosso alcance de vida se torna bem mais ampliado. Também podemos fazer várias outras alterações nos campos etérico e mental, por meios tecnológicos ou psíquicos. Todavia, nenhuma grande transformação através de tais meios pode ser permanente. O arranjo do campo causal que sustenta seu presente *status quo* não o permitiria, exceto por meio de um processo natural de crescimento ou de desenvolvimento. Esse processo natural é, na verdade, um desdobramento fase por fase do arranjo causal de alguém até seu potencial completo, que é comum a todos os seres vivos. Isso faz com que se desdobre, inclusive, o modelo cósmico genérico de uma forma gradual; um ciclo distinto, entretanto, após o outro. Por exemplo, os ciclos de um planeta podem ter início em condições cruamente primitivas, e se desenvolver no sentido de condições mais e mais refinadas em todos os aspectos. De um desses ciclos para o próximo, pode parecer um salto quântico chocante, assim como o ciclo geológico pré-histórico se modifica, ou assim como em modificações climáticas drásticas. Ignore a mudança de ciclo e se exponha ao perigo; e vocês ficarão congelados ou torrados, ou compartilharão do destino dos dinossauros. O planeta Terra está muito próximo de uma drástica mudança de ciclo cósmico. Numa questão de uma geração humana no máximo, o próximo ciclo terá começado numa dimensionalidade muito diferente daquela das condições presentes da Terra. Será o começo de uma Era de Ouro, um mundo realmente sensível e belo, num nível vibracional muito mais alto. Infelizmente,

o mundo presente de vocês está ainda em seu modo de funcionamento vibracional inferior, hipócrita, a "lei-do-cão". A não ser que imensas transformações ocorram no curto tempo que resta antes da mudança inevitável, haverá um bom número de grandes perturbações numa escala global. As vibrações drasticamente crescentes do ciclo vindouro virão de encontro com a poluição psíquica que envolve a Terra, ocasionando violentos abalos. Embora venha a ser um processo purificador em essência, ele inevitavelmente desencadeará forças elementais, as quais levarão as pessoas vis e de mente estreita a um colapso; acarretará turbulência política e guerras devastadoras, e até mesmo cataclismos naturais. E tudo isso, por sua vez, produzirá ainda mais precipitação psíquica, afetando-nos, também, nessa outra dimensão, o que preferiríamos evitar. É evidente, por si mesmo, que uma transição mais pacífica para o novo ciclo seria mais benéfica para todos os envolvidos. E é aí que nós, desta outra dimensão, entramos na estória. Temos tentado ajudar a melhorar as condições da Terra por um longo tempo. Estamos também de prontidão com uma vasta esquadra de espaçonaves gigantes, para oferecer resgate a tantas pessoas quantas pudermos, no caso de que as temidas devastações em larga escala não permitam nenhuma outra escolha. Sobreviventes capazes de viver na nova dimensionalidade vibratoriamente mais alta serão uma pequena porção da população total. Estes serão tipos suficientemente mais elevados para passar por trânsitos com auxílio de ativação para fora da dimensão da Terra. Nos primeiros resgates, esses tipos mais elevados podem ser facilmente distinguidos desde as naves por meio da "detecção da aura", e podem ser apanhados por diversos meios.

– Continua Argus:

– Os sobreviventes adaptáveis e interessados na nova dimensionalidade serão então levados para um planeta como a Terra, chamado "Nova Terra", o qual já está sendo preparado numa dimensão entre esta e a de vocês. No momento em que sua nave abordou a nave-mãe, numa dimensão intermediária muito mais elevada, você teve já uma primeira visão daquele planeta, que é como a Terra. Esse é o lugar onde ficarão os sobreviventes, até que se desenvolvam o suficiente para viver num nível vibracional mais alto – e até que a Terra se tenha purificado e normalizado para a nova dimensionalidade de mais alta vibração, e pronta para ser reocupada pelo estoque humano renovado vindo da Nova Terra...

Fiquei abalado até a alma pela monumentalidade das palavras de Argus. Decidi que precisava beber algo. Além do mais, havia alguns pontos a serem esclarecidos, o que foi feito, por Argus de boa-vontade.

– E o novo estoque humano aperfeiçoado haverá de ficar apenas pelo período de transição em Nova Terra, o planeta de proteção temporário. A razão para o retorno eventual é que a Terra é o verdadeiro lar afinal, com sua evolução própria, seu próprio destino. Os humanos da Terra são um estoque valioso e fantasticamente diversificado, com muitos atributos e potenciais de valor incalculável e insubstituível, sendo assim definitivamente dignos de ser poupados. Além disso, o destino futuro dessa dimensão é estreitamente ligado ao destino da humanidade da Terra. Uma vez que estamos na posição de ajudar o povo de vocês, em nossa ética não há como se evitar de ajudar. E por fim, mas não menos importante, nós realmente não temos escolha nessa questão: um poder superior além de nós, que chamamos de *Os Guardiães*, quer, de fato, que nós ajudemos. Eles são os *Irmãos Mais*

Velhos de toda a Humanidade, administradores da *Lei Universal.*

– Por que todas essas atividades *ufo* do tipo brincadeira-de-esconder no planeta Terra? Por que não contar a todos num contato oficial mundialmente noticiado? – perguntei.

– Porque não temos justificativa para interferir assim tão drasticamente – disse Argus. – Não, a não ser que absolutamente necessário. Pense no imenso impacto psicológico que nossa aterrissagem em massa ocasionaria. Seria uma interferência direta com a linha do destino da Terra, a qual deve ser elaborada somente pelos seres humanos. Todavia, temo-nos dedicado a retardar catástrofes físicas e guerras maiores pendentes, por meio de ações mínimas e dissimuladas, na esperança de ganhar tempo para uma transição mais pacífica para o novo ciclo cósmico. Até este momento há uma esperança bem-definida; poderá ainda haver um despertar razoavelmente pacífico para a *Era de Aquário.* Ainda queremos que vocês descubram a verdade de nossa presença eventualmente; além de chamar a atenção para o fato de que os humanos da Terra não estão sós no cosmos, e que não são certamente os mais evoluídos. Entretanto, pelas razões já apresentadas, é melhor introduzir a verdade, lentamente, a princípio, dando-lhe maiores gradações aos poucos. Incidentalmente, um de nossos distantes aliados, os *Etéreos,* são mais bem qualificados para esse tipo de propagações por infiltração. Eles raramente se deixam avistar, mas certamente fazem bastantes transmissões telepáticas para o povo da Terra. Ocorre também um sem-número de avistamentos de discos-voadores, contatos esporádicos. Entre os contactados, alguns podem ser levados a variados passeios. É sempre um pouco diferente em cada caso, uma vez que há muitos aspectos que desejamos demonstrar.

Existem muitos tipos diferentes de naves, apresentando-se em modos e formatos variáveis. Isso se deve ao fato de que, além dos *Mundos da Federação Psiquiana*, existem muitos outros sistemas estelares nessa nossa *Aliança Galáctica*, com culturas bem diversas. Uma vez que possivelmente você não seria capaz de ver tudo isso nesses poucos dias, tivemos que conceber um modo de fazê-lo aprender acerca de nossos procedimentos mais característicos.

Continuou Argus:

– Essa é a razão pela qual você foi trazido aqui de uma maneira peculiarmente não-convencional: de modo que você pudesse obter os mais completos subsídios, junto com o máximo possível de experiências de primeira mão. Outros humanos da Terra poderão ter diferentes contatos, diferentes viagens, "mensagens" incorporadas de maneira diferente. Mas a essência dessas mensagens será a mesma em todos os casos: "Homem da Terra, modifique-se ou pereça!". Quanto a você e aqueles que lhe são semelhantes, o conselho é para que intensifiquem suas transformações pessoais, de modo que possam garantir o acesso na Era de Ouro. Vocês serão capazes de encontrar maneiras de fazê-lo, se realmente o desejarem. Conte a seus amigos, conte a tantas pessoas quantas puder, sobre as coisas que aprendeu nessa viagem aventurosa. Quanto maior o número de pessoas a quem você contar, maior será a chance de uma sensível reorientação em larga escala. Algumas das pessoas que tiveram experiências conosco relataram à imprensa, ou fizeram conferências, ou mesmo escreveram livros a respeito. Fica inteiramente a seu critério contar tudo ou não contar nada. E isso é tudo que eu desejava lhe contar...

Fiquei em silêncio. Simplesmente não sabia o que dizer, sentindo-me soterrado pela avalancha de revelações da ex-

planação. Considerei vagamente se jamais seria capaz de extrair dela todos os seus aspectos.

– Suponho que isso seja o fechamento de minha estada – rompi o silêncio.

– Sim, uma vez que você tenha visto a essência do que havia para lhe ser mostrado. Logo você será transportado de volta para o planeta Terra. Esta parte, entretanto, será arranjada por outra pessoa.

Argus levantou-se de onde estava sentado.

– Ele deve estar chegando agora, de modo que é melhor que eu o leve para a entrevista.

Tomamos o elevador até o andar do ático. Argus bateu numa porta ornamentada, abriu-a para espiar por dentro, e então se voltou para mim.

– Pode entrar, o Comandante Spectron já está à sua espera. – Ele pôs-se de lado e então ergueu a mão saudando-me afetuosamente.

– Boa-viagem, e que a paz esteja contigo, irmão... – disse Argus suavemente.

* * *

Fechando-se a porta atrás de mim, encontrei-me numa suíte impressionantemente espaçosa e luxuosa. As paredes eram cobertas com estantes de livros e painéis protetores, fazendo com que a sala se parecesse com uma sala de reuniões executivas.

Um homem alto, de cabelos louros, estava de pé, fitando-me, no canto da sala com poltronas de couro. Tinha aparência de um excelso comandante de uma frota espacial em sua elegante túnica justa no corpo, com um medalhão familiar no peito. Sorrindo afetuosamente, ele me fez sinal para tomar um lugar.

Fiquei estupefato pelo golpe de surpresa. O homem não era outro senão Quentin, o misterioso contato com quem fui levado a me encontrar meio ano antes na *Feira Psíquica*.

– Que agradável surpresa encontrá-lo aqui! – consegui dizer.

– Prazer em vê-lo também. – Ele pegou dois cálices na prateleira e me passou um. – Vamos beber à nossa saúde, então.

O licor tinha excelente gosto. Para recuperar minha postura, deixei que meus olhos corressem sobre os milhares de livros que enchiam estantes desde o chão até o teto.

– Caso você esteja curioso – Quentin mostrou num gesto – eles são réplicas de livros da Terra; a maior parte para uso dos visitantes, e os demais para decoração.

Meus olhos pousaram em Quentin. Uma figura impressionante; e que magnetismo pessoal!

– Quem poderia concebê-lo como um comandante espacial psiquiano? – me expressei novamente.

– No outro dia, segundo Argus, você nem sequer estava aqui.

– Era verdade o que ele disse, eu não estava aqui naquele momento. Tão-pouco sou um psiquiano, mas um conselheiro *espectral*. Pois eu vim de outra dimensão ainda inteiramente diferente. Entre outras coisas, estou encarregado de trazer alguns visitantes especiais até estas partes. Foi assim que, de modo apropriado, recebi o título condicional: Comandante Spectron.

– Ah, compreendo, mas se era você o encarregado, então qual é o papel de Argus?

– Seu papel é principalmente coordenar e recepcionar, mas apenas após ter garantido seguro acesso para os visi-

tantes indicados. Argus é um oficial do gabinete da *Inteligência da Frota Espacial Psiquiana.*

– E essa é a razão pela qual ele se preocupa com tráfego cósmico e transmigrações?

– Precisamente. Não surpreende que se sinta desconfortável ao encontrar "estranhos" compartimentos mentalmente fechados, ao fazer suas investigações psíquicas da mente.

– Como aconteceu em meu caso, por exemplo?

– Sim. Não se inquiete com isso, todavia. Essencialmente, você passou bem nos testes, de diversas maneiras.

– Muito obrigado. E me agradaram os últimos testes de corpo inteiro feitos pela turma junto à piscina, disfarçados de diversão e jogos. Apenas já não vejo mais o significado para eles nesse estágio final, uma vez que minha visita se encerra de qualquer forma.

– Sim. Logo você estará indo de volta para o planeta Terra. A não ser, é claro... a não ser que queira encarar ainda uma outra viagem bem mais "longe".

– E o que seria uma tal viagem?

– Uma viagem para ver *o Conselho,* se o desejar. Já tivemos indicações de que eles estariam interessados em vê-lo em pessoa.

– Oh, eu teria grande satisfação em ir.

– É um prazer ouvir isso. Mas, na verdade, não é tão simples. A viagem é bastante arriscada. Nossas observações mostram que você está apto para uma tal viagem, e os perigos serão minimizados. Ainda assim, ela deverá ser estritamente em base voluntária.

– Pode contar comigo. Afinal, que tenho a perder?

– Sua sanidade, mesmo até sua vida. As possibilidades desse tipo de acontecimento, todavia, são remotas. Mas você

certamente passará por modificações de personalidade. Provavelmente para melhor. Você nunca mais será o mesmo.

Ponderei acerca disso, por um instante, e então disse dando de ombros:

– A curiosidade matou o gato, eu gostaria de ir.

Quentin sorriu.

– Eu sabia que você o faria. Então está acertado. Após terminarmos nossa rápida conversa aqui, você logo poderá partir.

– Por falar nisso, que *Conselho* é esse? – procurava obter mais detalhes, enquanto as coisas corriam a favor.

– É o *Conselho dos Guardiães*. Ele se compõe dos *Irmãos Mais Velhos* da Humanidade, no coração de todas essas dimensões. Seu mundo é um desses muitos universos, e assim é este mundo aqui, e o meu mundo próprio distante, ainda em uma outra dimensão.

– *Irmãos Mais Velhos*? Como naquelas estórias acerca dos *Irmãos Espaciais*, dos *Seres Ancestrais*, da *Grande Morada Branca*, ou algo assim?

– Alguma coisa nessa linha, mas não tanto. Além do mais, nomes ou conceitos não importam, apenas a essência. Portanto, vamos apenas chamá-los de os *Guardiães*, por questão de conveniência.

– Suponho que eles não estão nesse planeta. Vivem numa outra dimensão diferente?

– Não há dimensões para eles. Você não poderá encontrá-los em nenhuma dimensão física do multiverso. Eles existem e funcionam "do lado de fora" dessas estruturas do multiverso, nas regiões mais elevadas de um plano total não-físico. Você compreende, eles são seres incorpóreos, parcialmente mesmo não-manifestados...

– Você quer dizer, eles são alguma espécie de fantasmas?

– Não, porque eles nunca morrem. Tornaram-se imortais há longo tempo, no passado, quando ainda na carne humana. Uma vez que não mais necessitam de corpos, a consciência deles habita naquilo que você poderia chamar de "alma-essência", inacessível aos reinos físicos. De lá supervisionam o funcionamento apropriado e a evolução de nossos mundos físicos, e realizam mudanças menores de curso, se necessário – previsto que as mudanças estão de acordo com o esquema cósmico em sua totalidade.

– Bem, como sabem o que está de acordo?

– Em parte o sabem através da intuição proveniente do *Grande Reino Não-Manifestado*. E em parte, obtêm o conhecimento através de consultas ocasionais com os *Mestres Ascensionais*, quando as condições o permitem.

– Que significa o que você chama de não-manifestado?

– Aquilo que é totalmente inacessível para qualquer espécie de mundo ou de criatura, quer sejam físicas ou não-físicas. Contudo, o não-manifestado existe, de forma potencial. Alguns preferem chamá-lo de *O Vazio*, outros de *O Inconsciente Cósmico*.

– Então esses *Guardiães* dirigem o cosmo inteiro?

– Não, eles apenas guiam os reinos de humanidades. Existem muitos outros sistemas, dimensões, universos, com diferentes formas de vida alienígenas não-humanas, que têm hierarquias-guia separadas próprias.

– Então, quem é responsável por tudo?

– Não temos fatos palpáveis a respeito, apenas idéias subjetivas. No que se refere ao mais sublime não existem realmente respostas simples. A totalidade conhecida do cosmos por si mesmo é indiscernível, dinâmica, sempre em evolução, enquanto se mantêm reproduzindo desde as profundidades do *Vazio*...

– Por que esses *Guardiães* se importam em cuidar de nossos universos físicos?

– Porque nossos mundos são como o jardim deles. Quanto mais saudáveis e felizes estivermos, mais agradável é para eles. Eles são como jardineiros artísticos usando seus talentos para nos guardar do mal, e fazer-nos prosperar.

– Eles poderiam ser uma força maléfica que se apresentasse como benéfica, até onde vocês o sabem?

– Bem, não é esse o caso. O fato de eles serem benéficos é bastante evidente por suas ações. Pelo fruto de suas ações, pode-se avaliar. Sem dúvida, você não pode realmente ser culpado pela suspeita. As regiões subdesenvolvidas da Terra sentem o mesmo em relação a gestos de ajuda de países mais ricos. Agora vocês temem que possamos ser um "Cavalo de Tróia" de algum poder maléfico do espaço exterior. Todavia, não temos outra escolha senão continuar nossa influência com missões na Terra. Você compreende, não queremos que outros extras, possivelmente inescrupulosos, nos ultrapassem nos contatos com nosso "território domiciliar". Acredite-me, existem alguns poderes mortíferos lá fora. Portanto, é bastante lógico para nós nos dedicarmos àqueles de nossa própria espécie, como numa confederação de humanidades intercósmica.

– Isso soa bastante razoável. – Sentia-me inclinado a acreditar, ou pelo menos a conceder o privilégio da dúvida, uma vez que a questão não poderia ser provada ou reprovada naquele estágio.

Quentin continuou.

– De qualquer forma, no plano das essências nuas, não há forma de se mentir, e nenhuma necessidade disso tão-pouco. Que os *Guardiães* estão com as *Forças da Luz* é algo bastante óbvio lá, assim como a hostilidade aberta das

arrogantes *Forças da Escuridão*. O fato é que o mal explícito é contudo igualmente atraente para as mentalidades similares, recebendo inclusive propostas de favores.

– Ao invés de trabalhar, não poderiam esses *Guardiães* se retirar para algum tipo de paraíso, ou simplesmente se dedicar ao próprio deleite?

– A rigor, poderiam; pois conquistaram o direito à felicidade eterna. Mas preferiram ficar "expostos" no cosmos que se desdobra, a fim de nos guardar contra a destruição por parte das forças obscuras, para nos guiar em nossos crescimentos evolucionários, para aliviar sofrimentos desnecessários devido à ignorância nas áreas de retaguarda – como se fossem operadores de alguma "corporação da paz" celestial, mostrando caminhos positivos e mais eficientes para a criatividade bem-aventurada. De modo que eles se mantêm no trabalho, até todos nos libertarmos da ignorância e evoluirmos até uma razoável quase-perfeição.

– Então, aparentemente, os Mestres estão para além disso tudo?

– Não inteiramente. Embora ascendam a alturas inimagináveis que não mais são desses mundos, ainda se mantêm em contato através dos *Guardiães*.

– Por falar nisso, por que não fomos feitos perfeitos desde o início?

– Mas fomos, de certa forma. Éramos perfeitos como bebês, modelos primários indiferenciados. Com o tempo, todavia, podemos apenas crescer no sentido da perfeição do caráter, do conhecimento, do amor, através de inumeráveis experiências pessoais. E essa viagem de crescimento é a questão toda da existência. O processo mesmo da vida é o produto, não tanto o resultado final. Todas as experiências

em qualquer estágio são igualmente importantes, cada momento é incomparavelmente único.

– Se a nossa corrente "aqui e agora" é igualmente importante, tanto quanto a de uma poderosa entidade cósmica, então por que não continuar se desenvolvendo ao bel-prazer. Onde está toda a urgência no aperfeiçoamento?

– Porque o tempo já se esgotou no ciclo presente de vocês, e mudanças drásticas são iminentes. Houve diversos começos equivocados e colapsos no passado não registrado de seu planeta. Os humanos da Terra não podem mais ignorar a verdadeira direção do desenvolvimento da vida. Vocês não podem continuar brincando com jogos de poder destrutivos enquanto negligenciam o verdadeiro progresso, a não ser que a raça de vocês queira perecer como os dinossauros no passado da Terra. A escolha é ou adaptação progressiva ou extinção. Por exemplo, vocês não podem ignorar a forte possibilidade de serem brevemente contactados por uma ou outra espécie transespacial extraterrena de supercivilizações. Vocês devem começar a agir de maneira civilizada. Vocês devem também transcender e ampliar a presente estrutura estreita de crenças humanas para absorver diversos fatores novos. Vocês não podem ignorar seus próprios tremendos potenciais para um modo de vida muito mais elevado jamais sonhado – contudo, vocês estão ainda chafurdando na lama de um fundamental materialismo e provincianismo. Vocês não podem ignorar a mudança do ciclo que se aproxima e a taxa vibratória crescente de seu planeta, a que apenas as mentalidades de tipo superior estarão aptas a sobreviver.

– Bem, parece-me bastante claro que precisamos de um sistema de valores mais saudável e construtivo.

– Sim. Mas cada aspecto da vida é importante em seu próprio lugar; portanto, são necessários um equilíbrio global e uma abordagem holística. Para a fisicalidade de vocês, seu humanismo não é menos importante que a poesia e a espiritualidade.

– Enteando, sua mensagem é clara: "Homem da Terra, modifique-se ou pereça?".

Nos sentamos em silêncio, por um momento. Então falei novamente.

– Você estava dizendo que os *Guardiães* existem em sua alma-essência, num plano inacessível aos mundos físicos. Então, como poderei encontrá-los em minha forma física?

– Não lhe posso contar a mecânica a respeito, mas você será transportado até lá, sem erro. Posso apenas contar-lhe minha parte na operação. Mas, antes, terei que começar com uma informação básica geral mais longa.

– Estou pronto, pode falar.

– Bem, o núcleo dessa galáxia, do qual estamos bastante próximos, é um setor estranhamente nebuloso, de espaço impenetrável, chamado de *A Grande Barreira do Caos*. Espaçonaves de todos os tipos já tentaram cortar caminho por dentro, até os sistemas estelares do outro lado, ao invés de circunavegar. Muitas naves se danificaram ou se perderam em monstruosas tempestades elétricas, enquanto buscavam caminhos para passar ou enquanto faziam prospecção de elementos raros nas cercanias. Até hoje essa zona de barreira permanece sendo o setor mais misterioso e mais desafiador que essa galáxia jamais conheceu. Nos braços em espiral de longínquo alcance da *Barreira do Caos*, em giro e constantemente em transição, nossos primeiros exploradores tropeçaram com "áreas de janela"que se abriam para outros universos de diferentes dimensionalidades. Uma des-

sas janelas se abre para o sistema solar da Terra de seu universo. Você veio através dessa janela até o lado mais distante do núcleo da *Barreira*. Essa é a razão pela qual você levou um tempo relativamente longo para aqui chegar em circunavegação. Se você estivesse voltando agora, seria apenas um pulo até essa janela desta vez, pois sua localização desde então se deslocou até uma proximidade maior. Conforme você já ouviu, o trânsito até seu sistema mais denso é difícil e desgastante para as pessoas daqui. Por isso preferimos utilizar espaçonaves não – tripuladas a maior parte do tempo. Por falar nisso, você já teve uma nítida visão da *Barreira:* era aquilo que parecia uma nebulosa distante, logo após seu primeiro trânsito interdimensional. Lembra-se também das estranhas tempestades elétricas que você atravessou próximo do final de sua viagem na nave-mãe até aqui, algumas horas antes da descida no planeta? A tempestade foi causada por um dos braços em espiral de lonqínquo alcance da *Barreira*, o qual sofreu um deslocamento inesperado no curso de sua viagem. Você teve bastante sorte em ter sobrevivido!

– Então a *Barreira* deveria estar perto o suficiente para dominar o céu aqui. Entretanto, não me lembro de tê-la visto em minha descida ao planeta.

– Bem, ela está distante demais para ser vista claramente. Sua nave-mãe viajou incrivelmente mais rápido que qualquer velocidade usual em combinação com diversos "saltos de espaço". – Assim respondeu Quentin, retornando ao fio de sua estória. – De qualquer forma o núcleo em si da *Barreira do Caos* ainda permanece totalmente desconhecido. De acordo com o mito popular de nossa galáxia, existe uma *Nave-Fantasma* nas profundezas daquelas furiosas tempestades, que é capaz de carregar um corajoso aventu-

reiro até o *Olho*, o reino dos *Deuses*. É claro que oficialmente isso é puro *nonsense*, assim como os *ufos* indescritíveis de vocês. Oficialmente, *a Barreira* toda é ainda um mistério insondável. Na realidade, entretanto, a *Nave-Fantasma* existe de fato; conhecida apenas por uns poucos selecionados, mas não pelo público em geral, de acordo com o desejo dos *Guardiães*. Bem, meu caro amigo, a nave-mãe que o trouxe até aqui irá transportá-lo agora até os limites exteriores da *Barreira do Caos* propriamente dita, ao alcance do veículo especial feito para os visitantes dos *Guardiães*, a *Nave-Fantasma*. Enquanto estiver na nave-mãe ou no disco-voador, não haverá comida ou bebida durante a viagem de um dia, apenas um substância purgativa para mascar. Certifique-se de estar inteiramente vazio antes de ser transferido para fora do disco. Uma vez a bordo da *Nave-Fantasma*, encontre o compartimento que lhe foi atribuído, se desfaça de toda e qualquer vestimenta, para envergar somente a malha colante, e ocupe o assento imediatamente. A nave então o levará até a zona de transferência do *Olho*, quando tudo mais ficará a cargo de forças e processos desconhecidos até mesmo para os cérebros da *Frota Psiquiana*. Esta é a estória. A explanação está encerrada, e você logo poderá estar a caminho...

Devido às minhas experiências com os extras e ao efeito delas sobre mim, ganhei melhor orientação espiritual e maior disposição psíquica, com uma atitude muito mais afirmativa da vida e, como resultado - mais equilibrado, feliz e com melhor sorte.

O Autor em 1975

O Autor em 1980

Estas mudanças internas se refletiram - de alguma forma - em maior suavidade da personalidade e na expressão facial através dos anos.

Capítulo 10

INVERSÃO ZERO

Inteiramente carregada com sete discos-voadores, a nave-mãe nos levou em viagem através de alguns braços de espiral, bem próximo à impressionante *Barreira Nebulosa*. Havia seis outros discos-voadores já em seus atracadouros, quando entrei a bordo da nave-mãe; e eles estavam ainda ali quando chegou a vez de o meu partir comigo.

Meu disco me levou em seu vôo diretamente para os espaços turbulentos, tempestuosos, cheios de poeira do *Grande Caos*. Dentro de cerca de duas horas o passeio tornou-se tão áspero e acidentado, que eu realmente tive que me conter. Então divisei uma forma enevoada, cambiante, como uma miragem, que tomei como sendo a da *Nave-Fantasma*. Voamos por um largo círculo em torno de sua vizinhança geral, embora fosse difícil de definir sua posição e formato exato, devido às distorções cambiantes e turbulências. Então, por alguns minutos, obtive uma clara visão dela.

A *Nave-Fantasma* tinha alguma aparência de um peixe gelatinoso gigante, opaco, multisseccionado como uma minhoca; todo ele com diversas barbatanas de substância transparente, e com um agrupamento de tubos de foguete projetando-se em sua cauda. O que poderia ser sua cabeça era um domo na forma de nariz, circundado por sete abertu-

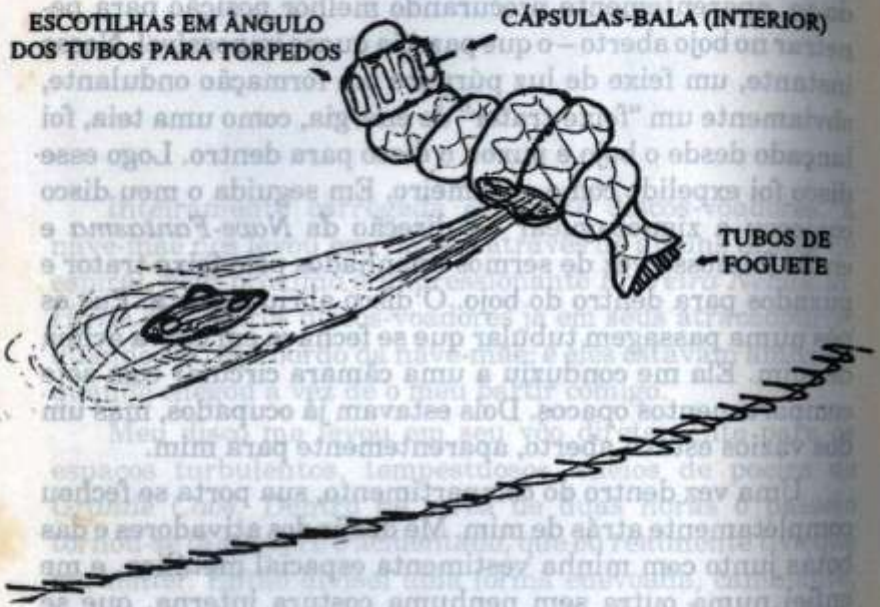
ras para tubos de torpedo formadas como escotilhas em ângulo.

Nesse momento o bojo da *Nave-Fantasma* se abriu e expeliu um disco-voador, que acelerou, perdendo-se de vista. Outro disco apareceu no lado de fora, adernando, balançando-se, aparentemente procurando melhor posição para penetrar no bojo aberto – o que parecia quase impossível. Nesse instante, um feixe de luz púrpura em formação ondulante, obviamente um "feixe-trator" de energia, como uma teia, foi lançado desde o bojo e puxou o disco para dentro. Logo esse disco foi expelido como o primeiro. Em seguida o meu disco começou a ziguezaguear na direção da *Nave-Fantasma* e então foi nossa vez de sermos apanhados pelo feixe-trator e puxados para dentro do bojo. O disco abriu a porta. Pus os pés numa passagem tubular que se fechava em curva acima de mim. Ela me conduziu a uma câmara circular com sete compartimentos opacos. Dois estavam já ocupados, mas um dos vazios estava aberto, aparentemente para mim.

Uma vez dentro do compartimento, sua porta se fechou completamente atrás de mim. Me desfiz dos ativadores e das botas junto com minha vestimenta espacial metálica, e me enfiei numa outra sem nenhuma costura interna, que se parecia com uma roupa de mergulhador. Ela era completada com solas grossas e com uma máscara integral para a face, através da qual eu, de alguma forma, podia respirar, e também ver, na altura dos olhos. Macia, sedosa, térmica e justa no corpo como a pele de uma cobra, minha nova vestimenta tinha uma fosforescência fantasmagórica e era cheia de formações psicodélicas tremeluzentes.

Sentei-me na cadeira de reclinar, única existente, e prendi-me a intrincados cintos de segurança. Após isso, a cadeira subiu automaticamente dentro de seu suporte côn-

NAVE-FANTASMA
aprox. 36 m. comp. e 9 m. largura



cavo, que formava uma metade de cilindro, enquanto a outra metade veio descendo até completar o engate. Eu estava fechado numa cúpula transparente em forma de bala, que flutuava livre dentro do compartimento que lembrava um tubo de torpedo. Colocara-me de frente para uma abertura inclinada, mas também era capaz de ver em outras direções através das paredes semitransparentes.

Enquanto isso, mais quatro discos-voadores chegaram e partiram, aparentemente trazendo mais passageiros a bordo, de modo que nosso número deveria chegar aos sete, para

lotar os sete compartimentos. Toda a nave se fazia sentir balançando, tremendo, desde o momento em que eu nela me adentrara. No entanto, dentro da cápsula da bala não havia nenhuma sensação de movimento. Logo após a partida do último disco senti que começávamos a nos mover e que estávamos a caminho.

Ouvi uma voz incorpórea, procedente de algum lugar.

– Bem-vindos a bordo da *Nave-Fantasma*, senhoras e senhores. Aqui fala o piloto autônomo, o cérebro interno da nave, nave esta que é realmente o meu corpo. Pois esta nave é um ser vivo, não uma estrutura sólida e rígida de metal. Meu corpo de nave em diversas partes é apenas revestido com metal. O resto de mim é feito de cadeias de moléculas orgânicas, sintéticas de todos os tipos. As partes sintéticas e de metal são interligadas por meio de sinapses organometálicas. Essas uniões neurônicas são tão boas que sou capaz de sentir cada parte e cada função de meu corpo de nave. Através de meus muitos milhares de sensores posso captar as condições externas, mesmo com antecipação, dentro de nossa rota de viagem. Sou chamada de nave quase-biônica, conhecida como *Nave-Fantasma*, devido à inteira flexibilidade de minhas diversas partes interconectadas e à moderada capacidade de modificação da forma. Fui construída especificamente para navegar nesses tempestuosos e distorcidos espaços da *Grande Barreira do Caos*, onde qualquer artefato interespacial convencional de estrutura rígida acabaria despedaçado em pouco tempo, ou torcido e amassado como uma caneca de alumínio, explodindo-se ou implodindo-se, eletrocutando-se ou pulverizando-se. Incidentalmente, meu corpo de nave não seria capaz de funcionar bem ou sobreviver por longo tempo do lado de fora do *Caos*, no assim chamado espaço "normal". Minha função aqui é transportar

seres físicos como vocês, ida e volta, até o próprio âmago do *Caos*. Nosso terminal é próximo ao *Vórtice Negro*, além do qual nada que é físico consegue passar, – onde do outro lado do ponto nulo, o cosmos se inverte para uma dimensão atemporal e infinita, porém totalmente não-física na qual habitam os *Guardiães* e os *Mestres* dentro de alguns planos mais altos. Uma vez que tenhamos alcançado o setor de transferência profundamente dentro do *Olho*, ainda no interior de suas cápsulas vocês serão lançados dentro do *Vórtice Negro*. Ali, no ponto nulo, vocês serão apanhados e de vocês tomarão conta, de modo apropriado, as forças do outro lado. Com isso, através de alguns processos desconhecidos de metamorfose, vocês serão habilitados a visitar aquela dimensão não-física, enquanto ainda mantidos preservados em suas totalidades de personalidade presente. Essas totalidades incluem, é claro, as vestimentas *fantasmas* inteiramente orgânicas que agora usam para proteção contra radiação, ativamento vibracional, ampliação sensorial, conversão e intensificação telepática. Bem, nossas melhores considerações para sua visita ao outro lado. Enquanto isso, até o momento do lançamento, aproveitem a viagem no interior da *Grande Barreira do Caos*. Suas cápsulas são mantidas suspensas por um campo de forças dentro do compartimento cilíndrico, para livre flutuação através de ondas "de choque" de distorção espacial. Nesses pontos, não se alarmem ao verem porções da nave se encurvando e modificando um pouco tamanho e formato. Esses efeitos serão, na maior parte, neutralizados dentro do campo de compensação da cápsula, com exceção de alguns desconfortos ocasionais menores. Meu corpo de nave viaja num curso de ziguezague para evitar impactos diretos nas lesões laterais de espaço-tempo. Viajamos a uma velocidade de cruzeiro

padrão para o espaço normal, o que significa um décimo da velocidade da luz. Minha propulsão e energias internas são baseadas numa ação de múltipla potência: subnucleônica convencional, campos de fluxo, antigrávitrons, e até mesmo um tipo antigo de unidades de combustível sólido. Dependendo das condições momentâneas, eu as uso de modo alternado, pois em nenhuma propulsão particular pode-se confiar isoladamente. E agora, tenham uma boa viagem, com a cortesia dos *Guardiães*.

E assim terminou a mensagem. Enquanto isso, nos encontrávamos definitivamente a caminho. Com esforço avançávamos em ondulações, como numa montanha-russa, através de infernos enfurecidos com explosões colossais, massas rodopiantes de gases ameaçadores e tempestades encapeladas de poeira, arenas ionizadas de um milhão de descargas crepitantes de relâmpagos. Aquele inferno enlouquecedor estava ficando sempre pior e nós éramos sacudidos e virados cada vez de modo mais áspero, enquanto as cores, texturas e configurações do lado de fora continuavam se modificando de maneira assustadora. Em alguns momentos minha cápsula em seu balanço era pressionada diretamente contra a parede do cilindro, enquanto eu sentia meu corpo se curvando ao ser atingido por ondas de náusea. "Desconfortos menores", pensei com meus botões.

Aquilo não era exatamente um confortável e alegre passeio; muitas vezes tive que fechar os olhos tomado de puro terror. Porém, num canto da mente, sentia-me fascinado e cheio de admiração. Não saberia dizer quantas horas se passaram naquela situação; entretanto, de súbito, emergimos no interior de um setor extraordinariamente silencioso, como se fosse o interior de uma grande bacia de vazio completo.

Obviamente, chegáramos ao *Olho* do *Caos*. Estávamos defronte de uma cratera girante terrivelmente negra, de proporções astronômicas. Devia ser o *Vórtice Negro*. Ela logo tomou conta de toda a visão à nossa frente, enquanto atrás de nós e para os nossos lados bilhões de explosões de fagulhas cheias de furor do *Caos* continuavam a dançar...

De repente, vi um objeto na forma de torpedo se lançando para fora da *Nave* e rapidamente diminuindo de tamanho na direção do *Vórtice Negro*. Evidentemente, a *Nave-Fantasma* começara a lançar as cápsulas. Devíamos ter chegado à zona de transferência.

Naquele instante outra cápsula foi lançada, desaparecendo de vista. Então, percebi uma guinada súbita e me senti sendo chupado para fora, caindo no enorme buraco escuro e vazio, avançando diante da mais negra escuridão que jamais vira. Eu devia estar voando, ou antes, em queda livre, a uma tremenda velocidade, pois logo não mais podia ver nada das cores combiantes do *Caos*, mesmo se erguesse o pescoço. Apenas um brilho esmaecido refletia o nariz e as paredes de minha cápsula, que eu podia distinguir em torno de mim. Minha agitação lentamente se dissipava; era uma sensação majestosa, sobrenatural, estar correndo através daquela imensidão vazia em direção ao limbo.

Um pânico repentino tomou conta de mim: minha cápsula começou a sacudir e rachar – e rapidamente pulverizou-se de todo diante de meus próprios olhos! Uma sensação de gelo paralisante tomou conta de mim, enquanto meu corpo, com o suave brilho fluorescente da *pele-fantasma*, caía agora livremente, sem qualquer proteção, em direção a seu inevitável aniquilamento. Algo devia ter saído errado.

No instante seguinte senti como se estivesse rompendo uma série de teias de seda, e em seguida como se recebesse

jatos de lavagem de alta intensidade numa lavadora de carros automática. Meu corpo fosforescente começou a brilhar enquanto uma força monstruosa tentava me esmigalhar até virar polpa. Depois de dores agudas em todo o corpo, este subitamente desapareceu, junto com todas as sensações corporais. Supus que meu corpo se houvesse desintegrado, e que eu apenas registrava minhas últimas percepções conscientes: o pensamento tormentoso cruzou-me a mente que então rapidamente se apagava...

Aquilo, portanto, era a morte...

* * *

Em seguida o vazio, e mais vazio.

Estranho! Parecia que alguns bons segundos já se haviam passado; contudo, eu ainda percebia o suave brilho que gradualmente se retraía do *Caos* distante. Alguns poucos instantes mais e então uma escuridão total e absoluta tomou conta de mim, tudo quanto aquele meu "eu" incorpóreo pudesse ser.

Eu não tinha dúvidas de que alguma coisa saíra errado na minha transferência e que estava totalmente morto. Eu não pensava que pudesse ser outra coisa, já que eu definitivamente não tinha mais nenhum corpo ou qualquer tipo de sensação corporal. Embora tivesse a peculiar noção de que era capaz ainda de "ver" de alguma forma mesmo nesse estado, desde que houvesse algo para ser visto.

Todavia, eu ainda existia de alguma forma, tudo o que aquela minha "pessoa" viesse a ser naquele vazio silencioso. Engraçado: apenas um ponto abstrato de autoconsciência, provavelmente um retalho persistente de conteúdo de memória, ou o que fosse de mim intangível, sobrevivia por mais um tempo, para que logo lentamente se dissolvesse...

Enorme tristeza, sofrimento mental e depressão se assenhorearam de "mim". Sentia-me tão dolorosamente depressivo, que decidi acabar com tudo aquilo, ao invés de me submeter àquela angústia sem sentido. Resolvi "dormir" para nunca mais acordar. Contudo, como poderia um resto de memória de um corpo ir dormir, eu não sabia. Porém, estando emocionalmente exausto, não me importava mais que fosse desta ou daquela maneira. Simplesmente, desejei ir aos poucos apagando, como se estivesse indo dormir no corpo físico. Havia uma sonolência que se apoderava de mim e à qual eu me entregava. Então, lentamente, de fato, apaguei...

Acordei algum tempo mais tarde. Aparentemente, estava ainda vivo de alguma forma extraordinária; ou antes, eu era um morto "não-morrido". Tudo muito engraçado. Que diabos fazia eu ali naquele estado – eu me perguntava. Sempre acreditara que após a morte ou se entra num total esquecimento, ou num tipo de existência diferente no "Além". Mas aquele estado indefinido de não-ser não me deixava satisfeito. Ou teria eu sido jogado num estado de "limbo" como uma punição ou por algum louco acidente? Ou talvez alguém, algum "espírito", apareceria eventualmente para me receber? Então é melhor não entrar em pânico, e sim esperar um pouco – disse a mim mesmo. Entretanto, por quanto tempo duraria aquela espera? Uma hora, uma semana, mil anos? Talvez até um bilhão de anos?

Já que não havia mais nada a "fazer", comecei a brincar com jogos mentais, para me divertir. Primeiro, fiz um levantamento a "meu" respeito. Aparentemente, minha mente ainda funcionava muito bem, minhas memórias estavam todas no lugar, eu anda tinha meu senso de identidade. O

que me fazia lembrar: quem era esse "eu" realmente? Apenas um nome e uma estatística, uma personalidade?

Suponha-se que "eu" ficasse naquele limbo por um tempo incrivelmente longo. Provavelmente, minhas memórias se desvaneceriam ou ficariam todas misturadas... Talvez apenas minha imaginação funcionaria, não importando de que maneira estranha...

Assim, continuei matando o tempo. Porém, afinal, me cansei de tudo e fui "dormir" novamente...

Quando acordei as coisas estavam na mesma, de modo que comecei a brincar com uma nova rodada de jogos mentais, passando em revista todo tipo de lembranças e notícias de eventos memoráveis. Decidi que em algum momento chegaria mesmo a "escrever" uma autobiografia, compor alguma música – de modo estritamente mental, é claro. Minha mente parecia capaz de reter muito mais dados em foco do que normalmente, e o exercício mental, com vários fatores simultaneamente, veio mais fácil. Além disso, o que mais havia para fazer?

Passei dessa maneira o que pareceu alguns poucos dias. Meus processos mentais aperfeiçoavam-se consideravelmente; eu até começava a sentir certo orgulho. Talvez, com alguma prática, realmente me tornasse capaz de escrever um livro inteiro em minha "cabeça", pintar, compor, mesmo construir edifícios, "criar" paisagens...

Uma onda de excitamento me atingiu. Pela graça de Deus! O poder da criação! De início, ilusões; mas talvez eu pudesse criar algo eventualmente... Apesar de tudo, minha ideação funcionava belamente. Eu era capaz de conceitualizar, era capaz de "construir" e "ocupar com população" um mundo inteiro de fantasia. Através do poder da imaginação, eu podia até mesmo criar a ilusão de estar vivendo num tal

lugar. Apenas uma questão de prática, já que agora dispunha de todo o tempo!

Minha mente começou a trabalhar febrilmente na idéia de como projetar e solidificar minhas pretensas construções em formas "tangíveis" de realidade – ou o que fosse que eu viesse a considerar coisas tangíveis de uma ilusão permanente. Talvez eu devesse começar com a "criação" de luz...

Então, subitamente, a compreensão me atingiu: que diabos estava eu tentando imaginar? Não seria necessário que eu imaginasse minha própria luz, por exemplo. Já que minha mente funcionava de verdade, então ela teria que existir em alguma forma de energia. Assim, essa energia deveria ser visível para mim em algum espectro, se eu tivesse olhos adequados com que ver naquele espectro de energia. Bem, e que pensar acerca do famoso "terceiro olho" dos mitos orientais, ou da "visão da alma", ou qualquer outra coisa assim?

Depois de alguma contemplação, combinada com uma "visualização" sem olhos em torno de mim para o nada escuro, percebi que havia, sem dúvida, um tênue brilho de luz que emanava de meu próprio centro. Era positivo para mim que ela realmente existia; eu não apenas a imaginara! De início, minha luz era bastante incerta, porém foi ficando cada vez mais forte sob meu "olhar" atento. Tentei mudar o foco para as bordas de meu suave brilho amarelado, apenas para descobrir que "eu" consistia de um globo de luz. Esse globo de luz era arranjado da maneira mais delicada e elaborada, com uma espécie de fluxo e rotação em torno de meu próprio centro, enquanto do lado de fora o globo continuava a existir um total limbo.

Grande felicidade tomou conta de mim. Eu podia ser um morto "não-morrido", mas havia uma decidida esperança de

grande melhoria em minha condição. A excitação chegou a me deixar exausto, e então decidi tirar uma "soneca"...

Ao voltar a mim novamente, senti-me bastante descansado, contente e excitado. Aquela minha luz recém-descoberta ainda estaria ali, caso eu a desejasse ver, de modo que eu sabia que era de verdade e não ilusória.

Considerei que deveria haver outros seres a meu alcance em algum lugar e em alguma forma, talvez até mesmo algum tipo de "objetos" ou formações inteiras naquele imenso vazio. Assim, desejei estar em movimento, e continuar no movimento, até "chegar" a outras fontes de luz. Senti como se "eu" estivesse de fato me movendo, embora não houvesse nenhuma maneira de verificá-lo. Fiquei a perscrutar a grande escuridão à minha volta com meus "olhos" recém-descobertos, e também com um tipo de novo sentido que eu não possuía antes. Era como se eu possuísse uma espécie de radar interno, ou tentáculos mentais. Assim, continuei em meu movimento; a bem da verdade, sentia-me como se estivesse retornando a algum "lar" representado por alguém ou alguma coisa. Um tempo depois comecei a sentir a existência de "outros seres", outras entidades, bastante distantes, que se tornavam cada vez mais próximos. Nova onda de excitação passou por mim. Meu amigo, aquilo era realmente muito engraçado! Eu estava absolutamente certo das presenças que se aproximavam, quem quer que elas pudessem ser.

E então, por Deus! Comecei, realmente, a ver um brilho fraco mais adiante: duas luzes piscavam como se fossem estrelas, e foram ficando cada vez mais perto. Mas, a uma certa distância, ou eu parei ou elas, pois o espaço entre nós permaneceu o mesmo. Elas tornaram-se duas belas esferas de luz, emanando vibrações de energia muito poderosas. Eu

sabia que eram algum tipo de seres, que transpiravam calor, afetuosidade, curiosidade, encorajamento. Pois eles, definitivamente, me viam também. Eu não tinha idéia de quanto tempo ficamos postados ali, a uma distância bem grande. Ao final do "encontro", se apagaram, deixando uma impressão promissora.

Daquele momento em diante, não me senti mal ou solitário de novo. Sabia que estava na trilha certa, e então continuei em meu movimento. Meus "sensores radar" captaram uma espécie de "massa-de-terra" pela frente, junto com alguns vagos prenúncios de calor e luz. Ganhando maior proximidade, percebi algo sólido que se avolumava, como se estivesse me acercando de uma passagem para algum mundo de coisas tangíveis. Agora eu sentia massas sólidas em ambos os lados meus, assim como acima e abaixo. Um som distante me apanhou de surpresa. Uma corrente de água, talvez? Então flutuei através de uma caverna, na direção de um punhado de luzes fracas, que logo entraram num foco perfeito. Eu flutuava no topo de uma camada de névoa, através de uma caverna gigante de fantásticas formações de cristal. De início, elas pareciam bastante naturais, mas foram gradualmente se parecendo mais e mais ordenadamente arranjadas, como formações artificiais. Diversas luzes coloridas apareciam e flutuavam desde a miríade de superfícies. Fluxos de energia em movimento em torno delas se tornavam agora facilmente discerníveis. A caverna inteira estava viva, como se todo o complexo de cristal fosse um único ser vivo!

Ao mesmo tempo, a camada de névoa, de alguma forma, se transformara numa superfície reluzente como a de um curso de água. E esse curso corria comigo em cima dele, no sentido da distante extremidade da caverna que se estreita-

va num túnel. Minha esfera de luz agora parecia encapsulada no interior de uma bolha vagamente discernível. Possivelmente, eu estava sendo transportado para algum lugar nesse rio subterrâneo.

Logo, o rio me carregou para dentro do túnel escuro e muito comprido. Continuamos a nos mover sempre mais e mais. Finalmente vi uma tênue luz adiante, a qual deu a impressão de ser o final do túnel. Ela ficou mais brilhante e forte, dando a idéia de que chegávamos à abertura para o "mundo real" da luz do dia. Minha excitação cresceu na mesma medida que a luz, junto com a sensação de me estar tornando quase físico. A bem da verdade, eu me sentia um pouco "pesado e sólido" dentro da bolha, como se tivesse começado a dar crescimento a alguma substância física.

Então fomos propelidos para fora do túnel, para a luz ofuscante do dia, refletida num estreito rochoso. Um mundo com real aparência física, visão mais gratificante possível! Acima, um céu verdadeiro, com a total ausência de nuvem. Não havia nenhum sol em evidência, tão-pouco, apenas uma difusa irradiação vinda de cima e que sugeria o início de uma manhã, fazendo com que as formações de rocha projetassem sombras reais. Tudo se parecia um pouco terreno, especialmente em sua estranha e peculiar beleza. Tudo era tão vividamente cheio de luz, tão tocantemente exótico, como se aquilo fosse uma das entradas para o Paraíso. Até mesmo o ar tinha um odor mais rico e mais doce do que qualquer um que eu tivesse experimentado antes.

Tive uma súbita e bem-vinda surpresa: dentro de minha bolha não havia mais apenas uma esfera de luz; havia um corpo real, meu corpo – ou pelo menos algo próximo a ele. Ele se apresentava inerte, contudo eu podia senti-lo ganhan-

do mais em peso e em realidade a cada minuto. Sentia-me feliz de verdade, quase estático. Eu estava vivo, vivo!

* * *

A grande felicidade deu lugar a um luminoso contentamento, enquanto minha bolha avança flutuando. Próximo ao desaguadouro, as paredes se abriram em uma enseada de cerca de um quilômetro.

Bem à frente, a praia mais distante da enseada tinha a aparência de um campo com árvores e suaves colinas arredondadas. Atrás delas, na vasta distância, avultavam algumas montanhas incrivelmente altas, cujas partes mais elevadas se encontravam cobertas por névoas e nuvens.

À minha direita, sob um braço distante de arco-íris, as águas esverdeadas se ampliavam até o infinito horizonte de um grande mar, que acenava com os segredos de mil maravilhas e delícias.

Então tive a impressão de ouvir uma voz incorpórea, ou talvez fosse algum conhecimento instantâneo que brotava em minha mente, que eu verbalizava automaticamente, apenas por pura questão de hábito.

A voz disse:

– Viajante, bem-vindo aos reinos não-físicos. Aqui, todas as aparências são simplesmente formas de pensamento solidificadas, resultantes de um intrincado campo multifocal de conceitos-arquétipos manifestos. Sua mente de homem terreno gosta de perceber tudo isso como imagens de um mundo físico. Entretanto, seu modo de percepção de homem da Terra é igualmente válido à sua maneira; foi isso, na verdade, o que contribuiu na sua reconstrução na totalidade física após ter-se projetado para fora do túnel. Seu corpo físico dentro da *pele-fantasma* protetora está numa suspen-

são metamorfoseada, embora ele vá parecer funcionar dentro de certas maneiras familiares, as quais, em realidade, são meramente psicológicas. Portanto, tudo vai bem, e agora aproveite bastante. O grande corpo de água que você está fitando, à sua direita, é o "Oceano da Bem-Aventurança". Apenas aqueles que merecem entrar são admitidos, obtendo acesso por sob o portal do arco-íris que mantém todos os outros afastados. O curso de água à esquerda conduz aos "Sete Mares dos Segredos", para os audazes com espírito empreendedor. As montanhas distantes, já notadas por você, são para a escalada dos que desejam alcançar planos cada vez mais altos de realização cósmica. Os topos cercados de névoa atingem alturas inimagináveis, onde habitam os *Guardiães* a quem você veio encontrar, próximo ao topo do mundo ainda manifesto. Para chegar ao menos até aos pés daquelas "Montanhas de Luz", conforme as chamamos, você terá que cruzar a "Planície das Sombras", que se estende a sua frente. O tempo que será gasto ou as dificuldades a serem transpostas dependem muito mais de você mesmo. Depois de alcançar as "Montanhas", você terá que subir alguma altura, antes que os *Guardiães* possam descer até encontrá-lo. Bem, boa sorte e boa viagem! – A voz desapareceu gradualmente.

Enquanto isso, minha bolha foi empurrada até a beira da praia. Ao alcançar a orla de areia, ela se arrebentou, desaparecendo, deixando meu recém-descoberto corpo prostrado junto ao quebrar das ondas. Fiz uma avaliação daquele meu eu aparentemente "real", me dispus a ficar de pé e espreguiçar. Tudo estava perfeitamente bem e eu me sentia ótimo por inteiro.

Entretanto, inadvertidamente, comecei a sentir vontade de tirar um cochilo. A tensão e a ansiedade de minhas

recentes experiências no estado-limbo estavam provavelmente me pesando naquele instante. Ao invés de lutar contra essa reação natural, decidi dormir um pouco, psicológica ou não que fosse aquela necessidade. De modo que simplesmente me deitei na areia morna, entregue inteiramente àquele prazer, penetrando lentamente no sono...

Capítulo 11

NO REINO PARADOXAL

Despertei na praia. Parecia meio-dia. Sentia-me feliz como um milionário. Levantei-me e comecei a andar na direção oposta ao mar, atravessando a grama que ficava na parte mais alta.

Tudo parecia suficientemente sólido e real: o solo, a vegetação, meu corpo, que me fazia sentir leve e da maneira certa. A *pele-fantasma* me cobria todo, dos pés à cabeça, exceto as mãos e face, que tinham a sensibilidade normal ao toque, e que, contudo, pareciam estar recobertas por uma camada muito fina de alguma substância como verniz. Eu não sentia nenhuma necessidade física, o que me parecia ótimo. Nenhuma fome, sede ou fadiga haveria de me incomodar. Pelo que eu já entendera, se o contrário acontecesse seria apenas psicológico.

Logo alcancei a primeira linha de árvores da floresta. Distingui uma estrada poeirenta, de seis metros de largura, que levava aos bosques. A estrada se parecia com uma trilha natural com chão batido, sem nenhuma pegada ou marcas de rodas de qualquer tipo. Já que eu me dirigia no sentido geral das montanhas, as quais talvez alcançasse na metade de um dia ou algo assim, concluí que a estrada seria para mim excelente escolha.

As árvores antigas, altas, magníficas, eram provavelmente carvalhos. A fragrância era inebriante, as cercanias, algo maravilhoso. E pensei comigo que iria deparar com algumas descobertas muito agradáveis, mais cedo ou mais tarde. Não importava quando seria, pois eu não estava com pressa por nenhuma razão em particular. Eu desejava saborear aquele estado de espírito maravilhoso, aquele ambiente perfeito, pelo tempo que fosse possível. Sentia-me exuberante de transbordamento. Tudo ia bem, sem dúvida, como dissera a voz incorpórea... Eu devia ter adentrado bem alguns quilômetros por aquela floresta encantada. Não era ela um lugar comum: tudo, desde as velhas árvores nodosas até os cogumelos gigantes, exalava uma tal vitalidade, que era como se "espíritos da Natureza" habitassem neles. Até então eu não deparara com ninguém ou algum bicho. Entretanto, ouvia o trinado de pássaros e o roçar de animais nos arbustos. A julgar pela luz que se filtrava através da folhagem, deveria ser já o final da tarde quando, ao descer de uma elevação, atingi enorme clareira.

Não podia acreditar no que meus olhos viam! Vi um perfeito cenário de livro de estórias, um sonho de criança que se tornara real: um círculo de pequenos gnomos dançava com roupas engraçadas, à beira de um povoado miniatura, com pequenas casas charmosas feitas como bolo caramelado. No interior do círculo, um grupo de três fadas saltitava em volta, alegremente. E todas as criaturas cantavam, com voz miúda como a de crianças.

Mas que loucura; alguém deve estar me pregando uma peça – pensei. Contudo, interrompi minha descida na encosta, ficando oculto por trás do tronco da última árvore grande. Observei a cena detalhadamente, para detectar inconsistências numa possível armação ou alucinação. Porém, tudo

parecia autêntico e perfeitamente real. As pequenas criaturas pareciam estar se divertindo muito, comportando-se como um bando de crianças com seus pulinhos de jardim-de-infância.

Finalmente, decidi me movimentar. Afinal, eu não podia ficar ali simplesmente por toda uma eternidade, e já era quase o crepúsculo. Então, me adiantei, andando até a clareira. O efeito de meu movimento foi devastador. O bando inteiro se dissipou aos gritos e correu para se proteger. O lugar ficou deserto num piscar de olhos. Caminhei através da clareira e do povoado de uma dúzia ou mais de casas de tamanho próprio para anões... Nenhuma alma à vista. Apenas um gato, com cara esquisita, empoleirado em seu assento bem alto junto a uma casa de árvore, mostrou os dentes para mim. Obviamente, nenhum deles queria se comunicar comigo. Ou talvez me confundisse com algum monstro terrível, quem sabe? De qualquer maneira, a luz do dia rapidamente se dissipava, de modo que retornei à estrada poeirenta e voltei a caminhar.

* * *

A escuridão desceu, a floresta ficou silenciosa. O ar estava cada vez mais frio. Entretanto, não senti nenhum desconforto, de qualquer espécie, e também não estava cansado. Uma vez que ainda conseguia distinguir os limites naturais da estrada, para caminhar sem tropeços, decidi continuar.

No que pareceu algumas horas mais tarde, cheguei a uma bifurcação. Quando comecei a andar para a direita, dois olhos enormemente grandes piscaram próximo a minha cabeça. Ao mesmo tempo, um pio agourento e lúgubre me fez dar um pulo de medo! Coruja doida; ela deveria levar uma

surra para não atemorizar pobres caminhantes como eu. De qualquer forma, o encontro mexeu comigo, e assim decidi trocar de estrada, indo pela esquerda. O amigável estado de espírito da floresta desaparecia; agora tudo parecia malevolente e ameaçador, com coisas horríveis se arrastando na escuridão.

Logo encontrei outra clareira e nova surpresa: um castelo mal-assombrado se erguia por sobre uma colina, a poucas centenas de metros. Torres laterais escuras se projetavam sombriamente contra um céu iluminado pelo luar – porém sem nenhuma Lua visível. A estrada conduzia, correndo por sua borda, a um precipício escuro que exalava um cheiro ruim de enxofre, vindo de suas profundezas encobertas. Bom lugar para se visitar – fiz mentalmente a observação. Não muito longe, uma ponte coberta passava por sobre o precipício.

Decidi subir e ver o castelo bem de perto. Ao ensaiar alguns passos ao longo das tábuas rangentes da ponte, tive uma premonição assustadora de algo terrível que estava para acontecer. Mas mantive o passo sem dar importância, avançando pela estrada cercada de árvores do outro lado.

Ao passar da primeira virada da estrada estanquei, gelado de medo. Ouvi, de maneira distinta, o tropel das patas de um cavalo que rapidamente se aproximava vindo da direção do castelo. Então uma coisa horrível saltou à vista, carregando sobre mim: um cavalo a galope, com um cavaleiro sem cabeça, que se agitava loucamente! Pulei para o lado, mas tropecei em meu súbito pânico. Pelas barbas do demônio; que estava acontecendo por ali? Me encolhi à magem da estrada, com verdadeiro pavor. O cavalo passou como um trovão, trepidando através da ponte. Ao chegar ao outro lado,

voltou-se e se elevou, como se estivesse pronto para despencar de novo num outro passe ou para um golpe fatal.

Tenho que lutar! E depressa tomei como bastão o galho de uma árvore caída. Quando ele se soltou, notei que sua extremidade tinha o brilho luminescente de uma substância fosfórea da vegetação que apodrecia. Isso me deu uma idéia extravagante, desesperada: talvez eu devesse fazer alguma assombração própria. Às pressas, esfreguei a substância fosfórea no corpo e nos ombros, fazendo listras compridas, para ficar mais ou menos parecido com um esqueleto. Então, ouvi o cavalo se precipitando de volta através da ponte. Pulei no meio da estrada no momento exato, gesticulando loucamente com o bastão de ponta luminosa. O cavalo, que vinha em plena carga, passou e levantou as patas, relinchando de terror. Voltou-se e fugiu, enquanto seu cavaleiro foi jogado direto sobre a margem da estrada. Quando aquele horror sem cabeça se aprumou, pondo-se de pé, para correr para dentro de uma moita, as dobras de seu hábito se abriram parcialmente e captei a visão de uma figura humana, perfeitamente completa, com a cabeça, usando uma *pele-fantasma* igual à minha. Me enchi de raiva: que brincadeira pretendia aquele bastardo? Por que haveria um companheiro de viagem, presumivelmente da mesma espaçonave, de querer fazer uma piada de mau-gosto comigo?

Mas não havia tempo para refletir acerca da perversidade de um suposto companheiro de viagem, pois certa quantidade de morcegos, uivando loucamente, começou a me atacar. Alguns eram tão grandes que teriam que ser vampiros. Mergulhei entre os arbustos, tropecei e caí. Então escorreguei e rolei, sem apelação, pela descida de alguma escavação sem fundo.

Descobri que estava num pântano fedorento, coberto de lodo, tentando descobrir um caminho. Me dei conta de que perdera inteiramente a compostura: estava jogado num pântano coalhado de montros bestiais de outros mundos. Do pouco que podia captar dentro da escuridão, senti que havia provavelmente muitos crocodilos e diversos répteis gigantes em volta, ou pelo menos assim julguei, pelas horrorosas formas que se erguiam e chapinhavam desconfortavelmente perto de mim. "Bem-vindo ao mundo-dragão", pensei tristemente. Que estória era aquela na qual me metera? Teria que ser algum engano, pois aquilo, por certo, não era um mundo não-físico! Tudo tão sólido e malcheiroso...

Infelizmente, nem tudo era tão sólido assim. Para piorar um pouco as coisas, a árvore que parecia segura e na qual eu agora me firmava mostrou-se como sendo parte de uma pequena ilha flutuante, que se arrastava comigo para a parte mais aberta do pântano. Eu apenas esperava que nenhuma fera enlouquecida viesse me esmagar ou me engolir, antes que chegasse a luz do dia e eu pudesse encontrar um caminho de volta para a terra seca.

Algum tempo depois, quando já quase me aproximava de uma exaustão nervosa, um barco primitivo, iluminado por difuso lampião, emergiu vindo de algum lugar, conduzido a remo por uma dúzia ou mais de selvagens cabeludos, em trajes da Idade da Pedra. "Estes pelo menos têm a forma humana", pensei, enquanto eles me recolhiam, sem nenhuma cerimônia, em seu barco. Perguntei-me, entretanto, se eu estava sendo realmente resgatado ou apenas sendo apanhado para ser cozido no almoço. Muitos quilômetros depois, alcançamos uma praia segura e saltamos. Fui escoltado para uma grande clareira rochosa, próximo às ruínas do que fora então um poderoso templo pagão, escavado na encosta de um

morro. O lugar estava cheio de gente primitiva, dançando e cantando em torno de enorme fogueira. Aparentemente, realizava-se alguma festa. Eles me fizeram sentar numa pedra, como um banco comprido, em meio a uma dúzia de garotas de belas formas, quase nuas. Parecia que eu me tornara o convidado de honra.

Foi ficando claro que eu naquele momento participava de um ritual de fertilidade: os movimentos e os gestos eram inconfundíveis. Diversas beldades se aglomeraram à minha volta, enquanto uma delas, mais insinuante, executava uma dança enfeitiçada bem diante do meu nariz. Aquele agradável desejo primitivo me pegava por dentro. Sei que era chamado a participar realmente a sério. Perguntei-me se seria capaz de funcionar daquele jeito, enquanto estivesse envolto por minha grossa *pele-fantasma*.

Bem, não chegaria jamais a descobrir, pois uma dramática ocorrência decompôs a cena de forma bastante rude. Tremores de terra começaram a sacudir o solo violentamente e os bárbaros fugiram a toda pressa. Eu saí chispando como um raio, em busca de algum lugar mais alto, subindo a colina sem parar. Logo perdi todos de vista; até mesmo os tremores ficaram para trás. Mesmo assim, continuei correndo, pelo menos para manter uma margem de segurança...

* * *

Contornando um rochedo, desci, quase num mergulho, um precipício inclinado. Ofegante, deparei, de pé sobre a borda, com uma cratera fantasticamente larga – dentro da qual brilhava, por quilômetros, um enxame de todos os tipos de luzes elétricas! Eu me encontrava perplexo diante da visão noturna de um gigantesco espaçoporto. No chão da cratera se agitavam alegremente figuras em torno de mul-

tidões dos mais variados engenhos espaciais. Na distância, via-se a silhueta de torres e estruturas futuristas de uma cidade espacial. E a área inteira da cratera gigante era coberta por um domo, feito de material transparente, como se fosse vidro.

Eu estava realmente espantado. E emocionado também. Porém, mais ainda confuso por causa de todos aqueles ambientes contrastantes existindo lado a lado. Dessa vez eu estava determinado a me deter no lugar por tempo suficiente para tentar entender o sentido de tudo aquilo. Eu queria respostas para os quebra-cabeças e desventuras de minha pobre pessoa no curso daqueles eventos. Assim, decidi descer até o espaçoporto e tentar me comunicar com seu pessoal!

Me adiantei, a passos rápidos, ladeira abaixo. Nem sequer parei para pensar em algum possível campo de força que o domo pudesse encerrar, até que com as fagulhas voando e o ar brilhando em torno de mim, de algum jeito, consegui passar. Não fora afetado, de forma alguma, o que também era enigmático. Sentia-me tão normal quanto Frankenstein, e talvez eu até estivesse com a cara dele. Sons metálicos agudos começaram a correr pelo ar e homens uniformizados saíram aos montes, de um prédio, correndo em minha direção. Obviamente, minha entrada fizera soar o alarme, alertando os guardas, que se fecharam em torno de mim, em semicírculo; sem nenhum preâmbulo, dois deles começaram a atirar um feixe de alguma energia em cima de mim. Experimentei uma breve irradiação e calor em torno do peito; em seguida a descarga cessou, deixando-me sem me afetar. Então mais quatro guardas atiraram-me jatos ininterruptos. Novamente fiquei brilhando, mas não houve qualquer efeito sobre meu corpo. Ao invés disso, os quatro caíram se contorcendo no chão, como se seus feixes tivessem

se revertido. Os guardas restantes ficaram confusos, se consultaram murmurando baixo, e em seguida recuaram e esperaram.

Logo, três veículos, como *bulldozers*, se projetaram em cena e me encerraram num cerco. Um deles simplesmente me suspendeu em suas garras mecânicas e em seguida saiu correndo comigo, como se eu fosse seu troféu, através do campo de forças que eu atravessara. Ele então correu ladeira acima, para além da borda da cratera, e assim continuou sem parar. Aquela viagem esquisita custou um bom tempo porque eu vi o dia nascendo enquanto ela durou. A máquina continuou correndo quilômetros e quilômetros pelo deserto desolado adentro, até que finalmente me descarregou sem cerimônia, e se pôs a correr pelo caminho de volta...

* * *

Eu estava aliviado, ainda que me sentindo enganado muito mais do que antes, diante de todos aqueles loucos acontecimentos. Sentia que meu corpo estava intacto e, de verdade, relativamente descansado. Já que não tinha nada melhor que fazer no momento, comecei a caminhar sobre a terra desolada. Não havia marcas de terreno que eu pudesse seguir; todavia, eu não estava contrariado pelas condições do deserto. Tinha a impressão de que acabaria chegando a algum lugar ou que tropeçaria em alguma outra surpresa desagradável. Eu esperava estar me dirigindo no sentido geral das montanhas, embora não houvesse modo de assegurá-lo. A visibilidade não alcançava muito longe, pois o horizonte estava ou com névoa ou com poeira demais.

Continuei andando dessa forma por todo o dia, sem qualquer diferença significativa na terra. Estranhamente, não senti nenhum desconforto, a respeito do mortífero calor

do meio-dia. Contudo, ao final da tarde, fiz uma parada pelo simples capricho de fazê-la, para me sentar e esticar, embora não houvesse necessidade. Decidi que precisava de algo definido para tomar como objetivo e que não me proporia ficar rodando indefinidamente. Com isso, tirei um cochilo e me senti tremendamente reanimado.

A luz do dia já se tinha ido, quando acordei. A paisagem parecia como se suavemente iluminada pelo luar, embora não houvesse nenhuma Lua em evidência. A visibilidade melhorara enormemente e o horizonte tinha se ampliado consideravelmente. A cerca de oito quilômetros havia montanhas que podiam ser avistadas de altos cumes. Tipicamente no meu caso, eu devia ter andado paralelamente a elas durante todo o dia. Isso não me surpreendeu, pois no fundo eu suspeitava de alguma estranha coincidência como aquela. A bem da verdade, eu começava a formar uma vaga idéia acerca do que aquela excursão ao "plano das sombras" dizia respeito.

Levantei-me e caminhei mais próximo das montanhas. Logo, dei com algumas formações naturais de pedras e arcos gigantes. A paisagem inteira era tão encantadoramente maravilhosa que fiz uma parada na entrada de um *canyon* bastante inclinado em meio à enormidade dos rochedos. Eu desejava apenas me demorar um pouco e curtir a mágica qualidade do cenário, como um incorrigível romântico que sou. Além do mais, não estava com nenhuma pressa de chegar a qualquer lugar em particular... Com o que me sentei em um montículo, e ali, sentado, fiquei, naquela magnificamente silenciosa e desolada porção da Criação. Eu gostava dali. Obtive grande paz, que se apoderou de mim naquela solidão. Incompleta, todavia, pois após um tempo comecei a perceber presenças intangíveis em torno de mim, sentindo

que havia olhos curiosos à minha volta. Umas duas vezes cheguei mesmo a pensar ter visto relances fugidios de movimentos na periferia de minha visão. Eu sabia que algo estava a caminho, pois meus sentidos afinados com precisão eram agora capazes de captar não apenas o que fosse curioso e amigável, mas igualmente algumas daquelas vibrações decididamente malevolentes e intrigantes. Mas eu não deixava que "eles" me incomodassem, quem quer que "eles" fossem. Além do mais, eu certamente não desejava me deixar levar de novo a nenhuma outra aventura infeliz com tanta facilidade...

* * *

A aurora irrompeu com um esplêndido desfile de cores. Fui tocado pelo encanto mágico de sua glória até o fundo da alma.

Levantei-me e perambulei pelo *canyon*. Depois de oito quilômetros para dentro, ele terminou num beco sem saída. As paredes eram superfícies de rocha vermelha intransponivelmente verticais. Tive que refazer meus passos até uma seção de parede mais promissora com rachaduras e beiradas. Comecei a escalar pacientemente. O que requeria muita habilidade ou era quase impossível, e me fez gastar a maior parte do dia para alcançar o platô a mais de mil metros de altura. De lá contemplei uma montanha de enorme altitude acima de mim, cujo cume se encontrava coberto pela névoa. O platô terminava numa queda abrupta até um grande *canyon*. O fundo não podia ser visto. Maravilhei-me diante do deslumbrante *canyon* de pelo menos um quilômetro e meio de largura. Infelizmente, essa enorme garganta se atravessava em meu caminho para a elevada montanha. Entretanto, era essa montanha que eu tinha que alcançar;

isso me parecia positivamente claro. Olhando para um ponto que estava pelo menos a uns mil e poucos metros de altura acima de mim, percebi uma fachada com terraços e torres encravada na encosta da montanha, que sugeria uma fortaleza ou um monastério. Havia, inclusive, uma estrada que conduzia até lá, do outro lado. E aquele lugar era meu destino, podia senti-lo até os ossos. Se eu pelo menos fosse capaz de atravessar para o outro lado de alguma forma...

À minha esquerda, o *canyon* parecia se estreitar. Assim, caminhei naquela direção por diversos quilômetros, até um ponto onde a montanha estava no máximo a algumas centenas de metros. Havia até mesmo um promontório que se projetava um bom pedaço sobre o abismo, no qual não resisti continuar caminhando – até chegar à sua extremidade.

Infelizmente, meus passos devem ter desfeito um delicado equilíbrio das formações de rocha soltas: a ponte do promontório por trás de mim ruiu e caiu ruidosamente no abismo abaixo! Essa ocorrência me deixou preso no topo de um pináculo de rocha agora inteiramente isolado, a centenas de metros tanto do platô quanto da encosta da montanha...

Um obstáculo dos mais ridículos! Fiquei a ponderar por horas e horas, mas não conseguia descobrir o jeito de sair dali. O monastério e sua estrada estavam a muitos quilômetros fora do alcance da vista para alguma esperança remota de ajuda. Nada se agitava em nenhum lugar, talvez nada se agitasse por milhares de anos. Deitei-me de costas, fitando o céu sem sol, sem nuvens, como se esperasse por alguma resposta. Não demorou, fui arrastado para o estado de sonho. Fiquei entregue ao sono por algum tempo, acordando no meio da noite. O dia veio, e lentamente foi se tornando tarde. Eu estava ficando realmente deprimido. Me dei conta de que poderia ficar ali, sentado, por toda uma eternidade, a não

ser que enlouquecesse antes disso, é claro. Aquilo parecia um destino muito pior do que morrer de verdade ou do que o estado de limbo "sem ter morrido"...

* * *

Então senti uma ligeira centelha de esperança. Vaga idéia lentamente tomava forma em minha cabeça. Não muito antes, naquela viagem, uma vez, saí do limbo absoluto para a total reintegração. Assim, por que não poderia eu tentar reverter o processo e ver se existia uma maneira de escapar, de uma outra forma que não física, de meu obstáculo? Afinal, toda aquela paisagem era, por suposto, formas de pensamento, apenas...

Assim, sentei-me numa postura relaxada de meditação, fechando os olhos ao mundo, suspendendo todas as impressões dos sentidos. Essa parte foi fácil, mas acalmar a agitação em minha mente era algo diferente. Quando, finalmente, cessaram meus pensamentos, novamente vinha chegando a noite. Por uns momentos, fiquei a olhar para a serena paisagem noturna, a qual fora eventualmente responsável pelo meu relaxamento. Decidi dar um intervalo em minhas preocupações, e apenas desfrutar do poético cenário por aqueles breves momentos.

Após algumas horas de preguiçosa observação de nada em particular, minha visão foi ficando borrada de uma maneira como um sonho. Isso fazia que me sentisse muito bem. Não havia praticamente nenhum pensamento em minha mente. E então, de súbito, aconteceu espontaneamente! Vi-me flutuando no espaço negro, com apenas um pálido fulgor amarelo emanando de meu centro. Ainda que vagamente discernível, eu era capaz de perceber pilhas enormes de alguma substância cinzenta suja com aparência de tor-

rões de açúcar, encharcada com uma fumaça congelada. O fulgor amarelo esmaecido que vinha de mim mesmo estava em cima desses "torrões de açúcar". Aquilo era provavelmente a forma-pensamento equivalente do pináculo de rocha sobre o qual eu estava preso. As formas empilhadas, atravessadas à minha frente, deviam representar as massas da montanha.

Estranhamente, não cheguei a ficar excitado por causa da descoberta. Minha consciência se sentia tão remota, como se fosse a de uma outra pessoa que não eu. Desapaixonadamente, "desejei" que aquele meu fulgor difuso se focalizasse num único feixe, que eu pudesse dirigir através do abismo. Mas, depois de umas poucas tentativas, infrutíferas, tudo que consegui foi ter "estendido" algumas linhas ondulares de demarcação vagamente perceptíveis. Elas nem mesmo chegaram a parecer convincentes para o que eu tinha em mente, de modo que desisti de tudo, desgostoso. Embora as linhas parecessem se solidificar através do abismo, elas eram apenas um emaranhado irregular e frágil de coisa nenhuma. Abandonando toda a cena de limbo, decidi sair daquele estranho estado, voltando minha ação para o mundo de superfície.

Ao abrir os olhos, vi que algo inacreditável acontecera! Na realidade física, havia um emaranhado de cordas rudimentares que se atravessava até o outro lado do abismo, semelhando uma ponte primitiva! Obviamente, aquilo era produto de minha forma-pensamento solidificada, agora com as extremidades firmemente entranhadas, como se estivessem fundidas na pedra. Levantei-me para testar o dispositivo de corda, dando puxões e torcendo: tudo era bem real e forte.

Tremenda euforia me tomou. Além de ser capaz de escapar, eu estava profundamente abalado pela prova do processo de formação do pensamento, e com o triunfante resultado de meu rude esboço naquele processo.

Então, sem mais nenhum retardo, agarrei-me àquele arranjo balançante e retorcido de ponte, da melhor forma que pude. Engatinhei e me esforcei através do abismo, logo alcançando uma prateleira no outro lado. Senti um alívio quase histérico, que lentamente se dissipou. Lancei um último olhar de despedida ao solitário pináculo de rocha de onde conseguira escapar miraculosamente, e então voltei toda minha atenção para diante.

Um súbito movimento me atraiu a atenção. Para grande surpresa minha, uma borboleta gigante ganhava altura vindo das profundezas do *canyon*, e continuou voando para o alto, ao longo da face da montanha. Logo estava fora do alcance da minha vista, se afastando bastante do lugar onde eu estava. Seu corpo era do tamanho de uma pessoa e de forma humana, decididamente feminino em sua aparência. Além disso, estava trajando uma *pele-fantasma*, igual à minha. Mas, diferentemente de mim, e sendo uma companheira de peregrinação mais esperta, ela preferira voar do que escalar. Por que não pensara eu naquilo?

Comecei a andar pela estreita borda de rocha na direção do monastério. Alguns quilômetros adiante, alcancei a verdadeira estrada que ziguezagueava. Depois de curvas e mais curvas intermináveis, a estrada eventualmente deixou-me aos pés de uma escadaria escavada na encosta da montanha. Finalmente! Meu pulso se acelerou e dei os primeiros passos pela escadaria de pedra: sabia que estava muito póximo de meu destino...

Capítulo 12

TRANSCENDÊNCIA

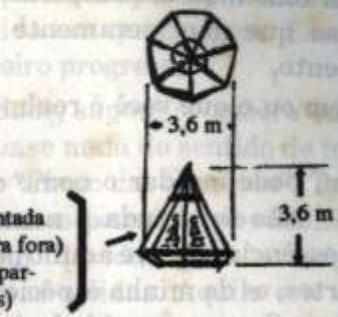
Após longa subida pela escadaria, cheguei a um terraço em forma de Lua crescente. No lado oposto havia uma ampla abertura de portal na parede da rocha. Era já o final da tarde, quando, pela última vez, lancei o olhar para o *canyon* abaixo.

Então atravessei o portal, para uma passagem iluminada por tochas que me conduziu a uma câmara circular de pedra. Ali, a passagem se desmembrava em sete direções diferentes. Ao longo de uma seção de parede da câmara, havia cinco poltronas antigas em frente a uma lareira que queimava lenha. Por alguma razão achei que a cena inspirava certa reverência.

Uma figura humana solitária, num hábito de monge, levantou-se da cadeira onde estava e se voltou em minha direção. Havia um tal ar magnificente de solenidade em torno dela, que chegou a fazer correr um arrepio pela minha espinha. Eu sabia que estava em presença da grandiosidade. Então o ciupelo da figura sacerdotal ca, revelando uma face familiar, todavia, com uma espécie não-familiar de aura de santidade, que me chocou até os ossos. Senti-me perplexo: o homem era Quentin!

Ficamos ali de pé em silêncio por bons momentos. Finalmente, ele falou, com um sorriso caloroso:

NAVE ETÉRICA "DIAMANTE"



– Bem-vindo, peregrino! Eu sabia que você não me faria esperar por muito tempo.

Saí de minha surpresa desconcertada, começando a tagarelar sobre todo tipo de coisas, mas principalmente questões.

Ele levantou uma das mãos, como se para barrar o dilúvio de minhas palavras.

– Uma vez que você alcançou a última estação de sua viagem, posso lhe dizer: você tinha como destino chegar exatamente a este lugar; a bem da verdade, todos vocês, os sete peregrinos.

– Suspeitei de algo assim. – Não pude evitar a observação.

Sentamo-nos nas velhas poltronas, voltados em parte para o fogo amigável. Quentin continuou:

– Para aqui recebê-lo, cheguei muito antes, porém de um modo diferente do seu. Não preciso, por exemplo, de veículos espaciais. Para mim é melhor viajar dentro do "modo-espectral" – quer dizer, numa forma transmutacional. Esse modo, aliás, era conhecido por alguns indivíduos, ligados às antigas escolas de mistério da Terra.

Engoli todo meu ar. Suspeitava de que ele era alguma outra coisa que não meramente humano, conforme meu conhecimento.

– Quem ou o que você é realmente? Alguma espécie de anjo?

– Bem, pode me dar o nome que quiser. – Respondeu Quentin. – Não se prenda a nomes ou frases, entretanto. Apenas a essência conta, e aquilo pelo qual ela vale. Todavia, nessas partes, os da minha espécie são chamados de *Viajantes Cósmicos*. Sou uma entidade de livre curso, trabalhando voluntariamente para o *Conselho dos Guardiães* como uma espécie de agente itinerante através de diversas dimensões e universos. Minha atribuição no momento foi a de ser seu guia desde seu primeiro encontro com uma nave e depois de trazê-lo até aqui em pessoa eventualmente, junto com seus outros seis companheiros de viagem.

– Todos os outros estão aqui? E quanto àquela mulher-borboleta?

– Mais dois outros estão para chegar ainda. Sim, aquela mulher terrena já chegou a este lugar. Ela foi notavelmente inventiva com aquela modificação de sua figura através das formas-pensamento. A propósito, ela é humana, assim como você. Algum dia provavelmente seus caminhos se cruzarão, talvez desconhecendo inteiramente o fato de terem sido uma vez companheiros de jornada. Considero essas surpresas e misteriosas "coincidências" muito agradáveis. – Quentin deixou escapar um sorriso divertido.

– Por que todas essas charadas e mistérios? Certamente que você poderia ter-me trazido aqui de uma maneira muito mais simples.

– Tal como em uma viagem escoltada, primeira classe? Não, dessa forma você aprendeu mais por si próprio. Não há

nada que substitua a experiência pessoal, e a solução pessoal dos problemas na medida em que surgem. Esse é o único caminho para o verdadeiro progresso.

– Isso é a pura verdade, suponho, embora eu não tenha conseguido entender quase nada do sentido de minhas desventuras lá embaixo no "Plano das Sombras". Tudo, supostamente, eram meras formas-pensamento solidificadas; contudo, aquilo tudo, sem dúvida, dava a impressão de realidade física de pedras sólidas. Aquilo era verdadeiramente real, ou não?

– Na realidade absoluta, uma paisagem em branco existe aqui como pura forma-pensamento, que seu ego deseja perceber como impressões dos sentidos análogas às terrenas. Bem, essa forma em branco básica é constantemente modificada através das configurações de analogias de alguém. Isso pode ser algo que você mesmo construa, ou você poderá estar entrando na "viagem" de alguma outra pessoa – desde que você entre em ressonância e ofereça resposta subconsciente. A cena das fadas dançantes era uma construção de pensamento de um outro companheiro de jornada, a qual você desmontou inadvertidamente. Na cena do castelo, você compartilhou temores mútuos com um companheiro a quem você tomou por uma criatura horrenda. O pesadelo do pântano foi unicamente o produto de seu subconsciente terrivelmente reprimido. A cena do ritual de fertilidade era uma forma-pensamento há muito abandonada e já apagada, porém sua vigorosa ressonância intensificada conferiu-lhe nova vida – entretanto, suas dúvidas e sentimentos de culpa precipitaram o rompimento da cena, fazendo aparecer um terremoto. O oposto ocorreu no deserto, onde você preferiu não responder a várias materializações potenciais. O espaçoporto foi uma construção de pensamento muito forte e

ativa, imposta por um grupo de mentes rebeldes que você não poderia modificar de maneira alguma, e eles, por sua vez, não poderiam modificá-lo tão-pouco; a única solução era sua remoção de corpo inteiro. Bem, em cada uma das cenas sua psique respondeu de modo diferente, e previsivelmente no que diz respeito a seu caráter. Algumas vezes você foi uma vítima completa, outras você foi abertamente agressor e alterou toda uma cadeia de eventos preestabelecidos. Todas essas cenas serviram como situações-teste para o aprendizado de seu presente estágio de evolução através de suas capacidades e engenhosidades; o que foi aprendido pelos *Guardiães*, e, esperamos, por você também. Você e seus companheiros de jornada vieram, cada um, em seu próprio ritmo, estruturando cada qual seu próprio tempo na forma de "dias" e "noites", devido puramente ao hábito, experimentando aventuras peculiares concebidas por suas próprias psiques. As reservas de energia disponíveis para sustentá-lo dentro da alta taxa vibracional requerida chegaram aqui à exaustão, e assim sua visita teve um ponto final. Você poderia interrogar por que todos terminaram precisamente aqui no "mesmo lugar" e no "mesmo tempo", a despeito das amplas variações individuais em direções e durações aparentes. Bem, os fatores de tempo e lugar não são relevantes nessa dimensão. Nesse caso, o fator comum é o compartilhar preestabelecido de um evento que serve como "centralização" e "sincronização" aqui.

Uma idéia singular me cruzou a mente: se o tempo ordinário não era relevante ali, então alguns de meus companheiros de jornada tinham vindo talvez de um período de tempo de até mesmo anos antes ou anos depois que aquele meu verão de 1975!?

Quentin continuou sua explanação:

– Esta é portanto uma dimensão sem tempo e sem espaço. Entretanto, um certo tempo biológico efetivo passou-se para você, embora tenha sido de uma duração muito curta, devido à razão de conversão da diferença vibratória de grau superior. Quando você tiver retornado para a *Barreira do Caos* e para a *Nave-Fantasma*, em relação àquele ponto, nem sequer uma hora terá se passado entre seu lançamento e seu embarque de retorno. O evento coletivo para o qual você veio até aqui está para começar. Outros igualmente estarão presentes. – Quentin apontou para umas roupas embrulhadas atiradas sobre uma cadeira. – Por favor, ponha um hábito, e em seguida, me acompanhe. Os outros estarão vestindo hábitos similares.

Vesti um hábito cinzento e puxei o capuz para cobrir a cabeça, conforme ele indicara. Então, Quentin tirou a tocha da parede e me fez menção para segui-lo. Passamos através de um portal, no meio, que conduzia a um emaranhado de passagens. Segui-o pelos calcanhares, enquanto ele incansavelmente, com passos seguros, percorria um caminho sinuoso através do labirinto. Durante todo este tempo nosso caminho subia, cada vez mais alto, porém ainda dentro do ventre da montanha. Devíamos estar a bem mais que um quilômetro de altura acima do nível da câmara circular, quando vi uma luz adiante. Aparentemente, nos aproximávamos de uma saída. Então, Quentin falou pela primeira vez desde que nos introduzíramos no labirinto.

– Estamos perto de chegar à superfície que dá para o *Jardim*. Tal se dando, os acontecimentos terão sentido por si mesmos, ou antes, sua mente obterá diretamente as respostas para as questões relevantes. Isso acontece por uma lei natural nesse plano mais alto, o qual coincide com

o plano mais baixo que os *Guardiães* podem descer em sua totalidade.

Púnhamos os pés sobre um terraço aberto, no momento em que Quentin me fez sinal para me adiantar, enquanto continuava a falar comigo.

– Este é o *Jardim* onde o evento a ser compartilhado, chamado *Festival* deverá acontecer. O *Festival* ocorre apenas duas vezes a cada cem dos anos de vocês. Ele é celebrado em muitos círculos, até mesmo em sua distante Terra, de onde, entre os participantes, alguns poucos estarão aqui brevemente, num modo "fora-do-corpo". Agora vá e se associe a todos os outros, que aqui estão em suas totalidades "corpóreas", assim como você. Vá até lá, e aproveite bem!

* * *

Uma vista de tirar o fôlego se apresentava diante de meus olhos incrédulos. Eu estava num terraço de chão de mármore, em meio a pilares gigantes, primorosamente esculpidos. A vista do terraço dava para um vale fértil, aninhado entre picos de montanhas que penetravam em alturas invisíveis. Até onde alcançariam aqueles picos? – Eu me perguntei. Sob mim se estendia um platô elevado e na forma de crescente. Ele tinha algumas centenas de de metros largura, e uns três quilômetros de comprimento; algo como se fosse um jardim botânico, cheio de incrível variedade de flores e arbustos. A suave fragrância que me atingia as narinas era indescritivelmente deliciosa, o ar rico em ozônio decididamente estonteante. Tudo parecia ter uma tal quantidade não-terrena, inimaginavelmente soberba. "É assim que deve ser o céu" – pensei comigo. Um contraste bastante dramático com a proibitiva aridez do *canyon* e com o labirinto subterrâneo que eu acabara de deixar.

Larga série de degraus de mármore descia para um outro terraço, que se abria em variegadas passagens e escadarias, conduzindo ao platô na forma de crescente do *Jardim* propriamente dito. E havia centenas, talvez mesmo milhares, de pessoas em hábitos de monge lá embaixo sentadas em bancos ou esticadas sobre porções gramadas. Num semicírculo acima do platô do *Jardim*, as encostas de montanhas estavam literalmente juncadas de vários terraços similares àquele no qual eu me encontrava, alguns com figuras solitárias descendo a escadaria.

Já que a luz do dia rapidamente se transformava em crepúsculo, decidi me movimentar. Voltei-me para falar a Quentin – mas ele se tinha ido; simplesmente desaparecera de vista. Assim, isoladamente, comecei a dar os primeiros passos para descer a escadaria de mármore, como se descesse uma vibrante Acrópole dos tempos antigos. Sentia-me extremamente eufórico, cheio de alegres expectativas.

Ninguém falou comigo enquanto fui percorrendo o *Jardim*, até o lado distante do platô. Lá chegando, sentei-me numa parte inclinada coberta de grama e com uma esplêndida vista em torno. As pessoas estavam voltadas para si, e contudo eu me sentia como amigo e à vontade com elas. A noite caía no vale; a escuridão começou a envolver a crista de montanha oposta e os picos cobertos de névoa.

Com a escuridão, pontos mínimos de luz numa fila ordenada apareceram, descendo pela crista das montanhas. A visão era a de uma procissão de monges com tochas. Solene, porém calorosa, soando como um coro pentatônico vindo direto do céu. Meu ser inteiro se enchia de paz, solenidade e reverência.

Nesse momento, esferas de luz de cor pastel, suavemente radiosas e vibrantes, apareceram nos terraços dos pilares,

como se fossem sentinelas. Havia cerca de cinqüenta delas, todas entidades vivas e poderosas. "Os *Guardiães* estão aqui!" Eu ouvi um excitado "murmúrio telepático" que correu através da multidão reunida. Portanto, aquelas formas não-físicas tão extraordinárias constituíam o grande *Conselho dos Guardiães!*

O ar acima do vale lentamente se enchia de milhares e milhares de minúsculos pontos de luz, que faziam com que a negritude cintilasse por todos os lados. De alguma forma, eu sabia instantaneamente que aquilo eram, na verdade, consciências vivas viajando em algum modo astral, que estavam sendo magneticamente atraídas para aquele evento profundo, enquanto seus corpos se achavam muito distantes em todos os tipos de dimensões. Esporadicamente, alguns poucos pontos de luz muito mais intensos ficavam piscando e escorrendo desde algum lugar bem acima, como se fossem aeronaves se preparando para pousar, em sua abordagem final num aeroporto movimentado. Aproximando-se, suas esferas de luz pareciam tão fortes quanto as dos *Guardiães*, porém com matizes diferentes. Elas não pousavam, apenas mantinham-se pairando baixo sobre a cena. Outra vez, de alguma forma, eu sabia sem nenhuma dúvida: aqueles eram os *Viajantes Cósmicos*, as entidades de livre curso que percorriam o cosmos multidimensional em suas missões individuais, como "agentes de campo" para o *Conselho dos Guardiães*. Aqueles *Viajantes Cósmicos* apareciam desta vez como puras formas-energia, mas eles eram capazes de assumir outras formas para se adequarem a papéis específicos. Como o fizera Quentin! Senti-me possuído por grande reverência, simplesmente com a mera sugestão a respeito de qual era a real natureza deles!

A essa altura, o estilo da música se modificara drasticamente: de uma só vez ela soava como se estivesse vindo de todas as direções e de diversas formas diferentes, e no entanto todas se mesclavam num todo harmonioso. Então, subitamente, veio-me a compreensão: na verdade eu ouvia, ampliadas, as intercomunicações ultra-rápidas vindas de todos os *Guardiães* e *Viajantes* de uma vez, indistinguíveis para meus ouvidos como canais individualizados, mas se fundindo no que soava como uma sinfonia multiorquestrada. Em essência, eu percebia que a "sinfonia" consistia em relatos, locuções individuais, trocas de impressões a respeito do estado de mundos distantes, celebrando aquela comunhão com grande alegria e exuberância. Muito emora o que eu captava fossem meramente resíduos, ainda assim me traziam a sensação de ondas de profunda felicidade e familiaridade que me varriam. Mesmo os pontinhos cintilantes de consciência dos participantes corporeamente afastados pareciam dançar numa espécie de ritmo festivo.

Nesse momento toda a encosta das montanhas elevadas começou a se iluminar, como se estivesse banhada nos raios dourados de um Sol nascente. A luz se espalhou rapidamente para o alto, alcançando alturas vertiginosas, revelando assim muitos agrupamentos fulgurantes de palácios cheios de sonho e pináculos de douradas cidades ancestrais. Uma revelação visual bastante dramática, uma real paisagem de um outro mundo de graça e beleza etérica! Então, provenientes das vastas alturas distantes, sete possantes seres cheios de força de diferentes tonalidades se aproximaram lentamente. Suas ofuscantes e sublimes auras eram como uma série de majestosos cometas, que percorriam todas as cores do arco-íris. Mais uma vez, sem sequer formular a questão, eu já tinha resposta em minha atônita mente: os *Mestres*

estavam chegando! Eles desceram por toda a extensão desde as regiões mais elevadas da parte ainda visível da Criação, uma viagem comparável em "distância" com a minha desde a Terra. Eles tinham vindo até a fronteira mais inferior de seu reino para nos encontrar diretamente, para um intercâmbio em diversos aspectos que eu possivelmente não conseguiria desvendar em meu estado. Contudo, eu estava bastante feliz de ter impressões, mínimas que fossem, acerca da essência do que acontecia.

Com a chegada dos *Mestres*, senti que me tornava pleno de uma fantástica leveza flutuante e triunfante perspicácia, como se de repente muitos e muitos véus fossem levantados e eu pudesse captar vertiginosas quantidades de dimensões e reinos de diferentes existências sem fim. E cada um desses reinos estava saturado de infinitas variedades de vida, dentro de seus respectivos ambientes, não-físicos ou de algum modo de aparência física. Essa súbita explosão de conhecimento de proporções de "megatons" quase que arrebentava todos os fusíveis em minha mente. Senti uma extasiante expansão de minha consciência, que agora parecia conter incríveis variações cósmicas. Embora me sentisse triunfantemente feliz além da imaginação, estava próximo de explodir e partir desta para melhor e para sempre. Senti que era uma totàl impossibilidade sustentar a manutenção de tal visão em "mim" por mais tempo, especialmente com aquela quantidade de detalhes vívidos que não poderiam ser contidos mesmo dentro de mil mentes humanas.

A essa altura, me resgatando daquele impasse, um novo desenvolvimento se deu, que superou tudo o mais até então, esvaziando o terrivelmente grandioso panorama cósmico em minha pobre mente humana. Bem acima, o centro do céu azul-anil literalmente se abriu, deixando uma luz ofuscan-

temente brilhante, branco-dourada, se derramar sobre todos nós e por todas as coisas de um modo suave e acariciador. Meu coração, meu ser inteiro, transbordava com uma alegria quase insuportável, ao sentir um grande amor que me tocava e envolvia, junto com todos os outros mais presentes. "É ele! Ele está vindo!" Telepaticamente eu "ouvia" a multidão exultante. Estranhamente, nenhum nome foi "mencionado", o que me pareceu bastante natural naquele momento.

Intensa vibração de força me tocou por dentro, até o âmago. Subitamente, senti como se estivesse olhando através de mil olhos para o interior da luz branco-dourada; mirando, sem poder compreender, um vasto aglomerado de indescritíveis esferas de grandes harmonias, que estavam carregadas de gigantes seres de pura energia, em estarrecedora variedade. E o total de todos esses seres se adicionava para formar e fazer parte da interioridade de uma única entidade, que a todos incluía – *Ele!* Aquele parecia, em última instância, o modo de ser além do qual havia apenas uma vaga idéia de dimensões e modalidades ainda mais sublimes a serem vistas, e para além do qual todo meu ser quase que se fundia com a própria fonte da luz branco-dourada.

Ao mesmo tempo em que "olhei" aquela cena grandiosa, senti como se estivesse sendo observado, estimado em meu ser mais interior, analisado, avaliado a que ponto eu e minha humanidade "terrena" se encontravam. Eu era capaz de quase ver a "mim" de verdade através dos olhos "deles". Por um estonteante momento, meu "olhar para eles" e o "olhar deles para mim" se cruzaram e se fundiram de um modo do qual eu não poderia dizer se eles eram realmente "eu" ou eu realmente "eles", ou quem era quem de alguma forma – pois isso já não importava, porque todos éramos um, e o que era

externo ou interno era apenas uma questão de pontos de vista polarizados.

Então, simplesmente, desisti de tentar separar meu pequeno "eu" dos potentes "eles" ou o que quer que fossem; desisti de comparar ou compartimentar. De alguma forma, eu sabia que tudo aquilo fazia sentido, todas as dualidades eram resolvidas desde um ponto muito mais elevado e que a tudo abarcava, o qual não estaria ao meu total alcance, devido a óbvias limitações. Para além desse ponto mais elevado dentro da totalidade de minha percepção, eu apenas sentia um grande alívio, sabendo que tudo estava muito bem e era tão importante em minha forma e em meu estágio quanto no de qualquer uma das entidades que eu contemplava. Éramos todos uma grande família, desde o mais simples até o mais excelso. Todos pertencemos ao mesmo vasto corpo da Humanidade, em qualquer forma, dimensão ou modalidade. Para certo tempo futuro poderei me tornar como eles, e houve um tempo em que eles eram uma modesta entidade como eu. Tudo era apenas uma questão de experiências através de diversos modos de existância, enquanto se aprende e cada vez mais se desenvolve em conhecimento, habilidade, estatura. Contudo, cada fase dessa grande aventura de crescimento é em si mesma igualmente importante e deve ser desfrutada em sua inteireza, experimentada por completo em cada um de seus momentos. A única coisa importante é viver no "aqui e agora", porque isso vem a ser a extremidade sempre presente do ser de cada um e de seu desenvolvimento. De outra forma, perder-se-ia inteiramente o ponto exato da existência.

Formas, modos, níveis são apenas produtos da consciência. Tempo e espaço não existem realmente como tais num sentido puro, apenas como derivados de nossos diferentes

sistemas autolimitados. Entidades menos evoluídas, como da minha espécie, funcionam em um dado sistema, apenas um de cada vez. Mas aquelas mais evoluídas podiam viver em vários sistemas simultaneamente, em qualquer forma ou em nenhuma forma que fosse, conforme lhes aprouvesse. Por exemplo, os *Mestres* existiam predominantemente em sua essência, sem nenhuma forma de qualquer espécie. Mas eles poderiam escolher uma forma apropriada para se manifestar conforme a ocasião; uma forma que simbolizasse sua essência de modo apropriado.

Certamente, sem minha ativação sensorial, eu não poderia ter chegado nem mesmo perto de peceber nada daquilo, muito menos compreender uma fração do que alcancei em meu estado ativado. Mesmo assim, eu poderia chegar apenas a um fac-símile razoavelmente próximo da verdade, já que minha organização psicológica, baseada nas percepções dos sentidos, permitia apenas esse tipo de interpretação, na melhor das hipóteses.

Todas essas revelações, e muito mais, vinham automaticamente penetrando em meu ser, fosse o que fosse aquele "meu ser" naquele momento. Embora minha consciência individual deva ter-se expandido tremendamente, assim como a de todos os outros no *Jardim*, suspeitei que eu/nós convalescíamos em um grande campo coletivo de consciência, com apenas pontos focais individuais, na medida em que eram retidos os "eus".

Depois de algum tempo, tudo começou a ficar embaçado, quando decidi me deter na essência de todas aquelas manifestações, ao invés de meramente em suas formas. Então, enquanto alguma parte de mim continuava a tatear em torno das "essências", sentia-me transcendendo com todo meu ser diretamente para dentro da luz branco-dourada, ao

mesmo tempo em que uma onda após outra, de júbilo extasiante, me tomava por inteiro...

Meu último farrapo consciente de pensamento me disse que tudo mais era realmente irrelevante, e que nada, nada mais importava: pois eu estava de volta ao lar, o único lar de verdade que qualquer um jamais pôde ter...

* * *

Por quanto tempo estive "fora de mim", não tenho idéia. Quando voltei para minha pessoa "normal", tudo a minha volta estava escuro e quieto. O *Jardim* se achava deserto, embora ainda parecesse amigável e em paz. Sentia-me transbordantemente feliz e extraordinariamente leve. Não havia mais ninguém por perto, além de mim e sis outros monges com capelo, agrupados em volta. Névoas se erguiam do chão, interferindo mais ainda na visibilidade já limitada.

Uma figura num hábito religioso surgiu da névoa e parou diante de nosso pequeno grupo dos sete. Era facilmente reconhecível por sua cabeça loura descoberta. Era Quentin. Era ele, certamente, porém com uma grande diferença. Agora se mostrava silenciosamente radiante, com um suave halo de luz que o tornava quase de "um outro mundo". Que transformação!

– Saudações a vocês todos, bravos peregrinos. – Começou a falar, evidentemente, para todos nós. – O *Festival* terminou; que sua beleza e força possam estar com vocês por muito tempo. Todo esse evento pareceu ter duração de apenas umas poucas horas para vocês, mas para outros ele foi bem mais do que um mês. Tudo isso é muito relativo para cada um que se encontra em seu próprio nível de compreensão. Com o encerramento do *Festival*, a visita de vocês a esta dimensão chega também a seu final. O propósito da Odisséia

de vocês foi atendido, minha missão foi cumprida. Vocês tiveram uma viagem memorável. Vocês viram o *Conselho dos Guardiães,* assim como os *Mestres Ascensionados*. Eles viram vocês e aprenderam em primeira mão em que estágio de evolução cósmica vocês e os da espécie terrena se encontram, quais são seus potenciais realizáveis em possíveis futuros. Eles se comunicaram longamente com cada um de vocês em base individual; entretanto, simultaneamente, com cada um dos outros na multidão. Algumas das partes desse processo foram admiravelmente compreendidas por vocês. Além disso, vocês todos experimentaram a Odisséia inteira e o evento coletivo do *Festival* em suas totalidades costumeiras, percebendo tudo por meio de seus sentidos "objetivos", não apenas num sonho ou numa visão. Essa participação integral era o outro propósito da missão. Essa é a razão pela qual vocês foram trazidos aqui corporeamente por intermédio de viagens no espaço exterior e elaborados processos moleculares. "Mas a tecnologia não é a resposta mais acabada, por mais necessária ou impressionante que possa parecer. É inteiramente possível a realização de viagens similares por si próprios, por intermédio de seus espaços interiores. Sem o corpo, é claro; somente por meio de suas consciências, que é o único verdadeiro viajante e o único verdadeiro experimentador. Quanto mais avançada a consciência de vocês, mais reais serão suas viagens para as várias dimensões. É claro que, no começo, suas excursões serão descontínuas, as percepções e recordações um tanto difusas. O processo é remotamente similar àquilo que as pessoas da Terra chamam de viagem astral ou "anímica". Ele pode ser desenvolvido através de métodos de meditação apropriados e outros do mesmo tipo. Esses métodos podem ser de grande auxílio para um primeiro começo, mas even-

tualmente vocês terão que aprender por si mesmos através de suas próprias habilidades. De outra forma, não chegarão a nenhum lugar. A visita de vocês se encerra agora. Vocês serão levados de volta a seus respectivos lugares de moradia. Logo uma nave etérica pousará aqui para levá-los através do *Olho* até a região da *Barreira do Caos*. Essa nave que está para vir é mais como uma forma-pensamento, criada pelo *Conselho* para a ocasião. Uma vez realizada sua tarefa, ela simplesmente se dissolverá. A força propulsora serão suas vibrações materiais que cada vez mais ganharão em peso, a detecção da direção sendo feita pela tendência natural de suas *peles-fantasmas* de retornar à origem na *Nave-Fantasma*. Engenhosamente simples. Devido a seus estados ainda elevados de consciência, vocês saberão de todos os detalhes "técnicos" relevantes da viagem de retorno. Isso acontecerá através de um processo natural de interligação mental com a inteligência condutora da nave. Vocês estarão aptos simplesmente a "ler" a mente da nave, quer seja esta a *Nave Etérica* que está vindo, ou a *Nave-Fantasma*, ou o disco-voador ou outra qualquer. Aliás, dessa forma vocês estarão aprendendo a pilotar qualquer um desses veículos. E isso é bastante intencional da parte do *Conselho*. Os *Guardiães*, na verdade, desejavam que vocês aprendessem a pilotar, pois esse era um outro propósito de sua Odisséia. No caminho de volta para a Terra, vocês serão treinados para operar tipos maiores de *naves de resgate*, que são capazes de acomodar até centenas de pessoas, e também treinados para pilotar *Arcas Espaciais*, para o translado de efetivamente milhares de pessoas de uma vez. Com esse treinamento, vocês poderão servir de auxílio de diversas formas, caso a *Operação Resgate* se torne necessária numa situação extrema. O *Conselho* deseja que vocês exercitem suas discrições pessoais ao lida-

rem com o resgate do povo da Terra, e também ao assumirem o controle em substituição à mente central da nave se as condições locais assim o exigirem. Certamente que, tudo isso, sob uma condição apenas: se de acordo com as intenções do *Conselho* baseadas na harmonia com a lei cósmica, da qual vocês estarão cientes por completo quando chegar esse momento.

Quentin continuou:

– O conhecimento operacional que vocês deverão absorver é por demais intrincado para recordação consciente, enquanto vocês se encontrarem em seus estados rotineiros. Ele ficará, entretanto, retido em vocês, sujeito a uma ativação apropriada por meio de aumentos da freqüência vibracional. Em caso de necessidade, faremos contatos com vocês, desde que estejam dispostos a cooperar para o interesse público. Até então, vocês devem se sentir livres para se manter em silêncio, ou falar a respeito de suas experiências. Entretanto, pode vir a custar a vocês algum tempo em seus estados rotineiros, para que possam recordar imagens, pelo menos aproximadas, de todos esses eventos. A amnésia parcial é, também, bastante normal. Para facilitar uma recordação mais completa, pode servir de ajuda a meditação; especialmente, com um grupo de pessoas em condições mentais semelhantes. Os resultados de se usar energias em grupo para ativação podem ser surpreendentes, especialmente se algum dos membros sabe como direcionar a soma total de energias com seletividade. Vocês podem achar útil a formação de grupos-semente ou o ingresso em algum daqueles já existentes, que buscam uma reorientação no sentido de um sistema de valores e um estilo de vida mais sensíveis, uma nova consciência mais gratificante – no sentido da luz, por assim dizer. Pois esse tipo de processo tem

sido geralmente conhecido como um direcionamento no sentio da Luz. Na Terra, já existem muitos Centros ou Templos da Luz; e muitos outros serão abertos através de esforços grupais, onde as pessoas de mente semelhante podem obter informações, conforto e desenvolvimento para a nova "Era de Aquario" que se aproxima. Brevemente, vocês terão uma primeira impressão do significado da interligação mental. Nos momentos a serem compartilhados de sua viagem de retorno, todos estarão viajando dentro das mesmas naves espaciais, porém em compartimentos isolados, para a preservação do anonimato. No entanto, serão levados a conhecer a essência de cada um dos outros através de uma osmose telepática natural. Esse processo se dará num nível muito além das palavras ou imagens; todavia, em outros níveis, a mente de vocês estará fluindo para a dos outros. Outros conhecimentos que vocês possam vir a sintetizar a partir do evento vão depender da capacidade individual de cada um. Isto será, no entanto, uma interessante experiência de formação de uma rede mental e de sinergia. No futuro, vocês provavelmente cruzarão caminhos, ou o caminho daqueles que tiveram viagens diversas ou contatos com a gente. Nesses casos, vocês sentirão algum reconhecimento revelador através de seus "sextos sentidos". Algumas vezes poderá valer a pena seguir este tipo de percepção para o estabelecimento de contato com essas pessoas. Por meio de um esforço conjunto será mais fácil de armar por inteiro seus quebra-cabeças, o que poderá desencadear as respostas a diversos aspectos obscuros de sua Odisséia. Então poderão descobrir que as estórias individuais se diferem um pouco, dependendo de como se conseguiu chegar aqui, como se perceberam os eventos, e de como se atribuiu uma interpretação a tudo.

Um tênue fulgor de luz apareceu no céu anil, sem estrelas, vindo em nossa direção. Ao se aproximar de nós para efetuar o pouso, mostrou ser um veículo espacial de forma rombóide, branco-azulado, delicadamente transparente. Propriamente, ele se parecia com uma frágil forma-pensamento...

– Aqui está seu transporte etérico, senhoras e senhores. Podem se dirigir diretamente para seus compartimentos. O resto é automático – informou Quentin. – E agora é hora de dizer adeus e boa-viagem. Foi um privilégio e um prazer trabalhar com cada um de vocês. Após seu retorno à Terra, descobrirão que o tempo total transcorrido desde sua partida de lá foi de cerca de três dias. Adeus, até quando nos encontrarmos de novo! – Quentin nos saudou calorosamente ao partimos.

Todos nós, sete peregrinos, começamos a caminhar na direção do rombóide-etérico da cápsula espacial já à nossa espera. A viagem de volta, conclusão da grande aventura extraterrena, se iniciava. Estranhamente, no entanto, para mim não parecia que se aproximava o final da Odisséia Espacial. Parecia, antes, um novo começo: a excitação me dominara, como se estivesse embarcando numa aventura ainda maior que viria...

APÊNDICE DO AUTOR

SOBRE O AUTOR

Nasci na Hungria, em 1928. Desde 1957 tenho vivido em Toronto e trabalhado na indústria de comunicações como técnico-eletrônico. Em contraste com meu desinteresse anterior pelos fenômenos extraterrenos e assuntos desse tipo, tornei-me ativamente engajado nos campos psicometafísicos e outros afins desde meus primeiros encontros com discos-voadores de 1974-75. Após todos esses anos, meus amigos extras ainda se mantêm em contato. Eles têm maneiras próprias de se comunicar, além de monitorar pessoas e eventos.

Agora entendo toda a importância da missão de nossos amigos extras do espaço, e decidi fazer minha parte em auxílio de sua causa. Disponho-me a dvulgar minhas experiências, para ampliar o conhecimento público acerca da existência de inteligências extras interessadas nos *assuntos terrenos*, e agir de acordo com os insistentes apelos de meus amigos extras, espalhando a notícia acerca deles, enquanto vou tendo acesso a novas peças de informação. Pois sou agora parte do time deles; sinto que meu envolvimento nesse campo está apenas em começo, e que haverá muitas outras experiências e encontros de que participarei...

Vivemos em um mundo de vastas forças, tanto visíveis quanto invisíveis, as quais exercem tremenda influência sobre nós. E o fato é que algumas dessas forças são boas e

amigáveis, ao passo que outras são más e hostis em relação a nós. Há uma força obscura, uma oposição que se manifesta, de extras hostis, lá fora e em nosso meio, que são chamados de *"os-homens-de-preto", amplamente conhecidos nos círculos de pesquisa de ufos* devido à psicológica ação belicosa contra testemunhas de ocorrências com os discos-voadores. Bem, também me tornei alvo de suas táticas de constrangimento e tentativas de silenciamento.

Nos últimos anos tenho recebido, da parte deles, muitas chamadas telefônicas constrangedoras. E ultimamente, desde a preparação para que meu livro de experiências extraterrestres fosse editado, eles foram mais insistentes em suas atividades contra mim. Certa feita, fui confrontado por três *"homens-de-preto"* num carro preto, que me deixaram terrivelmente aturdido. Poucos dias depois encontrei uma nota ameaçadora (ver o artigo de jornal *Os Temíveis Homens-de-Preto*, a seguir) da parte deles no interior de meu carro trancado. Tarde da noite de 3 de outubro último *três homens-de-preto* tentaram me assaltar, num terreno deserto, no centro da cidade. Em seguida, em fevereiro de 80, um grande carro preto jogou meu auto para fora da estrada.

Desde que, ultimamente, comecei a coletar material de pesquisa sobre eles, com o propósito de escrever novo livro expositivo, e também por estar à espera de um notável adversário deles, que fará contato comigo para trazer algum material revelador – a campanha de terror dos *homens-de-preto* contra mim está, provavelmente, longe de terminar.

Oscar Magocsi

Toronto, 21 de março de 1980

The dreaded Men In Black

Six years ago, a free-lance writer named Paul Longstaff rented an isolated cottage in upper New York State to write a book he had been planning for years.

Longstaff was a UFO enthusiast and in the book he intended to expound on his pet theory: that without our knowledge, we had already been invaded from outer space — and extra-terrestrial beings were living here on Earth.

At first, the work went well. Then, on a clear brisk April morning, he received a visit from the Men in Black.

"There were three of them," he wrote to a friend after the visit. "They arrived in a black limousine and all were dressed in identical black suits."

According to Longstaff, the men had come to him with an extraordinary tale. They knew he was writing a book about alien beings, they told him. And they had come to ask him not to publish.

"They identified themselves as extra-terrestrials," Longstaff wrote later. "They said they were currently conducting mining research and exploration under the polar ice cap and in the Bering Sea.

"They were very intimidating," he added. "They said that I would simply be 'removed' if I did not comply with their wishes."

Last year, Longstaff finally finished the manuscript and mailed it off to a well-known publishing house. They liked it, decided to publish it and are now trying to contact him in order to obtain his signature for the necessary book contract.

But they are not having much success.

Paul Longstaff has disappeared.

REFERÊNCIAS: Recorte de jornal que o autor encontrou no assento de trás de seu carro vários dias depois de seu primeiro confronto com os homens-de-preto. O que está sublinhado ao fundo está em vermelho. Uma possível advertência ao autor - "para não publicar seu livro?"

(Do *Sunday Sun*, Toronto, Ont., 23 de fevereiro de 1975)

Os Temíveis Homens-de-Preto

Há seis anos um escritor independente, com o nome de Paul Longstaff, alugou um chalé isolado na parte norte do

Estado de Nova Iorque, para escrever um livro que ele planejara por muitos anos.

Longstaff era um entusiasta acerca de *ufos* e em seu livro tencionava expor acerca de sua teoria predileta: de que, sem nosso conhecimento, já havíamos sido invadidos desde o espaço exterior – e seres extraterrenos estavam vivendo aqui na Terra.

De início, o trabalho prosseguiu de maneira adequada. Então, numa clara e saudável manhã de abril, ele recebeu uma visita dos *homens-de-preto*.

"Estavam ali três deles" – ele escreveu a um amigo após a visita. – "Eles chegaram numa limusine preta e trajavam ternos pretos idênticos."

De acordo com Longstaff, aqueles homens foram ter com ele com uma estória extraordinária. Sabiam que ele estava escrevendo um livro acerca dos seres extraterrenos, assim o disseram. E estavam ali para pedir que não o publicasse.

"Eles se identificaram como extraterrenos" – escreveu Longstaff posteriormente. – "Disseram que estavam àquela altura procedendo a pesquisas de mineração e exploração sob a calota de gelo polar e no Mar de Bhering. Tentaram me intimidar bastante" – acrescentou ele. – "Disseram que eu seria simplesmente "removido" caso não me submetesse ao desejo deles."

Ano passado, Longstaff finalmente terminou o manuscrito e o enviou pelo correio para uma conhecida editora. Os editores gostaram do livro, decidiram publicá-lo, e agora estão tentando contatá-lo a fim de obter sua assinatura para o necessário contrato.

Mas eles não estão tendo muito sucesso.

Paul Longstaff está desaparecido.

APÊNDICE DO EDITOR CANADENSE

Lago Ontário

Oscar Magocsi, não estando a par da atividade de *ufos* sobre o Lago Ontário até o final de 1979, ficou perplexo ao tomar conhecimento da impressionante onda de aparições de *ufos* durante o período de sua experiência naquela área.

Na noite de 21 de março, o avistamento de um *ufo* foi registrado sobre o lago, a cerca de 800 km de distância da embocadura do Rio Niagara. O avistamento foi verificado pela Força Policial Regional de Niagara. Cinco noites depois, a 26 de março, em Port Weller, Ontário, *ufos* foram observados, por diversas testemunhas, a aproximadamente 27 quilômetros para dentro do lago. Os objetos tornaram a ser verificados pela Força Policial de Niagara e pela Polícia da Província de Ontário, além do fato de os operadores de radar do Aeroporto Internacional de Toronto terem concluído que os objetos eram "de natureza sólida e não eram tráfego aéreo normal". Residentes da orla norte do Lago Ontário observaram também essa aparição de *ufos* entre Oakville e Mississauga (logo a oeste de Toronto).

Treze noites depois, em 8 de abril, *ufos* foram vistos pela Força Policial de Niagara próximo a St. Catherines e à área de Port Weller. A Força despachou botes e um avião para darem buscas na área, que retornaram sem nenhum sinal positivo, depois de percorrerem o local em vão. Numerosos residentes na área de St. Catherines e Welland Canal viram também as luzes. Mais tarde, naquela mesma noite, em Niagara-do-Lago, Peter Werner e dúzias de testemunhas observaram mais *ufos*, que foram fotografados por Peter.

As aparições de *ufos* continuaram na noite seguinte, a 9 de abril, vindos de Niagara-do-Lago. Mais de 30 testemu-

nhas observaram um *ufo* na embocadura do Rio Niagara, a menos de meio quilômetro da orla.

Será mera coincidência que estes objetos vistos sobre o lago sejam da mesma cor – laranja – exatamente como descrito pelo autor durante seus encontros na área de Huntsville e também o fato de que muitas dessas fotografias foram obtidas na mesma área do primeio trânsito interdimensional do autor sobre o Lago Ontário? De acordo com o Laboratório Nacional de Prospecção Oceânica, mapas do Lago Ontário, publicados pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, indicam uma variação magnética de aproximadamente 8º na mesma área (ver Mapa de Prospecção do Lago, página 86, "área de janela").

Durante o período entre março de 1975 e março de 1980, a Organização de Ufos do Nordeste fotografou bem mais que duzentas chapas de *ufos* manobrando no céu sobre o Lago Ontário!!!

(Ufo Media Publications Group – Mississauga, Ontário, Canadá.)

AVISTAMENTOS

FLYING saucers exist — that's the view of, from left, Murray Martin, radio man Andy Parks and Ed Thornton. —hugh wesley sun

UFOs 'over Pickering'

By MARK BONOKOSKI
Staff Writer

Air traffic controllers say "no way" but there are three ambulance drivers, one policeman, and one deejay who are "damn sure" a dozen UFOs scanned Pickering's nuclear power station last night.

"For eight hours they were up there, floating around, zipping this way and that," said Andy Parks, music director of 14 CHOO radio in Ajax. "Red, green, orange, yellow, hot pink.

"Maybe a mile high. I've seen reports on the news wire for the last six years about UFOs. Never believed them. But seeing is believing."

Parks, following reports of UFO sightings last night, went with a news crew down to Pickering power station where the objects seemed to be centring.

With him were a number of spectators including Ajax-Pickering ambulance drivers Ed Thornton, Murray Martin, and Russ Abram. Durham Regional Police Constable Bob Usher saw the commotion, drove down, and saw the "unidentified flying objects."

Abram said his 12-year-old daughter Karen phoned from home saying that she saw "something strange over the lake" from their ninth-floor apartment . . . and Dad confirmed it was "strange indeed."

But air controllers in Toronto and Oshawa said last night they had heard word of sightings but "picked up nothing on radar."

"You never do on reports such as this," said Toronto International supervisor Don Finlay. "If you do, then that's news."

But Parks "swears" that last night Oshawa flight control tower confirmed the objects as "unidentified."

Last night, however, officials there said they "did not see any UFOs."

Parks, who has a private pilot's licence, said "no planes move like that, no planes pulsate like that.

"Pickering's power station is one of the most powerful in the world. Right?

"Well, someone from another world is on to it now. Believe me!"

The Toronto Sun, Wednesday February 5, 1975

REFERENCIAS: Há exatos oito meses antes, uma dúzia de *ufos* se espalhava sobre a usina nuclear de Pickering (Arquivo da Org. de *Ufos* do Nordeste).

UFOs "sobre Pickering"

Por Mark Bonokoski (Redator)

Os controladores de tráfego aéreo dizem "nada a declarar", mas há três motoristas de ambulâncias, um policial e um disc-jóquei que declaram "ora-raios, com certeza" que uma dúzia de *ufos* pecorreu o espaço acima da usina nuclear de Pickering na noite passada.

"Por oito horas eles estiveram lá por cima, flutuando em torno, riscando o céu pra lá e pra cá" – disse Andy Parks, diretor musical da rádio – CHOO, de Ajax. – "Vermelhos, verdes, laranja, amarelos, rosa-choque. Talvez a uma milha de altura. Eu já vi notícias no teletipo nos últimos seis anos acerca dos *ufos*. Nunca acreditara. Mas ver significa crer."

Parks, seguindo relatos de avistamentos de *ufos* na noite passada, foi com um grupo de reportagem até a usina nuclear de Pickering, onde os objetos pareciam estar se concentrando. Com ele estava um bom grupo de espectadores, incluindo os motoristas da ambulância de Ajax-Pickering, Ed Thorton, Murray Martin e Russ Abram. O guarda Bob Usher, da Polícia Regional de Durham, acompanhou a movimentação, foi até lá de carro, e viu os "objetos voadores não-identificados".

Abram disse que sua filha de 12 anos telefonou de casa, dizendo que tinha visto "alguma coisa estranha sobre o lago", de seu apartamento no nono andar... e o pai confirmou que era "estranha mesmo".

Entretanto, os controladores de tráfego aéreo em Toronto e Oshawa disseram ter escutado na noite de ontem alguém

falando de avistamentos, mas que "não tinham apanhado nada no radar".

"Você nunca apanha nada quando há relatos desse tipo" – disse o Supervisor Internacional de Toronto, Don Finlay. – "Se apanhar, então, vai virar notícia."

Parks, porém, "jura" que na noite de ontem a torre de controle de vôo de Oshawa confirmara os objetos como "não-identificados".

Na noite de ontem, contudo, oficiais locais disseram "não ter visto nenhum *ufo*".

Parks, que tem licença particular de piloto, disse que "nenhum avião se move daquele jeito".

"A usina nuclear de Pickering é uma das mais potentes do mundo, certo? Bem, alguém de algum outro mundo está de olho nela. Acredite no que estou falando!"

(*The Toronto Sun*, quarta-feira, 5/fev./1975.)

Impresso na
EBCA Editora e Gráfica Ltda.
Rua Silva Vale, 870 - Cavalcante
Rio de Janeiro - RJ

LIVROS QUE NÃO PODEM FALTAR EM SUA BIBLIOTECA

A VIDA EM SATURNO

(Ditado pelo espírito de Maria de Nazareth)
Diamantino Coelho Fernandes

Visando contribuir, na medida do possível, para maior conhecimento da vida e costumes dos habitantes de Saturno, Diamantino Coelho Fernandes pediu ao Irmão Thomé que consultasse a Excelsa Mãe de Jesus sobre se seria possível obter maiores informações acerca da vida naquele planeta.
Dois dias após essa consulta, o Irmão Thomé informava que Nossa Senhora concordara, dispondo-se a pesquisar nos arquivos do mundo espiritual o que neles houvesse em torno da vida em Saturno e logo iniciaria o ditado nesse sentido, o que, feito, encontra-se neste livro.

A PROFECIA DO MAGO

Renata de Castro Melo e Maurício Mont'Nave

Renata de Castro Melo, professora, paulista de nascimento, desde há muitos anos se dedica ao estudo dos mistérios da vida. De sua amizade com o Professor Maurício Mont'Nove, renomado tarólogo e profundo conhecedor das ciências esotéricas, surgiu a idéia de escrever A PROFECIA DO MAGO, pois tomara conhecimento dos fatos narrados neste livro através do amigo, e ambos acham tratar-se de uma história digna de ser escrita como mensagem de fé e coragem àqueles que em alguns momentos de suas vidas se desesperam. Dessa união de pensamento e esforços surgiu a presente obra, que esperam seja do agrado de todos.

MINHA ODISSÉIA EM NAVES EXTRATERRENAS

Oscar Magocsi

Neste livro o leitor encontrará informações sem precedentes sobre extraterrenos de civilizações ancestrais, sua surpreendente tecnologia de naves operadas por força mental, suas tradições, suas formas de organização numa imensa Confederação de Mundos, e seus propósitos em relação à civilização da Terra.

Essas informações foram colhidas em primeira mão pelo canadense Oscar Magocsi, de Toronto, que foi levado por esses seres de alta evolução para um intenso programa de instrução na esfera Argona. Este livro traz ainda impressionantes revelações sobre o passado e o futuro da Terra, as técnicas utilizadas pelos extraterrenos para autoconhecimento, saúde, espiritualidade, assim como uma descrição da tecnologia e das atividades artísticas desenvolvidas num planeta de intercâmbio administrado por uma das mais refinadas sociedades pertencentes à Confederação. O encontro com os Guardiães dá ao final um caráter sublime a essa odisséia extraordinária.

Escrito em estilo direto e transparente, esse relato não é uma estória de ficção científica e seu autor se mantém fiel à sua estória desde então, continuando sua vida e seu trabalho normalmente, conforme fazia antes da aventura.

ATENDE PELO REEMBOLSO POSTAL